

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA

CÁSSIO MARCILIO MATOS SANTOS

**O REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL NO PROCESSO DE GESTÃO DO  
CONHECIMENTO DO ENSINO SUPERIOR**

Apoio: CAPES

Maringá

2025

CÁSSIO MARCILIO MATOS SANTOS

**O REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL NO PROCESSO DE GESTÃO DO  
CONHECIMENTO DO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração ao Programa de Pós-graduação em Administração, na área de Marketing e Cadeias Produtivas, da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Koki da Costa Nogami.

Apoio: CAPES

ODS contemplados: 04, 08, 10, 12

Maringá

2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237r	<p>Santos, Cássio Marcilio Matos</p> <p>O repositório institucional no processo de gestão do conhecimento do ensino superior / Cássio Marcilio Matos Santos. -- Maringá, PR, 2025. 122 f. : il., figs., tabs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Vitor Koki da Costa Nogami. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2025.</p> <p>1. Produção científica - Divulgação. 2. Acesso aberto. 3. Repositório institucional. 4. Gestão do conhecimento - Disseminação. I. Nogami, Vitor Koki da Costa, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 658.4038</p>
-------	---

## ATA DE DEFESA PÚBLICA

### Cooperação entre Instituições para Qualificação de Profissionais de Nível Superior (PCI) UEM/UESB

Aos oito dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e cinco, às nove horas e trinta minutos, realizou-se a apresentação do Trabalho de Conclusão da Turma Temporária de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração UEM/UESB - Cooperação entre Instituições para Qualificação de Profissionais de Nível Superior (PCI), sob o título: "O repositório institucional no processo de gestão do conhecimento do ensino superior", de autoria de **CÁSSIO MARCILIO MATOS SANTOS**, aluna(o) do Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado) – Área de Concentração: Organizações e Mercado. A Banca Examinadora esteve constituída pelos docentes: Dr. Vitor Koki da Costa Nogami (presidente), Dr<sup>a</sup> Rejane Sartori (membra examinadora externa – Programa de Pós-Graduação em Gestão de Conhecimento nas Organizações / UNICESUMAR) e Dr. João Marcelo Crubellate (membro examinador do PPA).

Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a banca examinadora faz constar a(o) candidata(o) a condição de APROVADO (Aprovado / Aprovado com correções / Reformulação do trabalho / Reprovado) pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelo coordenador e pelos membros da Banca Examinadora.

OBS: Esta ata não vale como certificado de conclusão do curso de pós-graduação em Administração. A obtenção da titulação de mestre em Administração está condicionada ao depósito da versão definitiva em PDF e não editável, com todas as correções feitas e atestadas pelo orientador, com a ficha catalográfica da BCE/UEM, no prazo máximo estabelecido no regimento do Programa, de acordo com a condição de aprovação.

EM TEMPO: Houve alteração no título da dissertação? Se sim, descrever aqui:

OBS: Em caso de "REFORMULAÇÃO DO TRABALHO", haverá necessidade de nova defesa pública?

SIM;  NÃO

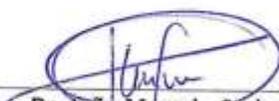
Maringá, 08 de maio de 2025.



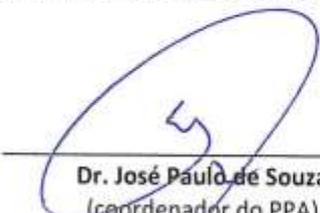
Dr. Vitor Koki da Costa Nogami  
(Presidente)



Dr.ª Rejane Sartori  
(membra examinadora externa –UNICESUMAR)



Dr. João Marcelo Crubellate  
(membro examinador do PPA)



Dr. José Paulo de Souza  
(coordenador do PPA)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus o Senhor de todas as coisas e dos seres que aqui vivem e florescem aqui na Terra. Na sequência, agradeço a todos que de alguma maneira vieram contribuir com esta dissertação de Mestrado. Algumas pessoas sanando dúvidas, outras trazendo reflexões que agora apresento. Este tema ainda é pouco discutido, sobretudo, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Todavia, muito há o que agradecer a todo o processo de formação que eu tive para poder chegar até aqui. Agradeço a todos os professores do PPA em especial ao Professor Dr. José Paulo de Souza (Coordenador do Programa de Pós-graduação em Administração - PPA/UEM) e o Professor Dr. Robério Rodrigues Silva (Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação) que souberam coordenar com maestria o convênio firmado entre a UEM e a UESB. Agradeço ao meu Orientador, Professor Dr. Vitor Koki da Costa Nogami, pelo apoio nos esclarecimentos e elucidações ao longo do processo de escrita e finalização desta Dissertação. Sem a sua ajuda este processo não seria possível. Agradeço também ao Professor Dr. Francisco Geovani David Vieira pelos primeiros acompanhamentos e sinalizações aos caminhos que deveriam ser percorridos. Agradeço a Bruhmer, secretário do PPA, que sempre se mostrou solícito nos atendimentos. Agradeço a Banca Examinadora de Defesa do Mestrado, o Professor Dr. Marcelo Crubellate e Professora Dra. Rejane Sartori, que trouxeram contribuições importantes para esta Dissertação. Todos muito simpáticos. Agradeço também aos participantes da pesquisa que na condição de entrevistados me permitiram ser a voz que compartilhava suas observações despertando um caminho adormecido. Isto possibilita trilhar novos rumos de confiança, igualdade e serenidade na universidade. Agradeço aos colegas de trabalho, sobretudo, colegas da Assessoria de Planejamento e Desenvolvimento e Avaliação Institucional (APDA) que me incentivaram nesta proposta-tema como sendo algo inovador e de grande relevância para as discussões acadêmicas e científicas da instituição. Também agradeço aos amigos que a vida tem me proporcionado, pois são solidários aos descompassos que o cotidiano me fez passar. Eles fazem parte do arcabouço de sentimentos e ainda que a desistência sempre estivesse ao lado esta não era uma opção a ser considerada. A vocês que por acaso leem esta dissertação eu também agradeço. Agradeço os incentivos da minha família com atenção especial a minha esposa Sara Rejane pelas compreensivas horas de ausência em nossos cafés da tarde. Eu sempre bagunçando a mesa com o material de estudos e ela sempre acreditando que no final tudo daria certo. Agradeço aos meus filhos Gabriel e Maria Júlia por serem filhos dedicados e ao mesmo tempo compreensivos. Agradeço aos meus pais, Nelson Amaral e esposa e a minha mãe Selma Maria (*em memória*),

que plantaram desde muito cedo o bom ânimo nos caminhos da boa educação. Estou na luta minha mãe! Agradeço as minhas irmãs pela força e estima. Agradeço ao meu avô Camerino Matos, pseudônimo “Cama” (*em memória*), no qual herdei o dom de burilar as palavras escritas como se fosse um ourives. Agradeço aos poemas e enredos lidos e nunca decorados, mas que me transformam cotidianamente em uma pessoa melhor. Agradeço aos acordes das músicas e sonoridades enlouquecidas que escuto, pois embalam os meus dias cansados e nostálgicos. A isto também agradeço. Agradeço aos insights ou inspirações divinas que me vem à mente numa certeza de que eu também compartilho das mesmas ideias. A isto chamo de “pedagogia inspiradora” em que minha alma sedosa de conhecimentos busca compreender quase o impossível e que aqui não se limita. Por isto, compartilho. Salve!

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal compreender como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação, *stricto sensu*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A partir deste foco, a pesquisa descreve como ocorre o processo de gestão do conhecimento da produção científica (teses, dissertações e artigos), identifica quais as condições institucionais para a implementação de um repositório institucional e avalia quais contribuições um repositório institucional pode trazer para a pós-graduação (*stricto sensu*). A pesquisa se ampara no referencial teórico apresentando a produção científica de uma universidade como veículo transformado do conhecimento. Aborda ainda a visão conceitual do repositório institucional com assertivas de diversos autores e pesquisadores que tratam deste tema, inclusive, fazendo um elo com a área de gestão do conhecimento. O referencial também trata de aspectos contributivos dos repositórios institucionais passando pelas vias de acesso, preservação e disseminação da produção científica. Como recurso metodológico, a pesquisa tem uma concepção empírica de natureza aplicada com abordagem qualitativa de caráter exploratória. A coleta dos dados ocorreu por meio de aplicação de roteiros semiestruturadas tendo a entrevista como principal objeto de coleta de dados. Os dados coletados seguiram a ordem dos segmentos entrevistados e estão organizados por categorias de análise conforme o referencial teórico consultado. Os achados procedem pela análise de conteúdo e foram organizados em categorias como produção científica, condições institucionais, gestão do conhecimento e contribuições de um repositório institucional. Para tanto, consideramos como *locus* da pesquisa o ambiente da pós-graduação, *stricto sensu*, da UESB, no campus de Vitória da Conquista-BA.

**Palavras-chave:** produção e divulgação científica, acesso aberto, repositório institucional, gestão da disseminação do conhecimento.

## ABSTRACT

The main objective of this study is to understand how an institutional repository can contribute to the process of managing scientific knowledge in postgraduate studies, *stricto sensu*, at the State University of Southwest Bahia (UESB), on the Vitória da Conquista-BA campus. From this, the research describes how the knowledge management process of scientific production (theses, dissertations and articles) occurs, identifies the institutional conditions for the implementation of an institutional repository and evaluates what contributions an institutional repository can bring to postgraduate studies (*stricto sensu*). The research is supported by the theoretical framework presenting the scientific production of a university as a transformed vehicle of knowledge. It also addresses the conceptual vision of the institutional repository with assertions from several authors and researchers who deal with this topic, including making a link with the area of knowledge management. The theoretical framework also addresses the contributory aspects of institutional repositories, including access, preservation, and dissemination of scientific production. As a methodological resource, the research has an empirical conception, and is of an applied nature with a qualitative approach of the exploratory character. Data collection was carried out through the application of semi-structured scripts, with interviews as the main object of data collection. The data collected followed the order of the interview segments and are organized by categories of analysis according to the theoretical framework consulted. The findings proceed through content analysis and were organized into categories such as scientific production, institutional conditions, knowledge management and contributions from an institutional repository. For this purpose, we considered the environment of the *stricto sensu* postgraduate program of UESB, on the Vitória da Conquista-BA campus, as the locus of the research.

**Keywords:** scientific production and dissemination, open access, institutional repository, access, knowledge management dissemination.

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Fluxo das Categorias de Análises	96
Figura 2	Categorias e Subcategorias	106
Figura 3	Interação entre as Categorias e Subcategorias	107

## LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	Marcos do Movimento de Acesso Aberto	32
Quadro 2	Conceitos e definições de conhecimento	36
Quadro 3	Resumo da Classificação Metodológica	49
Quadro 4	Definições Constitutivas e Operacionais	50
Quadro 5	Alinhamento dos Objetivos com os Procedimentos de Metodológicos	55
Quadro 6	Bloco de Perguntas do Roteiro	57
Quadro 7	Transcrição das Entrevistas	58
Quadro 8	Principais Relatos da Produção Científica	60
Quadro 9	Principais Relatos das Condições Institucionais	65
Quadro 10	Principais Relatos da Gestão do Conhecimento	77
Quadro 11	Principais Relatos das Contribuições do Repositório Institucional	88
Quadro 12	Categoria Produção Científica	99
Quadro 13	Categoria Repositório Institucional	101
Quadro 14	Categoria Acesso, Preservação e Disseminação	104
Quadro 15	Categoria Gestão do Conhecimento	106

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANPAD	Associação Nacional de Pós-graduação em Administração
AO	Open Access
BDOAKSH	Berlin Declaration Open Access Knowledge in the Science and Humanities
BDTD	Banco de Digital de Teses e Dissertações
BOAI	Initiative Budapest Open Access
BSOAP	Bethesda Statement on Open Access Publishing
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CSIC	Conselho Superior de Investigação Científica
EUA	United States of America
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
GAPP	Grupo do Administrativo de Programas de Pós-graduação
GDPP	Grupo de Discentes dos Programas de Pós-graduação
GCPP	Grupo de Coordenadores de Programas de Pós-graduação
GPPP	Grupo de Professores dos Programas de Pós-graduação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituições de Ensino Superior
IGI	Índice Global de Impacto
ISSO	Standard International Organization
LANL	Los Alamos National Laboratory
MEC	Ministério da Educação
MCTI	Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação
MIT	Institute Massachusetts Technology
OAI	Open Initiative Archive
OAIS	Open Archival Information System
OAIPMH	Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ORCID	Open Research and Contributor ID
OSI	Open Society Institute
OSM	Organização Sistema e Método

PMI	Project Management Institute
PNPG	Plano Nacional de Pós-graduação
RDF	Resource Description Framework
RWU	Ranking Web Universities
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
XML	Extensible Markup Language
WOS	Web of Science

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 Problema de pesquisa.....	22
1.2 Objetivos da pesquisa.....	23
1.2.1 Objetivo Geral .....	23
1.2.2 Objetivos Específicos .....	23
1.3 Justificativa .....	24
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>27</b>
2.1 A produção científica na ciência aberta .....	27
2.2 Visão conceitual sobre repositórios institucionais .....	33
2.3 O processo de gestão do conhecimento .....	35
2.4 Acesso, preservação e disseminação da produção científica .....	42
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>47</b>
3.1 Abordagem e natureza da pesquisa .....	47
3.2 Finalidade e propósito da pesquisa .....	48
3.3 Definições constitutivas e operacionais .....	49
3.4 Coleta de dados .....	53
3.4.1 Sujeitos da pesquisa.....	55
3.4.2 Transcrição das entrevistas .....	57
3.5 Análise e interpretação de dados.....	58
<b>4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>60</b>
4.1 Relatos sobre a produção científica.....	60
4.1.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP .....	61
4.1.2 Grupo de Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP .....	61
4.1.3 Grupo de Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP.....	61
4.1.4 Grupo de Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP.....	62
4.1.5 Grupo de Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP.....	63
4.2 Relatos sobre as condições institucionais .....	65
4.2.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP .....	65
4.2.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP .....	68
4.2.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP.....	70
4.2.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP .....	73
4.2.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP.....	74
4.3 Relatos sobre a gestão do conhecimento.....	77
4.3.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP .....	77
4.3.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP .....	79

4.3.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP.....	81
4.3.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP.....	85
4.3.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP.....	87
4.4 Relatos sobre as contribuições de um repositório.....	88
4.4.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP.....	88
4.4.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP.....	89
4.4.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP.....	89
4.4.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação – GPPP.....	93
4.4.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP.....	93
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>95</b>
5.1 Enfoque produção científica.....	96
5.2 Enfoque condições institucionais.....	98
5.2.1 Sobre as condições estruturais.....	99
5.2.2 Sobre as condições funcionais.....	99
5.3 Enfoque gestão do conhecimento no ensino superior.....	102
5.4 Enfoque contribuições de um repositório institucional.....	105
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>121</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De modo geral, as universidades brasileiras têm uma demanda complexa em permanecerem ativas atuando como centros de produção do saber e detentoras do conhecimento (Morin, 2009). Para Morin (2009), só se pode pensar um futuro quando se salva o passado. Transitando por esta via de conhecimentos, segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2024) ainda que o número de matrículas na modalidade *stricto sensu* vem aumentando nos últimos anos, os números não estão a contento. Por outro lado, existe uma carência na divulgação da produção científica da pós-graduação (Brasil, 2024). Sobretudo, a produção científica (teses, dissertações e artigos) que são frutos dos programas de pós-graduação das universidades e não tem tido uma devida divulgação e uma disseminação para toda a sociedade (Fonseca, 2019).

Para Fonseca (2019), quando uma banca de mestrado ou doutorado é noticiada o foco recai mais sobre o evento em si e não sobre os resultados e benefícios que ela poderia contribuir em termos de produção científica no país. Evidenciando, desta forma, que o cenário da educação no ensino superior tem suas complexidades (Morin, 2009) e, ao mesmo tempo, existe um cenário desafiador.

Neste contexto, as diretrizes e as determinações impetradas ao ensino superior pelo Plano Nacional de Pós-graduação – PNPG (2024-2028), especificamente no capítulo “*principais desafios a serem superados*”, tem como demandas outras a necessidade de transmissão do conhecimento produzido pelas universidades aos cidadãos que deixaram de ser atendidos pelo ensino superior (Brasil, 2022). A meta do PNPG é otimizar a ciência no Brasil aumentando o número de mestres e doutores (Brasil, 2022). Para além disto, o art. 207 da Constituição Federal, que versa sobre a autonomia universitária, prevê o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Afirmando, assim, que o tripé do ensino superior (Brasil, 2023) deve ser uma ação conjunta na universidade para formação intelectual do povo brasileiro.

Dito isto, torna-se necessário melhorar a comunicação e a divulgação científica dentro do contexto das instituições universitárias brasileiras (Manso, 2012; Meadows, 1999; Souza, 2013), com destaque para os processos de gestão do conhecimento. A divulgação científica entre a universidade e a sociedade possibilita uma nova forma de organização do conhecimento (Monteiro *et al.* 2019). Desta forma, uma vez que a produção científica não é divulgada, ou tenha limites em sua divulgação, pode ocorrer o desconhecimento de outros pesquisadores e

não tenha uma devida contribuição dos pares científicos. Por assim dizer, perdem o alcance global desejado e não chega a toda comunidade científica ou mesmo a sociedade civil.

Vários estudos (Albagli, 1996; Gomes, 2014; Manso, 2012; Rodrigues *et al.*, 2019) têm demonstrado a necessidade e a importância de as instituições universitárias melhorarem a comunicação e divulgação científica pelo bem da ciência e de toda a sociedade (Meadows, 1999; Souza, 2013; Valeiro; Pinheiro, 2008). Para Droescher e Silva (2014, p. 172), comunicação científica “[...] é um instrumento de progresso da ciência, pois visa a consensualidade entre seus pares”.

Sobretudo, vale acrescentar que a transmissão de conhecimentos perpassa pela pesquisa de novos saberes e a interligação destes se unem com as necessidades do desenvolvimento da sociedade. Segundo Martins Filho (1997), o primeiro compromisso da pesquisa universitária é com a geração e transmissão do conhecimento novo. Do mesmo modo, Sleutjes (1999) salienta que a instituição universitária como detentora do saber é também guardiã do conhecimento e de algum modo ela vem contribuindo para a formação das elites dirigentes. Logo, a universidade atua como motor propulsor da história. Porém, as universidades podem também ser instituições capazes de criticar o saber e fazê-lo evoluir a serviço da sociedade humana. Com isto, têm a possibilidade de formar profissionais que sejam capazes de assumir tarefas e possam contribuir com o progresso da sociedade (Sleutjes, 1999).

Diante disto, esta dissertação traz uma reflexão sobre a divulgação ou a disseminação da produção científica no qual deve ser algo natural e amplo para toda a sociedade (Fonseca, 2019). A presença do repositório nas universidades pode contribuir no processo de gestão do conhecimento como ferramenta de acesso, preservação e divulgação da produção científica possibilitando a geração do conhecimento para as universidades e para a sociedade.

De forma resumida, compreendemos a gestão do conhecimento como um processo que envolve as fases de aquisição, divulgação e disseminação de uma produção científica. Vale salientar que pela Organização Internacional de Padronização, a Standard International Organization – ISO, não há uma definição única sobre esta questão, mas compreende-se que as organizações criam e usam a gestão do conhecimento para melhorar os resultados do aprendizado no intuito de agregar valor organizacional a instituição. Logo, a gestão do conhecimento é compreendida como um processo contínuo de aprendizado nas instituições.

O fato é que em 1991, na tentativa de dar maior visibilidade a comunicação científica, surge o movimento *Open Science*<sup>1</sup> possibilitando que a ciência alcançasse patamares ainda mais altos (Mueller, 2019). O *Open Science* é um movimento mundial que visa tornar o conhecimento científico aberto e compartilhado a toda a sociedade (Borges *et al.*, 2019; Fachim *et al.*, 2009; Kuramoto, 2014; Martins, 2020; Rodrigues *et al.*, 2019; Vianna; Carvalho; 2013), sendo considerado as melhores práticas científicas de interação entre pesquisadores o que vem proporcionar uma maior qualidade e eficiência da pesquisa científica (Weitzel, 2019).

Para Monteiro *et al.* (2019, p. 70), considerando o movimento *open science*, “[...] pesquisadores de todos os lugares podem ter livre acesso as publicações científicas produzidas em outras instituições e podem melhor contribuir no processo de gestão do conhecimento científico”, sobretudo, nas universidades. Para Martins Filho (1997, p.52) “[...] o compromisso da pesquisa universitária é com a geração de conhecimento novo, o que só é possível com a detenção de saber próprio e a qualificação científica”. Todavia, se possibilitar uma maior acessibilidade ao conhecimento científico, a cooperação entre pesquisadores aumentará e a reutilização de dados ou informações que são frutos de diálogos entre os pares poderão prover um avanço considerável na pesquisa científica. Para Freire (1983), pensar a educação é pensar que o mundo humano é um mundo de comunicação.

Neste sentido, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da Portaria nº 13 emitida em 15 de fevereiro de 2006, define para as Instituições de Ensino Superior (IES) a obrigatoriedade da divulgação digital de teses e dissertações oriundas dos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) reconhecidos no país (Brasil, 2006) como forma de reconhecimento para a sociedade.

A CAPES através de ações promovidas e coordenadas pelo Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia<sup>2</sup> (IBICT), órgão que está vinculado ao Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI), define que as bibliotecas universitárias deveriam implementar a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Esta ação pode ser entendida como um dos primeiros passos para tornar acessível e pública a produção científica oriunda da pós-graduação promovendo ainda mais a visibilidade que o conhecimento merece (Brasil, 2006).

Não obstante, é de conhecimento geral que quando se deseja fazer uma pesquisa no país sobre teses e dissertações convém que se faça uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações

---

<sup>1</sup> *Open Science* é o movimento mundial que visa tornar o conhecimento científico aberto e compartilhado a toda sociedade em ampla escala global como forma de promover a qualidade e a eficiência da pesquisa científica.

<sup>2</sup> O IBICT é referência no Brasil e coordena o projeto da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Maiores informações em <http://sitehistorico.ibict.br/sobre-o-ibict/historico-1>. Acesso em: 03 set. 2024.

da Capes (Brasil, 2006). Todavia, o resultado da pesquisa retorna somente o autor, o título, a data, o programa, a universidade de origem do documento, ou seja, um resumo. Para encontrar o texto na íntegra deve-se fazer o *download* do documento no *site* eletrônico da universidade de origem. Este procedimento nem sempre acontece de forma fácil e rápida por diversas razões tecnológicas e ou administrativas no acesso (UNESP, 2013). Este percurso pode causar dificuldades para a pesquisa e para a interlocução entre pesquisadores, o que leva a uma certa discordância com o movimento *Open Science* (acesso aberto) ou movimento de ciência aberta.

Para o BDTD do IBICT (Brasil, 2021a) o funcionamento ocorre de forma diferente. O BDTD é um repositório que atende ao conceito do *Open Science* e, portanto, todo o conteúdo armazenado está disponível com acesso livre na íntegra e sem custos. Porém o link de acesso para o *download* da tese ou dissertação ainda continua disponível na instituição de origem do documento, o que também pode ocorrer falhas ao realizar um *download* do documento (UNESP, 2013) caso a instituição de origem não tenha um repositório instalado.

A entidade IBICT promove a integração e a socialização do conhecimento científico no Brasil coordenando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações que integra os sistemas de informações de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino superior e pesquisas do país e também estimula o registro e a publicação em meio eletrônico dando maior visibilidade a produção científica nacional (Brasil, 2018, 2021a). O principal objetivo do IBICT é integrar num único repositório as teses e dissertações brasileiras e também oferecer as universidades uma opção de sistema *online* para armazenamento de teses e dissertações (Brasil, 2018, 2021a). Com isto, somente as universidades que utilizam o sistema BDTD é que poderiam disponibilizar sua produção científica no repositório do IBICT (Brasil, 2018, 2021 a).

Entretanto, muitas universidades brasileiras que começaram a se adequar ao modelo de ciência aberta, inclusive criando mecanismos de acesso rápido ao BDTD, ainda não atingiram o propósito desejado em alcançar toda a sociedade (Brasil, 2018). Falando de uma outra maneira, nem todas as universidades no Brasil estão adequadas ao verdadeiro modelo de ciência aberta que é proposto pelas entidades defensoras deste movimento. Algumas universidades não conseguiram dar os primeiros passos e ainda se encontram na trilha do caminho.

No entanto, para outras universidades ainda falta alguns atributos para se enquadrarem na concepção de ciência aberta e poder melhor contribuir com o processo de gestão do conhecimento no ensino superior, conforme apregoam alguns estudiosos dentre eles Fachim *et al.* (2009) e Monteiro *et al.* (2019).

Logo, não há como pensar um repositório institucional sem antes verificar as necessidades e os requisitos para sua implementação, conforme proposto pela ciência aberta.

Todavia, a ciência não pode ficar estática e nem se tornar obsoleta. Ela deve constantemente estar atualizada e promover respostas contundentes para a sociedade. Então, novas formas de pensar e de agir podem surgir quando o progresso da humanidade se torna algo emergente. Deste modo, surge no contexto das universidades a necessidade de acesso e preservação do patrimônio científico que é produzido por elas mesmas, o que torna imprescindível para as próximas gerações terem conhecimento da evolução da ciência e deterem os meios corretos em dar continuidade a tão desejada evolução da sociedade (Medeiros; Ferreira, 2014; Nascimento; Queiroz; Araújo, 2019). Esta situação ainda pode se reverberar para uma preservação da história social, política e cultural de um país ou uma nação.

Assim, transitando ao lado da preservação do patrimônio cultural, surge também a necessidade de disseminação da divulgação científica como importante instrumento de democratizar o acesso ao conhecimento para que outros pesquisadores possam discutir temas que gerem impactos na sociedade (Gomes; Rosa, 2010). A comunicação científica, com a utilização de repositórios institucionais nas universidades agora se tornou parte integrante no processo de construção dialógica do conhecimento (Fernandes, 2022).

Não obstante, não basta apenas fazer o registro das produções acadêmicas e científicas (teses e dissertações) das universidades e disponibilizá-las em endereços ou diretórios restritos dos programas de pós-graduação. É necessário também guardá-las e disponibilizá-las em servidores de repositórios institucionais como afirmam Gomes (2014), Monteiro *et al.* (2019) e Farias, Rezende e Lima (2023), de modo que alcancem toda uma esfera global. Com um endereço de acesso único que possa identificar a universidade, o programa de origem do documento e o documento pesquisado.

Sem a disseminação ampla do conhecimento o patrimônio intelectual oriundo de grupos de pesquisas das universidades pode ficar restrito a alguns estudiosos sem cumprir a sua demanda social. E o que deveria ser discutido e apreciado por toda uma comunidade científica, ficaria restrito a pequenos grupos ou mesmo a segmentos restritos. Aliás, como o que vem ocorrendo com um grande número de universidades em que as teses e dissertações ficam apenas localizadas (ou disponibilizadas) em diretórios de páginas eletrônicas registradas nos programas de pós-graduação das universidades pelo país.

Por assim dizer, um repositório institucional sistematizado pode ou deve ser o meio pelo qual pesquisadores tenham acesso rápido aos conteúdos armazenados e centralizados de toda

produção científica realizada pelas universidades. Logo, os repositórios institucionais podem se tornar importantes instrumentos de apoio no controle da gestão do conhecimento científico permitindo que as universidades se enquadrem como modelos de instituições abertas e acessíveis à comunidade, conforme é apregoado em Borges *et al.* (2019). Desta maneira, as instituições podem promover o armazenamento de sua documentação e a preservação da sua memória institucional.

Tomando como exemplo as universidades públicas estaduais da Bahia, das quatro universidades existentes apenas uma delas<sup>3</sup> tem o endereço do repositório divulgado em sua página eletrônica. Portanto, disponibiliza para a comunidade o endereço do repositório institucional integrado em sua composição administrativa. Outras duas universidades do estado, com exceção da UESB, têm incorporado o BDTD do IBICT em suas atividades eletrônicas na *web*. Esta é uma possível ação de adesão ao movimento *Open Science*, mas ainda não pode ser considerado pela literatura (Borges *et al.*, 2019; Brasil, 2018; Kuramoto, 2014) como sendo um repositório institucional universitário. Para efeito deste texto dissertativo de mestrado também não pode ser considerado como um repositório institucional de acesso aberto, mas um banco de dados de teses e dissertações com acesso *online* com endereços vinculados ao IBICT, o que é de grande valor para a divulgação científica, sem dúvidas. Nesta dissertação, o foco é apenas para a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Vitória da Conquista-BA.

Salientamos que a UESB foi fundada pelo Decreto nº 28.169 de 25/08/1981, atuando como uma universidade de atuação *multicampi*, com sede no *campus* de Vitória da Conquista, e conta com mais de 40 anos de história. A UESB permeia a região centro sul do estado da Bahia atuando com seu corpo docente de 1113 professores nos seus 49 cursos de graduação. Atuando entre as modalidades presencial e a distância, ela conta com mais 24 programas de pós-graduação (*stricto sensu*) distribuídos nos *campi* de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga.

Portanto, a UESB tem um poder de atuação que vai além dos limites geográficos do seu território. Como instituição ela pode atuar em todo território nacional. O corpo discente da universidade totaliza 14.591 alunos demandando de diversas regiões do país. A composição do corpo de funcionários totaliza 421 servidores. Logo, abrange os diversos contextos de formação cultural, étnica, social e gênero, inclusive com presença de alunos de outros países que a

---

<sup>3</sup> O Repositório da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) pode ser encontrado no endereço eletrônico: <https://saberaberto.uneb.br>.

utilizam como forma de intercâmbio universitário. A UESB, como instituição pública, não pode ficar de fora do contexto das discussões sobre ciência aberta.

Atualmente, no Brasil, ainda que exista discussão sobre o movimento de acesso aberto e ciência aberta e o que esses dois elos representam para a produção científica nas universidades brasileiras, a discussão é ampla e muito variada no contexto do ensino superior.

Vários pesquisadores (Borges *et al.*, 2019; Demetres; Delgado; Wright, 2020; Farias; Rezende; Lima, 2023; Ficht *et al.*, 2019; Fujita, 2022; Fujita; Tartarotti, 2020; Marques, 2020; Medeiros; Ferreira, 2014; Gomes, 2014; Monteiro *et al.*, 2019; Nascimento; Queiroz; Araújo, 2019; Santos; Rosa, 2020; Silva; Santos; Conduru, 2018; Silveira *et al.*, 2020; Weitzel, 2019) têm disponibilizado energias sobre este tema que não se esgota, não para de expandir e abre possibilidades para outras correntes de estudo como o processo de gestão de conhecimento, as diretrizes de acesso aos repositórios, a disseminação de conteúdos, a preservação dos dados científicos, estudos sobre avaliação de ferramentas webométricas, estudos sobre verificação de altimetrias, estudos sobre impactos da difusão de pesquisas e análise do comportamento dos usuários de repositórios e outros tantos a serem tratados por este ramo do conhecimento.

A dinâmica e a complexidade destas áreas permitem-nos deduzir que o campo de pesquisa ainda está inacabado. A medida que os repositórios evoluem e desenvolvem, novos desafios surgem no cenário nacional, conforme denotam diversos autores como Kuramoto (2014), Borges *et al.* (2019), Nascimento, Queiroz e Araújo (2019), Monteiro *et al.* (2019), Weitzel (2019), dentre outros.

No entanto, a pesquisadora Campbell-Meier (2011), em seus estudos, relata sobre a complexa evolução dos repositórios institucionais e a existência de estudos sobre a análise do comportamento dos usuários de repositórios na Universidade de Michigan (EUA). Relata ainda sobre a necessidade de se ter uma literatura que dê maior sustentabilidade à implantação dos repositórios institucionais nas universidades, conforme relata em:

[...] estudos atuais estão em andamento, como um projeto de pesquisa realizado na Universidade de Michigan sobre o comportamento dos usuários de repositórios. A construção e o desenvolvimento de repositórios ainda não foram abordados empiricamente na literatura. Ao examinar como os repositórios institucionais estão sendo desenvolvidos e os desafios (ou transformações) que enfrentam, é possível identificar uma estrutura (framework) e uma visão generalizada de como os repositórios são desenvolvidos (Campbell-Meier, 2011, p. 157, tradução nossa).

Em todo caso, para Campbell-Meier (2011) a arquitetura e o desenvolvimento de um repositório precisa ser abordado do ponto de vista empírico pela literatura e por seus

pesquisadores, sobretudo, com publicação de artigos e outros materiais de cunho acadêmico-científico, o que denota a importância deste tema e os seus desdobramentos.

De forma análoga, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) realiza estudos (Gomes; Rosa, 2010; Gomes, 2014) sobre ciência aberta e suas possibilidades com o uso dos repositórios. Desta maneira, estas novas perspectivas de usabilidade, conceitos e definições são também abrangências de ciência aberta e, conseqüentemente, podem desdobrar para outros produtos de pesquisas como escrita de artigos e pesquisas de mestrado. O destaque, neste caso, é para os trabalhos de Ferraz (2023), no qual descreve o mapeamento da produção acadêmica da UFBA que esteja alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para o cumprimento da Agenda 2030 da ONU. Este trabalho demonstra que só é possível realizar um mapeamento da produção acadêmica se houver a presença de um repositório institucional integrado nas condições administrativas e acadêmicas das universidades, uma vez que possibilita a mineração de dados<sup>4</sup> de uma instituição.

Outros estudos, também relevantes, seguem na mesma linha como os estudos de Rosa (2011) que enfatizam a usabilidade da ciência aberta com a disseminação da produção científica nas instituições de ensino superior (IES) e os estudos de Silva *et al.* (2018) que realizam o mapeamento e avaliação de práticas dos ODS nos projetos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Logo, podemos inferir que esta pesquisa de mestrado encontra sinalização para estudos junto ao tema proposto, uma vez que este tema (repositório e gestão do conhecimento) é pouco discutido na UESB e que ainda não tem um repositório institucional implementado que possa contribuir com o processo de gestão do conhecimento científico.

Diante disto, surge como lacuna de estudo o uso do repositório no processo de gestão do conhecimento no ensino superior, tendo o cenário da pós-graduação (*stricto sensu*) como locus da pesquisa na UESB. As discussões acerca deste tema propiciam a importância de inserir a universidade no cenário nacional em ciência aberta com base nas diretrizes dos repositórios institucionais.

## **1.1 Problema de pesquisa**

---

<sup>4</sup> Mineração de dados é uma área da Ciência da Computação que visa processar e explorar grandes conjuntos de dados podendo descobrir padrões e relacionamentos ocultos entre os dados.

Com efeito, a partir do que foi apresentado, surgem alguns questionamentos como: quais fatores influenciam o desenvolvimento de um repositório institucional? Quais condições são necessárias para se ter uma gestão eficiente de um repositório institucional? Quais impactos os repositórios podem gerar para a universidade? Quais critérios são utilizados para obter o conteúdo correto em um repositório? Como é possível realizar uma mineração de dados na pós-graduação? Estas questões norteiam a pesquisa o que nos permite definir como problema de pesquisa: como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação, *stricto sensu*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no *campus* de Vitória da Conquista-BA?

Sendo assim, apropriados no referencial teórico da pesquisa que reúne estudos sobre repositórios institucionais e sobre gestão do conhecimento, sobretudo, levando em consideração as contribuições sobre a teoria de gestão do conhecimento encontradas em Lawrence (2001) e Nonaka e Takeuchi (2004; 2008) e mais outras referências de artigos publicados nos últimos anos que promovem discussões sobre a divulgação ou disseminação científica com o uso de repositórios institucionais delineando as políticas de acesso, preservação e disseminação do conhecimento.

Esta pesquisa tem como parâmetros responder ao problema de pesquisa e será conduzida a partir dos objetivos, os quais são apresentados na seção seguinte. A princípio, o projeto se enquadra como sendo um estudo aplicado na UESB, tendo como local de observação e análise o ambiente da pós-graduação no *campus* de Vitória da Conquista-BA.

## **1.2 Objetivos da pesquisa**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Compreender como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação, *stricto sensu*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no *campus* de Vitória da Conquista-BA.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Descrever como ocorre o processo de gestão do conhecimento da produção científica (teses e dissertações) da UESB, no *campus* de Vitória da Conquista-BA;

- Identificar as condições institucionais (estruturais e funcionais) para uma implementação de um repositório institucional de produção científica (teses e dissertações) da UESB, no *campus* de Vitória da Conquista-BA;
- Avaliar como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento da produção científica na pós-graduação, *stricto sensu*, da UESB, no *campus* de Vitória da Conquista-BA;

### 1.3 Justificativa

Como justificativa, este texto está alicerçado essencialmente sob três perspectivas. A primeira pessoal, a segunda de relevância do tema e a terceira com enfoque institucional.

Da perspectiva pessoal, surge a possibilidade de transformação social quando o conhecimento bem gerido concorre para a transformação de toda a sociedade. Por isto, defendemos o acesso e a disseminação do conhecimento em formato *open science* como uma teoria cíclica que possa dar sustentabilidade das pesquisas para a comunidade científica. Logo, um repositório institucional pode trazer esta conotação, uma vez que reúne de forma ordenada e sistematizada as informações para acesso a teses, dissertações, artigos e outras produções em um único canal de comunicação estando a serviço da universidade e, por que não dizer, de toda a sociedade. É o acesso livre e a disseminação ampla da produção científica como estratégias favoráveis para potencializar a gestão do conhecimento com os repositórios institucionais, além de atuar na preservação dos dados científicos (Monteiro *et al.*, 2019).

Sob a perspectiva de relevância do tema, salientamos que quando se realiza uma busca por uma produção acadêmica na *web*, nem sempre o caminho utilizado encontra o que se deseja (UNESP, 2013). Encontrar publicações de teses, dissertações e artigos de temas específicos nem sempre é uma tarefa fácil. Às vezes, torna-se necessário fazer uma mineração de dados e colocar endereços certos ou títulos coerentes para encontrar o que se deseja. Segundo a literatura observada (Monteiro *et al.*, 2019; Weitzel, 2019; Fujita, 2022), o repositório pode surgir como recurso tecnológico que facilita o mecanismo de busca dentro de uma instituição, com o preenchimento correto dos campos referentes aos metadados. Indo de um ponto a outro, ainda existe a necessidade dos pesquisadores das universidades obterem um *feedback* de suas publicações através do compartilhamento entre grupos de pesquisas que podem ser

quantificados em índices de avaliação como mecanismos webométricas<sup>5</sup> (Ficht *et al.*, 2019), ou recursos de altimetrias<sup>6</sup>, ou ainda recursos de bibliometria, e que somente os endereços eletrônicos de repositórios institucionais podem colaborar neste sentido.

Diante disto, percebemos que existe uma lacuna de estudos quando se pretende compreender como os repositórios podem contribuir para o processo de gestão do conhecimento nas universidades, sobretudo, no ambiente da pós-graduação. Ressaltamos que os benefícios evoluem na mesma proporção de crescimento de uma comunidade universitária. Os repositórios, além de outros recursos (ou benefícios), aumentam a visibilidade da instituição no cenário científico (Ficht *et al.*, 2019) quando promovem a disseminação da produção científica.

Da perspectiva institucional, espera-se que a pesquisa amplie os conhecimentos sobre definições e conceitos acerca do que é de fato um repositório institucional, suas finalidades e suas contribuições como instrumento colaborador no processo de gestão do conhecimento. Para a UESB, a validade de temas como políticas de acesso, preservação da produção científica e disseminação do conhecimento irão gerar para o corpo da universidade (docentes, discentes e funcionários administrativos) objetos de estudo, observação e discussão no intuito de encontrar a melhor solução que se enquadre nos moldes de uma universidade favorável a ciência aberta. Para o ambiente da pós-graduação estes temas podem gerar boas discussões o que se converte em grupos de pesquisa e publicação de artigos ou outras produções científicas elevando ainda mais o score da instituição como centro de pesquisa e produção científica para a sociedade.

Com efeito, no entorno do alcance regional da UESB, a comunidade poderá ter meios mais eficazes na obtenção de material bibliográfico pois, ao consultar o acervo no repositório, poderá remeter diversos assuntos anteriormente encapsulados por títulos em diretórios de páginas (sites) dos programas, o que muitas vezes se tornam ocultos para a comunidade. Assim, o cruzamento de informações pode gerar mapeamento para outras discussões de temas que estão em debate. Portanto, pode gerar grupos de trabalho ou metas a serem alcançadas dentro da instituição, pode gerar discussão de temas de estudos para grupos de pesquisa, pode gerar mapeamento de dissertações ou outros materiais bibliográficos. Porém, antes de tudo, propor medidas e soluções para os problemas deve ser o lema de toda instituição pública. Do mesmo modo, encontrar maneiras mais eficientes para prover melhores condições de estudos.

---

<sup>5</sup> Webometrias são instrumentos de avaliação do número de acessos dos conteúdos cadastrados e acessados;

<sup>6</sup> Altimetrias são métricas de avaliação baseadas em citações como fator de impacto e índice h nos periódicos;

De todo modo, diante do que foi apresentado, acreditamos que este projeto seja algo atual e inovador dentro da UESB o que remete a uma ruptura nos paradigmas de disseminação do conhecimento dentro da instituição. Além disto, a UESB pode atuar como veículo regional transformador trazendo contribuição para a gestão do conhecimento frente aos novos horizontes da ciência aberta.

Na próxima seção encontra-se o referencial teórico e, na sequência, os procedimentos metodológicos, a apresentação dos resultados, análise e discussão e as considerações finais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para composição do referencial teórico foram observados vários estudos sobre ciência aberta (*Open Science*) tendo em vista a existência dos repositórios institucionais e suas políticas de acesso, preservação e disseminação do conhecimento no processo de gestão da produção científica (conhecimento) das universidades. Os estudos de Nonaka e Takeuchi (2008) são referências para compreender o processo de gestão do conhecimento, uma vez que gestão é o ato de organizar e dar a melhor condução para atingir um fim desejado. Aqui, sobretudo, empregamos gestão no sentido de divulgação, difusão ou disseminação do conhecimento.

Desta maneira, esta metodologia de estudos permitiu-nos ter uma melhor compreensão do tema e permitiu uma discussão teórica que considerasse os estudos de autores mais tradicionais e também as observações de autores com publicações mais recentes. Isto denota que o tema repositório institucional ainda pode ser debatido nas universidades. Portanto, temos a possibilidade de uma discussão contemporânea e atual. Afinal, segundo os estudos iniciais desta pesquisa, os repositórios podem atuar no processo de gestão do conhecimento das universidades abrindo possibilidades para outros desdobramentos de estudos ou pesquisas como o mapeamento de uma produção acadêmica e a verificação de índices altimétricos e suas potencialidades para a gestão do conhecimento, dentre outros.

Neste referencial pretendemos abordar a produção científica na ciência aberta, repositórios e seus conceitos, repositórios no processo de gestão do conhecimento e mais acesso, preservação e disseminação da produção científica.

### **2.1 A produção científica na ciência aberta**

A produção científica de uma universidade pode ser compreendida como o resultado do processo de criação do conhecimento através da pesquisa explícita e registrada em um suporte tecnológico (Ferreira; Silva, 2012). Aliada a produção científica está a comunicação científica que torna possível a troca de informações e ideias entre pesquisadores. Assim, favorece a retroalimentação do processo científico. É através desta interconexão que o conhecimento produzido nas instituições chega a sociedade possibilitando o desenvolvimento. Desta maneira, a comunicação é primordial ao avanço da produção científica. No entanto, se para algumas instituições universitárias vencer os desafios de implementação de um suporte tecnológico a favor da divulgação da produção científica é algo complexo, para outras, no entanto, o processo

é inovador e ocorre de forma natural e gradativo com uma evolução ascendente no contexto da ciência aberta.

Apesar disto, as primeiras políticas de acesso aberto no Brasil nem sempre foram fáceis de serem implementadas. Para Kuramoto (2014) o que existe no Brasil é algo impreciso, uma vez que há uma necessidade urgente de maiores avanços em termos de inovação tecnológica e de uma legislação específica para o acesso livre da produção científica. Ainda, para este pesquisador, “[...] o acesso livre é implementado em todo o mundo e no Brasil existe uma indefinição” (Kuramoto, 2014, p. 176).

Em todo caso, para implementar a produção científica no contexto da ciência aberta nas instituições universitárias é necessário que ocorra uma mudança nos paradigmas existentes e se criem novos sistemas de busca e produção do conhecimento, conforme nos orienta Nascimento, Queiroz e Araújo (2019) e Marques (2020). Para estes pesquisadores o que falta é gestão eficiente de conhecimento, que denominam como sendo as melhores práticas para uma gestão da produção científica (Marques, 2020; Nascimento; Queiroz; Araújo, 2019).

Desta maneira, as implementações dos repositórios institucionais nas universidades devem passar por critérios normativos definindo suas diretrizes e finalidades em sua implementação. E, assim, poderem usufruir dos benefícios e das funcionalidades deste novo recurso tecnológico. Para Viana, Arellano e Shintaku (2005), a ausência de políticas institucionais é um obstáculo para o acesso aberto com uso de repositórios institucionais que requeiram o auto arquivamento de uma produção científica. Estas são algumas questões que definem o cenário como sendo desafiador.

De todo modo, o caminho de acesso ao conhecimento científico surge com os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e com os avanços da rede mundial de computadores, permitindo que este período ficasse conhecido na história da humanidade como sendo a era da sociedade da informação e do conhecimento, conforme relatam diversos autores, dentre eles Fachim *et al.* (2009), Gomes (2014), Medeiros e Ferreira (2014), Borges *et al.* (2019) e Ficht *et al.* (2019). Para outros pesquisadores, uma vez que a informação científica estivesse integralmente internalizada na sociedade, a conjuntura favorável seria o movimento propulsor da internet que possibilitava uma nova forma de acesso dinâmico aos conteúdos digitais, conforme salientam Pimenta, Silva e Rangel (2001).

A partir deste contexto, se inicia a era da ciência aberta. Deste modo, as possibilidades de uma gestão de conhecimentos eficiente (produção e disseminação ou divulgação científica) se alargam como uma rede que está entrelaçada ponto a ponto, o que possibilita a troca de

conhecimentos com as diversas áreas do saber e entre seus pares na pesquisa científica. Ainda vale acrescentar que é no intercâmbio ou na troca de conhecimentos que ocorre a concretização do saber entre os pesquisadores de uma instituição (Freire, 1983), (Meadows, 1999), e que, de certo modo, pode alimentar a divulgação científica como afirma Albagli (1996). Este é o lema do movimento de acesso aberto ou lema do movimento *open science*, que é a base filosófica que existe por trás da conjuntura dos repositórios digitais, que neste projeto são simplesmente chamados de repositórios institucionais<sup>7</sup>. Indo por este caminho, a universidade disponibiliza as suas produções científicas colocando o saber para o mundo e a rede mundial de computadores a disponibiliza para todo o alcance desejado. A ampla publicização da produção científica também permite confirmar a função social da universidade, conforme afirma Gomes (2014, p. 105). A publicização é mais uma contribuição para uma gestão eficiente do conhecimento.

Contudo, de forma muito discreta, não se pode confirmar que a história a favor do movimento de ciência aberta que deu origem aos primeiros repositórios digitais, e, na sequência ampliou-se para o conceito de repositórios institucionais, tem uma data certa de início para as universidades. Porém, segundo os estudos de Medeiros e Ferreira (2014) as primeiras iniciativas decorreram no início de 1990. Contudo, não há um consenso quando tudo começou.

No entanto, para efeito didático, compreende-se como marco inicial do movimento de acesso aberto aliando os primeiros estudos de preservação digital com a preservação de dados científicos com os projetos de Stevan Harnad<sup>8</sup> e Charles Bailey Jr., em 1989. Estes pesquisadores definiam o acesso imediato e livre (sem custos), por tempo indeterminado, dos textos de artigos (na íntegra) publicados nas revistas científicas em qualquer parte do mundo para toda a sociedade como forma de ampliar o conhecimento. Um pouco mais adiante, surgiu o projeto *arqXiv*, desenvolvido pelo físico norte-americano Paul Ginsparg<sup>9</sup>, da Universidade de Cornell (EUA), no ano de 1991, conforme salienta Kuramoto (2014). Estes fatos podem ser considerados as primeiras tentativas de implantação de um repositório digital de acesso aberto capaz de armazenar conteúdo e permitir o livre acesso, conforme sinalizam Rios, De Oliveira e Amorim (2019) e Kuramoto (2014). Ainda assim, outras contribuições foram adicionadas ao movimento iniciante, conforme assinalam Fachim *et al.* (2009), Gomes (2014) e Borges *et al.* (2019), o que possibilitou novos avanços.

---

<sup>7</sup> Repositórios institucionais são bases de dados online criados para facilitar o acesso à produção científica de um órgão ou instituição, tem a função de reunir de maneira organizada a produção científica ou área temáticas.

<sup>8</sup> Stevan Harnad e Charles Bailey Jr. publicaram no ano de 1989, na Europa, uma primeira tentativa de acesso *online* livre e sem custos de textos acadêmicos;

<sup>9</sup> Paul Ginsparg é professor de Física, Computação e Ciência da Informação na Universidade de Cornell (EUA).

Em 1999, o então pesquisador Paul Ginsparg entra em ação novamente e junto com outros dois pesquisadores de tecnologia, Rick Lucy e Herbert Van Sompel, propõem padrões de interoperabilidade entre repositórios, resultando na Convenção de Santa Fé (México).

A partir de 2001, articulado por vários outros pesquisadores representando organizações internacionais e diversas universidades espalhadas pelo mundo, surge na Hungria, na Europa, um movimento a favor do acesso aberto para as publicações científicas (Gomes, 2014; Kuramoto, 2014; Borges *et al.* 2019). O intuito é romper as barreiras de acesso para este tipo de literatura e acelerar as pesquisas pelo mundo melhorando a educação de modo geral (Chan *et al.*, 2002). O conhecimento uma vez compartilhado a toda sociedade pode favorecer a ciência de modo geral. Surge, então, a Declaração de Budapeste. O movimento de Budapeste faz eclodir a *Budapest Open Access Initiative* - BOAI que promove a ciência globalmente. A declaração foi organizada pela *Open Society Institute* (OSI) e pode ser considerada como o primeiro documento oficial a ser produzido a favor da ciência aberta ou para o acesso aberto (*open access*). Este documento formaliza princípios, estratégias e acordos com o objetivo de tornar livre na internet os resultados de pesquisas de cunho científico. Na Declaração de Budapeste assinam diversas personalidades, dentre eles o pesquisador Stevan Harnad (Chan *et al.*, 2002)

O movimento BOAI<sup>10</sup> recomenda o auto arquivamento em repositórios institucionais das publicações em vias verdes (*green roads*), e a publicação de periódicos eletrônicos com acesso aberto em vias douradas (*golden roads*), conforme orientam Alves (2008) e Kuramoto (2014). Ambas têm a finalidade de facilitar a divulgação e o acesso ao conhecimento gerado pela comunicação científica. Desta forma acaba, por assim dizer, com o monopólio das editoras de produção científica (Alves, 2008; Gomes, 2014; Kuramoto, 2014; Borges *et al.* 2019). Este movimento tinha também como objetivo organizar, manter, guardar e dar ampla visibilidade as publicações científicas.

Em meados de 2002, nos Estados Unidos da América (EUA), a comunicação científica avança novamente e quebra os paradigmas existentes até então com o desenvolvimento do *software* DSpace produzido pelo *Institute Massachusetts Technology* (MIT) que utiliza o protocolo OAI-PMH<sup>11</sup> para comunicação entre dados (Kuramoto, 2014; Borges *et al.* 2019). A partir desta data o processo de interoperabilidade entre repositórios é contínuo e crescente. Em 2003, surge um outro marco importante com a consagração do movimento de acesso aberto, sobretudo, pela Declaração de Berlin, que define o conceito de Acesso Aberto pela *Bethesda*

---

<sup>10</sup> A Declaração de Budapeste está disponível em: <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read/>;

<sup>11</sup> OAI-PMH (*Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting*) é um protocolo para coleta e comunicação de metadados nos repositórios;

*Statment on Open Access Publishing* (BSOAP), conforme sinalizam Gomes (2014) e Kuramoto (2014), dentre outros autores.

No Brasil, o início do movimento se deu a partir do ano de 2004 quando houve a participação efetiva do Governo Federal através do IBICT (Brasil, 2018). O IBICT se estabelece como entidade propulsora de referência e disseminação científica incentivando as universidades brasileiras a adquirirem ou a desenvolverem seus próprios repositórios institucionais (Brasil, 2018) como ferramentas que promovam a difusão da ciência (Gomes, 2014; Fujita, 2022). Para aquisição ou instalação de repositórios existem recursos financeiros oriundos de financiamentos da Finep<sup>12</sup> que possibilitam às universidades e/ou instituições de pesquisa a criarem ou desenvolverem metodologias, treinamento e suporte tecnológico para a implantação de repositórios institucionais, conforme orienta Kuramoto (2014)<sup>13</sup> nas ações promovidas pelo IBICT a favor da ciência livre.

Em 2005, surge o movimento de Manifesto Brasileiro a favor da ciência aberta nas universidades brasileiras ou movimento de apoio ao acesso livre a informação científica, que se expande e culmina com as várias iniciativas universitárias a favor do acesso aberto. O Manifesto Brasileiro foi marcado, sobretudo, pelas Declarações de Salvador, pela Carta de São Paulo e pela Declaração de Florianópolis (Gomes, 2014; Medeiros; Ferreira, 2014). Estes eventos são marcos importantes da história que denotam a consolidação do movimento de acesso aberto no Brasil tendo as universidades públicas como frentes de defesa na proteção dos dados e na preservação de informações científicas nas universidades.

Vale destacar ainda que no ano de 2005 surgiu o *Directory of Open Access Repositories* (*Open Doar*)<sup>14</sup> que cadastra os repositórios das universidades que aderiram a filosofia do acesso aberto a nível mundial das produções acadêmicas e científicas. Desta maneira, é mais uma forma de confirmação da filosofia de acesso aberto, promovendo o intercâmbio de conhecimentos em escala global (Borges *et al.*, 2019). Informações obtidas no site do diretório *Open Doar* sinalizam que no ano de 2021 o número de repositórios cadastrados foi em torno de 6 mil unidades. Sobretudo, liderado pelos EUA com 913 registros, tendo o DSpace como software mais utilizado para gerenciamento dos diretórios (39% dos casos). Já em termos de

---

<sup>12</sup> FINEP é uma agência financiadora de estudos e projetos para fomento à ciência, a tecnologia e inovação ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações;

<sup>13</sup> Hélio Kuramoto é um dos diretores do IBICT e atua no movimento a favor da ciência livre;

<sup>14</sup> *OpenDoar* surge em 2005 como um diretório oficial para repositórios que contenha acesso aberto é mantido pela Universidade de Nottingham (Reino Unido) em conjunto com a Universidade de Lund (Suécia) o com apoio da OSI, JISC, SPARC Europe e CURL (<https://v2.sherpa.ac.uk/opensoar/>);

conteúdo, o maior número destina-se a publicação de artigos seguidos por teses e dissertações nos repositórios.

Sob uma perspectiva mundial, em 2014, a Convenção de Haia<sup>15</sup>, na Holanda, em seus debates, promoveu a ampliação do acesso aberto para escala mundial no qual ressaltou a importância da mineração de dados como uma nova estratégia para ampliar e alcançar a interação de novos horizontes, levando em conta a necessidade de interoperabilidade entre os repositórios (Gomes, 2014).

O Quadro 1, a seguir, traz um breve resumo dos marcos históricos:

**Quadro 1** – Marcos do Movimento de Acesso Aberto

ANO	MARCOS DO MOVIMENTO DE ACESSO ABERTO
1989	Publicação da revista de acesso livre <i>online</i> <i>Psycoloquy</i> por Stevan Harnad e Charles Bailey Jr. como sendo uma primeira tentativa de implantação de um repositório digital de acesso aberto capaz de armazenar conteúdo de acesso livre.
1990	Tim Bernes-Lee desenvolve o primeiro servidor <i>web</i> permitindo a troca de informações em redes de dados abertos e publica a World Wide Web: Proposal for a HiperText Project.
1991	O físico norte-americano Paul Ginsparg, do Los National Laboratory (LANL), desenvolveu o arXiv que foi uma primeira tentativa de repositório de acesso aberto capaz de armazenar e dar livre acesso aos preprints de periódicos das áreas de física, matemática e ciência da computação.
1999	Em 1999, Paul Ginsparg, Rick Luce e Herbert Van de Sompel propuseram as possibilidades de criação de padrões que permitissem a interoperabilidade entre repositórios digitais o que resultou na convenção de Santa Fé (Novo México/EUA). Em seguida surge a Open Archive Initiative – OAI com recursos interoperáveis aumentando o impacto de artigos e alternativas da comunicação científica.
2001	Em 2001, surge a Budapest Open Access Initiative (BOAI) que foi uma reunião organizada pela Open Society Institute (OSI) sendo considerada o primeiro documento oficialmente produzido pelos defensores do movimento Open Access (OA) formalizando princípios, estratégias e acordos com o objetivo de tornar livre na internet os resultados de pesquisa de cunho científico.
2002	O MIT desenvolve o DSpace como software para repositórios que utiliza o protocolo de comunicação para metadados o Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting (OAIPMH).
2003	A Bethesda Statement on Open Access Publishing promove a Declaração de Berlin sobre acesso aberto e acesso ao conhecimento nas ciências e humanidades - Declaration Open Access to Knowledge in the Science and Humanities (DOAKSH).
2004	No Brasil, o IBICT promove uma série de ações para implantação do acesso aberto no país customizando e traduzindo para a língua portuguesa o DSpace.
2005	Período de Manifestos Brasileiros de apoio ao acesso livre a informação científica com a Declaração de Salvador (sobre acesso aberto), a Carta de São Paulo e na sequência a Declaração de Florianópolis. Em 2005 foi fundado o Open Doar que reúne o cadastro de repositórios a nível mundial.
2014	Surge a Declaração de Haia ampliando a discussão sobre a mineração de dados e Big Data, estabelece as estratégias e práticas para alcançar o Acesso Aberto além de recomendar o uso extensivo de identificador ORCID, a padronização do corpo de texto para marcadores XML e de licenças CC-BY.

Fonte: elaboração própria.

<sup>15</sup> A convenção de Haia recomenda inclusive o uso extensivo do registro ORCID (Open Research and Contributor ID) como identificador digital do autor, o uso de programação com marcadores Schema ou a utilização de linguagem de programação XML (Extensible Markup Language) para periódicos publicados na *web* e o uso de licenças-livres como a *Creative Commons* (CC-BY) para acesso aberto.

Diante da evolução histórica, resumida no Quadro 1, sobre o movimento de ciência aberta, e, conseqüentemente, da importância dos repositórios institucionais para as universidades, entende-se que este movimento marca a dinâmica e os desafios constantes das instituições universitárias nos processos de implantação de políticas de disseminação e preservação da produção científica no Brasil (Brasil, 2018).

## **2.2 Visão conceitual sobre repositórios institucionais**

Estudos indicam que existem vários entendimentos sobre conceitos e definições dos repositórios institucionais nas universidades. Segundo Lynch (2003, p. 331), repositórios institucionais são “um conjunto de serviços que uma universidade oferece aos membros de sua comunidade para a gestão e disseminação de materiais digitais criados pela instituição e por membros da sua comunidade”. Em Crow (2002, p. 2), chama a atenção para os repositórios institucionais “como sendo um conjunto de coleções digitais que capturam e preservam a produção intelectual de uma ou mais comunidades universitárias”.

Para alguns estudiosos (Crow, 2002; Lynch, 2003), os repositórios representam um componente central na reforma de comunicação científica, pois ampliam o acesso à pesquisa, aumentam a concorrência e, ao mesmo tempo, reduzem o poder de monopólio de publicação das editoras científicas pelos periódicos. Os repositórios servem como indicadores tangíveis da qualidade de uma instituição, e, desta forma, aumentam a visibilidade, o status e o valor público da universidade o que está intimamente relacionado com a concepção de Bailey Jr. (2005) ao mencionar que “um repositório institucional inclui uma variedade de materiais produzidos por estudiosos de diversas unidades, tais como *e-prints*, relatórios técnicos, teses e dissertações, conjuntos de dados e materiais de ensino”.

A partir das definições trazidas por Crow (2002), Lynch (2003) e Bailey Jr. (2005), nota-se a evolução do escopo de repositórios institucionais intrínsecos às atividades das universidades potencializando, assim, o processo de gestão do conhecimento da pós-graduação.

Nos estudos de Leite e Costa (2007, p. 13) os repositórios atuam mediando a informação entre usuários:

[...] os repositórios institucionais podem ser vistos como ferramentas adequadas para a gestão do conhecimento científico, pois, ao mesmo tempo em que agilizam os processos de comunicação científica, potencializam também a condução de processos que maximizam a criação, o compartilhamento, a disseminação e o uso do conhecimento científico.

Neste ponto, os estudos de Leite e Costa (2007) dialogam com os de Lawrence (2001) e outros pesquisadores como Miranda e Delfino (2016, p. 52) em que:

[...] repositórios são ferramentas de acesso aberto que tem o objetivo de reunir, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente aos documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na instituição, bem como às suas coleções históricas, e outros documentos relevantes.

Leite (2009) vem reafirmar o conceito de interoperabilidade em repositórios como sendo capazes de promover o acesso simultâneo a diversos dados maximizando as buscas e reduzindo o tempo de resposta. Para este autor:

[...] os repositórios institucionais constituem um serviço de informação científica, em ambiente digital e interoperável, dedicado ao gerenciamento da produção intelectual de uma instituição, [...] o registro, o armazenamento, a organização, a preservação e a recuperação promovem a disseminação da informação científica produzida na instituição (Leite, 2009, p. 21).

Neste ponto dialoga com Marques (2020, p. 138) em:

[...] trazem a capacidade de disseminar informações em texto completo e o movimento do acesso aberto têm alcançado grande amplitude nas instituições de ensino superior e de pesquisas nos últimos anos, por permitir maior visibilidade da produção científica desenvolvida nos ambientes de ensino e pesquisa.

Assim, pode-se entender repositório institucional como um recurso oriundo do desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação que permitem o armazenamento, a preservação e o acesso aberto da produção científica, desde que exista uma política institucional de preservação digital e disseminação da informação científica. O repositório atua, por assim dizer, na gestão da informação e do conhecimento que fora produzido pela universidade. O objetivo da política de acesso e disseminação da informação no repositório está em potencializar a visibilidade dos pesquisadores e maximizar a disseminação dos conteúdos.

E acrescentando, para o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) os repositórios institucionais (ou repositórios) são bases de dados *online* que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou uma área temática (Brasil, 2021a). No *site* eletrônico do IBICT<sup>16</sup> encontra-se disponível um sistema de publicação eletrônica (de produção científica) que são destinados às instituições de ensino que desejam fazer as primeiras iniciativas de gerenciamento de teses, dissertações e outros materiais científicos.

Contudo, isto não completa na totalidade a ideia de um repositório institucional que são criados para facilitar o acesso à produção científica de uma universidade. Uma definição que o IBICT traz sobre repositórios institucionais é que:

---

<sup>16</sup> O endereço eletrônico do IBICT pode ser acessado em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br>.

[...] são bases de dados desenvolvidas para reunir, organizar e tornar mais acessível a produção científica dos pesquisadores. Os dados oriundos de pesquisas podem ser armazenados, preservados e acessados, contribuindo para a reprodutibilidade do conhecimento científico. [...] os repositórios resultam em uma série de benefícios tanto para os pesquisadores quanto às instituições ou sociedades científicas, proporcionando maior visibilidade aos resultados de pesquisas e possibilitam a preservação da memória científica de sua instituição (BRASIL, 2021a).

Para o IBICT (Brasil, 2021a), os repositórios são bases de dados desenvolvidas para tornar mais acessível a produção científica dos pesquisadores. No entanto, vale citar a diferenciação que existe entre repositórios digitais ou institucionais e as bibliotecas digitais, pois muitas vezes são confundidos. O primeiro denota uma interoperabilidade enquanto o segundo apenas armazena ou reúne links de mesmo interesse para facilitar o acesso. Logo, dizemos que andam em linhas paralelas, mas com finalidades distintas ao objetivo proposto.

Para que se tenha um repositório institucional de qualidade são necessárias várias discussões passando pela abrangência de aspectos legais, institucionais, de políticas estratégicas e recursos tecnológicos para que o acesso e a disseminação possam ocorrer. Como se percebe nas discussões apresentadas por Santos e Rosa (2020, p. 103) no qual citam a necessidade de “[...] incorporação de uma política institucional que defina normas para a implantação de um repositório nas universidades com definições de acesso e política de preservação dos dados”, e que, via de regra, tenham o atributo da interoperabilidade.

Portanto, considerando que os repositórios institucionais podem ser instrumentos de apoio para conservação dos dados científicos e disseminação do conhecimento, se não houver ocorrências nas universidades de ações políticas que vislumbram e promovam a preservação dos conteúdos científicos, pode impactar o futuro das próximas gerações (Nascimento; Queiroz; Araújo, 2019; Farias; Rezende; Lima, 2023). De forma análoga, pode ocorrer perda da memória do que hoje se discute em termos de ciência. A ausência de um repositório pode causar danos irreparáveis para a sociedade. Logo, as universidades são organismos no qual atendem como “[...] detentora do saber e guardiã do conhecimento” (Sleutjes, 1999, p. 100). Então, elas podem organizar e divulgar o conhecimento que ora é produzido em seus programas de pós-graduação com o uso dos repositórios institucionais, contribuindo para o progresso da humanidade.

### **2.3 O processo de gestão do conhecimento**

De um modo geral, a sociedade espera por respostas que as instituições universitárias podem propor as melhores soluções. Segundo Nonaka e Takeuchi (2004, p. 203), “a criação do conhecimento pode ser entendida como um processo que amplifica organizacionalmente o

conhecimento e cristaliza-o como parte da rede de uma organização”. Por esta via, a adoção de boas práticas na gestão do conhecimento (UNICAMP, 2022) podem facilitar a aquisição e disseminação do conhecimento. Portanto, o conhecimento ocorre de forma cíclica.

Para Almeida e Simas (2022), a gestão do conhecimento, no mesmo tempo que fornece respostas para a sociedade, amplia também o valor simbólico de uma instituição. No entanto, vários pesquisadores salientam que o conhecimento que é produzido pelas universidades públicas necessita ser melhor organizado, preservado e divulgado (Albagli, 1996; Batista; Costa, 2014; Bazilio; Gracioso, 2020). Para Davenport e Prusak (1998), há que se fazer a diferenciação entre conhecimento e informação. Estes termos apesar de diferentes, trazem semelhanças que muitas vezes confundem pesquisadores. Informação é um conjunto de dados que reúnem algum atributo ou tenha alguma relevância. Do mesmo modo, conhecimento é uma informação agregada de contextos e de significados com proposições relevantes.

O Quadro 2, a seguir, traz os conceitos e definições de diversos autores sobre conhecimento, permitindo-nos a reflexão de que não existe uma única definição sobre este assunto, e que também nos permite aplicar estes conceitos para a gestão do conhecimento.

**Quadro 2 – Conceitos e Definições de Conhecimento**

<b>Autor – Ano</b>	<b>Descrição</b>
Polanyi (1966)	O conhecimento tácito também está profundamente enraizado na ação e no comprometimento do indivíduo em um contexto específico – um artesanato ou profissão, uma determinada tecnologia ou mercado de produto ou as atividades de um grupo ou equipe de trabalho. As pessoas criam o conhecimento através do auto envolvimento e do compromisso.
Polanyi (1968)	O espírito interno rompe as tradicionais dicotômicas entre a mente e o corpo, a razão e a emoção, o sujeito e o objeto, o conhecedor e o conhecido e a objetividade científica não é a única fonte do conhecimento. Muito do nosso conhecimento é fruto de nosso próprio esforço intencional de lidar com o mundo.
Davenport e Prusak (1998)	Definem conhecimento fazendo uma diferenciação entre dados, informações e conhecimento. Enfatizam que o dado se define como uma simples observação sobre o estado do mundo, a informação corresponde a dados dotados de relevância e propósito e o conhecimento é uma informação valiosa combinada com a experiência, com o contexto histórico e com a reflexão.
Stewart (1998)	Utiliza o conceito de “capital intelectual”, afirmando que o capital intelectual constitui a matéria intelectual, no conhecimento, na informação, a propriedade intelectual e a experiência, que pode ser utilizada para gerar riqueza.
Terra (2000)	Gestão do conhecimento pode ser o processo de obter, gerenciar e compartilhar a experiência e especialização dos membros de uma organização com o objetivo de se ter acesso à melhor informação no tempo certo. Logo é fundamental que haja estratégias para gerenciá-los de forma eficaz e rápida.
Bollinger e Smith (2001)	Identificam como meta da gestão do conhecimento, a criação de uma organização de aprendizagem que seja capaz de medir, armazenar e capitalizar a proficiência dos colaboradores [...]. O objetivo da gestão do conhecimento é levar as organizações a decisões acertadas, [...] além de estabelecer diferenças entre dados, informações e conhecimento.

Nonaka Toyama (2002)	e	O conhecimento pode ser entendido como um processo dialético já que são criadas inúmeras contradições decorrentes das interações dinâmicas entre os diferentes atores envolvidos, indivíduo, organização e o ambiente.
Terra Gordon (2002)	e	O conhecimento não é fácil de ser compreendido, classificado e medido como um bem ou um recurso e difere da informação e dos dados. Ele é invisível, intangível, imaterial e difícil de ser imitado. Por isso, a dificuldade de compreendê-lo, pois não é fácil lidar com o abstrato.
Nonaka Takeuchi (2004)	e	Conceituam conhecimento como “a capacidade que uma empresa tem de criar conhecimento, disseminá-lo na organização e incorporá-lo a produtos, serviços e sistemas”, consideram-no como um processo dinâmico realizado por pessoas no qual a ação é enfatizada.
La Spisa (2007)		Entende a gestão do conhecimento como uma área multidisciplinar que inclui teorias e fundamentações das ciências cognitivas e organizacionais, administração, gestão, economia e também engenharia, não é baseada em tecnologia, mas une-se a ela para contribuir na maximização do conhecimento.

Fonte: adaptado de Nonaka e Takeuchi (2008).

A partir das contribuições dos autores no Quadro 2 acima, consideramos que conhecimento é a capacidade de criar, gerar, disseminar novos produtos e serviços ou uma nova forma de pensar ou organizar a informação. E nesta questão, os repositórios podem atuar como recurso que possibilitam a gestão do conhecimento. Para Nonaka e Takeuchi (2008, p. 7), gestão do conhecimento pode ser definida como sendo o “processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos ou serviços”.

Monteiro *et al.* (2019) explanam que torna necessário entender como os dados serão representados ou organizados nos repositórios para que tornem disponíveis as informações e estas gerem conhecimento. Para esse pesquisador, as informações são os metadados - dados sobre os dados, e devem estar coerentes e obedecerem a padrões de organização. Uma vez que os dados e as informações estejam adequadamente representados em metadados podem gerar benefícios que incluem o acesso, a preservação e a disseminação de conteúdos produzidos por uma instituição. A definição de normas, diretrizes e padrão de linguagem (*Dublin Core*<sup>17</sup>) podem também contribuir neste aspecto. Os dados sendo adequadamente representados nos repositórios podem gerar benefícios que incluem acesso, preservação e disseminação de conteúdos produzidos por uma instituição.

Para Monteiro *et al.* (2019, p. 69) em seus relatos:

<sup>17</sup> Dublin Core consiste em um padrão de metadados que representa os termos para a catalogação digital na web. Este padrão adota a sintaxe do Resource Description Framework (RDF) que é uma recomendação da Web Semântica;

[...] torna-se pertinente investigar como ocorre a coleta, organização e representação nos repositórios de dados científicos das universidades, uma vez que os dados quando organizados de forma coerente, podem trazer a luz o contato com o conhecimento dos responsáveis por suas coletas e, desta forma, serem reutilizados com credibilidade.

É oportuno lembrar que há muitos pesquisadores no Brasil e que suas pesquisas se expandem a outros continentes, ocorrendo trocas de conhecimentos com outras instituições. Portanto, a adoção de boas práticas em gestão do conhecimento pode agregar valor para uma instituição e trazer respostas contundentes para a sociedade. Além disto, pode evitar perda da memória institucional uma vez que as produções científicas que ficam sem acesso (desconhecidas) podem cair no fosso temporal e podem não produzir o efeito do conhecimento gerado para a sociedade.

Diante disto, Harnad *et al.* (2004, p. 139) salientam que “o acesso livre aos resultados de pesquisas tem sido visto como fator que maximiza o acesso à pesquisa propriamente dita” tendo os repositórios como recursos determinantes nesta tarefa, pois eles possibilitam o acesso e a disseminação quase que de forma instantânea do acesso à produção científica. Para Lawrence (2001, p. 521), “[...] maximizar o impacto, minimizar a redundância e acelerar o progresso científico, os autores e editores deveriam tornar a pesquisa fácil de ser acessada”; e, deste modo, os repositórios se tornariam um dos meios mais eficazes de facilitar o acesso à pesquisa e torná-la disponível em formato de acesso aberto para toda sociedade.

Segundo este pesquisador:

[...] os repositórios institucionais são uma manifestação visível da importância emergente da gestão do conhecimento na educação superior [...] para maximizar o impacto, minimizar a redundância e acelerar o progresso científico, autores e editores deveriam tornar a pesquisa fácil de ser acessada, [...] em longo prazo, é provável que o impacto dos repositórios institucionais mude muitas das suposições a respeito de como a produção intelectual é gerida por indivíduos, seus colegas e a academia, além de como a própria pesquisa é conduzida (Lawrence, 2001, p.521).

É uma questão de promover a usabilidade aliada à eficiência dos repositórios. Sobre esse ponto, Demetres, Delgado e Wright (2020, p.178) complementam que “[...] estas qualidades fazem de um repositório institucional uma plataforma ideal para apresentação e divulgação acadêmica”. Do mesmo modo, corroboram Costa e Leite (2006, p.2) quando os meios mais eficazes de facilitarem o acesso à pesquisa é “torná-las disponíveis promovendo o conhecimento a toda a sociedade com livre acesso das produções científicas”, através da implementação de um repositório institucional. Logo, a filosofia de acesso aberto (*open access*), ou, neste caso, a ciência aberta, pode ser compreendida como a melhor alternativa de gestão do conhecimento nas universidades com a utilização de repositórios institucionais (Crow, 2002).

Desta maneira, o repositório institucional e gestão do conhecimento estão intimamente conectados, o que também é confirmado por Lynch (2003, p. 332) quando “[...] influenciam de maneira séria e sistemática as mudanças aceleradas que vêm ocorrendo na produção do saber e na comunicação científica”. A este respeito, Leite (2009), Marcondes e Sayão (2009) e Santos e Rosa (2020) dialogam e apontam que o repositório é uma ferramenta de gestão do conhecimento que provê indicadores de qualidade em uma instituição, pois demonstram a relevância científica, social e econômica de suas atividades de pesquisa.

Pelas inferências de Marcondes e Sayão (2009, p.10) as instituições de pesquisa ou grupos de pesquisa devem depositar sistematicamente suas produções acadêmicas e disponibilizá-las de forma ampla para a sociedade:

[...] sobre essa base de dados é oferecido um conjunto de serviços voltados para a gestão e para disseminação de informações em formato digital. Esses serviços incluem captura, armazenamento, tratamento técnico, organização, preservação e entrega de conteúdos digitais de toda a natureza – texto, imagens, vídeo, áudio, apresentações, programas de computador, datasets.

Neste sentido concordam Santos e Rosa (2020, p. 103-104), citando:

[...] o que tem sido produzido acerca desse importante instrumento de disseminação do conhecimento, dentro e fora da instituição, pois este se enquadra no rol dos repositórios institucionais pesquisados por diversos estudiosos da área, a exemplo das menções realizadas a ele em estudos; [...] o direito do próprio autor enviar o texto para publicação [...], trata-se de um conceito inovador cujos objetivos são tornar o texto disponível o mais rápido possível e favorecer o acesso democrático e gratuito das publicações eletrônicas, enfraquecendo o monopólio das grandes editoras científicas que até recentemente detinham [...] os direitos de publicação.

Sendo assim, a presença de um repositório nas universidades pode representar a porta de comunicação da sua produção científica e a interação entre seus pesquisadores. O saber se faz com interação e quanto maior a interação maior será a capacidade de conhecimento (Freire, 1983; Meadows, 1999). Desta forma, promovem o conhecimento e aumentam a visibilidade de artigos (Harnad *et al.*, 2004, p. 312). Entendemos que se estende a outras produções como as teses e dissertações tendo os autores como seus protagonistas principais.

Para a pesquisadora Campbell-Meier (2011, p. 2) em suas palavras, “*the development of electronic institutional repositories increases ‘institutional visibility and prestige’ and develops a new publishing paradigm for scholarly communication*”, ou seja, os repositórios institucionais incrementam a visibilidade institucional e o prestígio de uma instituição como um novo paradigma de publicação para a comunicação acadêmica.

A partir de diversos autores (Leite, 2009; Marcondes; Sayão, 2009; Miranda; Delfino, 2016) que conceituam os repositórios como sendo recursos para gerir a informação, ressaltam

que as pesquisas científicas que se desenvolvem de forma mais intensa e veloz ocorrem através dos canais de acesso aos dados nos repositórios institucionais. A preservação de dados nos repositórios tem favorecido a troca de informações entre pesquisadores o que tem se convertido em respostas para a sociedade.

A este ponto Nonaka e Takeuchi (2008, p. 52) confirmam que “o conhecimento é gerado sobretudo a partir da troca de experiências e diálogos que se faz a partir de estudos e pesquisas”. Deste modo, estes autores destacam que:

[...] a informação proporciona um novo ponto de vista para a interpretação de eventos ou objetos, que torna visíveis os significados previamente invisíveis ou ilumina conexões inesperadas. Assim, a informação é um meio necessário ou material para extrair e construir o conhecimento (Nonaka; Takeuchi, 2008, p. 52).

Neste sentido, as ideias contidas em Lawrence (2001), Crow (2002), Lynch (2003) coadunam com as ideias apresentadas em Leite e Costa (2007) que dialogam também com Nonaka e Takeuchi (2004; 2008) sobre repositórios e conhecimento.

Em Nonaka e Takeuchi (2004), o conhecimento pode ser compreendido também como sendo a capacidade de disseminar o que já existe e torná-lo próprio da cultura de uma organização de modo que esteja incorporado a produtos, serviços e outros sistemas. Consideram-no como um processo dinâmico e cíclico.

Para Leite e Costa (2007, p. 10):

[...] os RI funcionam como ferramentas de externalização do conhecimento tácito, ao passo que oferecem a possibilidade de armazenar, em múltiplos formatos, parcela do conhecimento que foi registrado. Além disso, e em contraposição às publicações científicas formais que, de certa forma, enrijecem e formatam o conhecimento, os RI comportam outras formas de registros, mais informais que, por sua vez, permitem uma aproximação maior com os elementos que constituem a estado de conhecimento do autor. Ou seja, parte do conhecimento tácito é isolado, transformado em uma estrutura comunicável, por um sistema estruturado, dessa forma é reduzido à informação e depositada no RI, que lhe permite ser processada, armazenada e recuperada.

De todo modo, a gestão do conhecimento pode ser compreendida como sendo um processo sistemático articulado e intencional apoiado na identificação, geração e compartilhamento do conhecimento organizacional com o objetivo de maximizar a eficiência e a interação na organização. Em Gonzalez-Perez, Ramirez e Penalvo (2021, p. 15), entendemos que a disseminação do conhecimento científico se dá através de repositórios de acesso aberto nas universidades como uma alternativa aos altos custos de periódicos com acessos restritos.

Diante disto, o uso de um recurso tecnológico como os repositórios possibilitam o acesso e a disseminação do que pode ser chamado de recursos do conhecimento de uma produção

acadêmica. Os repositórios como ferramenta de gestão da informação estão vinculados a gestão do conhecimento e podem auxiliar no processo de mapeamento das produções acadêmicas (Ferraz, 2023) que estão sendo produzidas pelas universidades. Todavia, o processo de gestão do conhecimento não é uma atividade independente, mas está intrinsecamente ligada ao processo de gestão da informação utilizando os repositórios institucionais como instrumentos de acesso e potencialização do conhecimento.

Neste sentido, Monteiro *et al.* (2019, p. 74) salientam que:

[...] a organização e representação do conhecimento na gestão de dados nos repositórios universitários apresentam-se como processos que podem agregar à construção da memória institucional e científica (coletiva), e ainda à construção da memória individual baseada em coletivos de memória.

Vale salientar que as instituições que adotam este recurso (repositórios) como ferramenta de acesso ao conhecimento obtêm vantagem competitiva desde que estejam pautadas no acesso aberto, na sistematização de preservação de dados e na socialização ou disseminação do conhecimento científico. Quanto mais se acessa um repositório de uma instituição, melhor ela pode se apresentar no cenário científico. Consequentemente, as ferramentas webométricas podem verificar os índices waltimétricos que por sua vez podem comprovar a gestão do conhecimento das universidades. Os repositórios institucionais podem potencializar a produção científica e podem fornecer dados com maior precisão. Os repositórios também podem promover a ciência e elevar o score dos pesquisadores e o nome da instituição. Logo, os repositórios geram impactos no processo de gestão do conhecimento (Harnad, 2023).

A título de exemplo, o *Ranking Web Universities*<sup>18</sup> (RWU) informa que as universidades que mais atuam no meio científico também são aquelas que se enquadram como sendo as melhores universidades a produzirem ciência no país (Brasil, 2021b; RWU, 2024). De certa maneira, isto pode ser confirmado pela inserção dos repositórios como recursos de tecnologia que auxiliam o processo de gestão do conhecimento e divulgação científica de uma universidade.

---

<sup>18</sup> RWU: *Webometrics Ranking Web of Universities* é um *ranking* global de universidades que avalia a presença e o impacto das instituições de ensino superior na *web*. Desenvolvido pelo *Cybermetrics Lab*, um grupo de pesquisa do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) na Espanha, este é um dos *rankings* que se concentram na visibilidade *online* e no impacto digital das universidades. Utiliza métodos quantitativos, projetados e aplicados, com indicadores que permitem medir a atividade científica na *web*. Os indicadores são úteis para avaliar ciência e tecnologia e são o complemento perfeito para os resultados obtidos com métodos bibliométricos em estudos cientométricos. O Acesso ao site está disponível em: <https://ufpa.br/ranking-web-of-universities/>;

O *ranking* RWU usa como parâmetro o Índice Global de Impacto<sup>19</sup> (IGI) das universidades, que é uma referência global à posição ocupada pelo número de acessos ao conteúdo das produções acadêmicas e científicas dos repositórios tendo como parâmetro de análise a webometria das publicações da base de dados do *Google Scholar*<sup>20</sup>.

Neste sentido, Ficht *et al.* (2019, p. 196) salientam que:

[...] O Ranking Webometrics disponibiliza a cada seis meses uma lista das melhores universidades no Brasil, por intermédio do Laboratório de Cybermetrics (CSIC) para fornecer informações a respeito do desempenho de universidades, sua abrangência é global.

De modo semelhante, Shehatta, Al-Rubaish e Mahmood (2020) vem confirmar a confiabilidade do *ranking* webométrico (RWU) como sendo capaz de gerar índices bibliométricos confiáveis. Para estes pesquisadores, “*this stimulates us to examine the idea of using ranking web as a reliable academic ranking for the world universities*” (Shehatta; Al-Rubaish; Mahmood, 2020, p. 103), denota a confiabilidade do ranking RWU e dos índices bibliométricos como sendo um ranking confiável.

Desta forma, compreendemos que o IGI é um índice que promove a altimetria dos pesquisadores de uma instituição, o que abre entendimentos para o bom desempenho da produção científica. Portanto, exemplifica o processo de gestão do conhecimento.

Todavia, para o desenvolvimento de repositório institucional são necessárias algumas questões que vão além de conceitos, definições e impactos ou benefícios do que venha a ser um repositório institucional. Um processo de implantação eficiente aliado aos recursos estruturais, bem como definição de normas e processos de sistematização, podem provocar uma mudança de mentalidade institucional. Conseqüentemente, gera mudança para o processo de gestão do conhecimento. Estes pontos e outros tantos são necessários quando há intenção de inserir este recurso tecnológico como possibilidades de agregar conhecimento em uma instituição.

#### **2.4 Acesso, preservação e disseminação da produção científica**

Apesar dos primeiros experimentos em acesso aberto terem iniciado em 1989 com as publicações de Harnad e Bailey Jr. (Kuramoto, 2014), foi com o movimento de Budapeste (BOAI), em 2001, e mais adiante com as definições apresentadas na Declaração de Berlin em que os mecanismos de **acesso, preservação e disseminação da produção científica** se

---

<sup>19</sup> Índice Global de Impacto Global (IGI) é uma métrica quantificada em número de acessos em um repositório; podendo ser encontrado no site: [https://www.webometrics.info/en/Latin\\_America/Brazil](https://www.webometrics.info/en/Latin_America/Brazil);

<sup>20</sup> Google Scholar é uma ferramenta da plataforma Google que armazena e disponibiliza teses, dissertações e artigos para o meio acadêmico-científico;

tornaram mais evidentes. Autores como Silva, Santos e Conduru (2018) e Ficht *et al.* (2019) reforçam que, ao implantar um repositório institucional de acesso aberto para a comunidade, estes devem estar constituídos dentro de estruturas políticas institucionais e devem estar vinculados às bibliotecas universitárias regido sob normas e diretrizes aprovadas.

Fujita (2005, p. 98) sustenta que:

[...] as bibliotecas universitárias estão inseridas em um sistema de informação que é parte de um sistema mais amplo, denominado sistema de informação acadêmico, em que a geração de conhecimentos é o objeto da vida universitária.

De forma semelhante, Tartarotti (2020, p. 3) complementa que:

[...] em face das inevitáveis mudanças tecnológicas na forma de acesso às informações no formato mais acessível e de menor custo possível e nos currículos e interesses de pesquisa das universidades, as bibliotecas universitárias desempenham um papel estratégico na aquisição, organização, preservação e disseminação dos recursos informacionais à comunidade acadêmica da universidade a qual está vinculada, em consonância com a missão da instituição.

Dito isto, uma avaliação das condições de infraestrutura física, funcional e tecnológica das universidades leva a grandes desafios. O mapeamento das necessidades destes recursos em uma instituição leva a grandes desafios. A definição de normas e diretrizes institucionais para repositórios, a escolha correta de determinados softwares de gerenciamento para repositórios, as estruturas físicas e tecnológicas adequadas, os sistemas de padronização e sistematização dos protocolos de comunicação de dados para pleno funcionamento dos metadados<sup>21</sup> nos repositórios, são alguns exemplos que transcendem o domínio de atuação das bibliotecas. Uma política de acesso e preservação dos dados ou de conteúdos científicos devem estar alinhados com os objetivos descritos na implementação dos repositórios institucionais.

Portanto, estratégias devem ser adotadas para melhor atender às funções do processo de preservação digital, como exemplo o uso de padrões OAI-PMH (Open Archive Initiative – Protocol for Metadata Harvesting) ou o OAIS (Open Archival Information System)<sup>22</sup>, além de padrões estabelecidos pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) que elabora diretrizes específicas para implementação dos pacotes de dados em um repositório digital confiável, como afirmam Farias, Rezende e Lima (2023, p. 3) em:

[...] essas ações e atividades da preservação digital abrangem todas as características essenciais do objeto digital, incluindo suas dimensões física, lógica e intelectual. A ISO 14721:2003 é chamada de modelo OAIS e possui referência traduzida no Brasil

---

<sup>21</sup> Metadados são dados sobre os dados. Os dados são descritos como registros estruturados de uma transação. É a matéria-prima essencial para a criação da informação;

<sup>22</sup> OAIS é também chamada de ISO 14721e possui referência traduzida no Brasil pela ABNT NBR 15472;

pela ABNT NBR 15472:2007, além do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ, 2015) que elaborou as diretrizes pela resolução n.º 43 para implementação desses pacotes em um repositório digital confiável.

Nascimento, Queiroz e Araújo (2019, p. 55) sustentam que:

[...] o Conselho Nacional de Arquivos afirma que essas ações devem ser incorporadas em todo o ciclo de vida dos documentos, desde a criação até o armazenamento e acesso, a fim de que não haja perda ou adulteração dos registros, e assim garantir que permaneçam disponíveis, recuperáveis e compreensíveis pelo tempo necessário.

Todavia, algumas universidades adotam procedimentos flexíveis para controle dos metadados o que leva os repositórios a não atenderem as demandas do meio científico e acabe por não ter a amplitude desejada. Desta forma, ocasionam um baixo acesso e pouca disseminação de conteúdos levando a precarização do conhecimento nas universidades. Neste caso, acabam prejudicando a própria visibilidade da instituição no meio científico. Para que os repositórios possam ter conteúdos interoperáveis (fácil acesso aos dados) torna-se prudente que haja uma norma definida pela administração da instituição, ou de setores a ela vinculados, que defina uma política para controle dos metadados com protocolos que atendam a normas e padrões de sistematizações procedentes utilizando regras claras e bem definidas e aceitas pelo CONARQ, como exemplo.

Portanto, os processos de normatização e sistematização de conteúdos devem estar inseridos nos repositórios institucionais como políticas de acesso, inclusive com a definição de qual protocolo de ser estabelecido para encontrar os conteúdos desejados. Sobre este ponto Weitzel (2019, p. 106) indica:

[...] a perspectiva flexível vai exigir maior complexidade no processo de gestão do repositório seja em termos de espaço para armazenamento, padrões de metadados para diferentes coleções e formatos entre outros aspectos indicando, portanto, a importância de elaboração de diretrizes em nível nacional para o processo de gestão de repositórios no país.

Do mesmo modo Tomael e Da Silva (2007, p. 4) chamam atenção:

[...] a implantação de um repositório institucional exige um estudo extenso das máquinas complexas que são as instituições, de maneira a formular políticas de gestão adequadas às características, interesses e necessidades individuais que, na maioria das vezes, têm muitas especificidades. A política, baseada na cultura da instituição, deve prever aspectos como: a) responsabilidade pela criação, implementação e manutenção do repositório; b) conteúdo proposto e implementado; c) aspectos legais relativos a documentos e licenças de softwares; d) padrões; e) diretrizes para preservação digital.

De certo modo, pode-se inferir que Weitzel (2019) dialoga com Tomael e Da Silva (2007). Indo na mesma via, Nascimento, Queiroz e Araújo (2019) e Fujita e Tartarotti (2020)

salienta que cabe aos gestores da instituição em conjunto com bibliotecários atuar no sentido de preservar as produções científicas e resguardá-las de tal forma que a universidade possa cumprir a garantia de metadados para consultas das próximas gerações.

Da mesma forma, Nascimento, Queiroz e Araújo (2019) e Farias, Rezende e Lima (2023) concordam que a preservação dos metadados é a garantia de acervos para o futuro. Para Nascimento, Queiroz e Araújo (2019, p. 56) defendem:

[...] a preservação digital nos repositórios institucionais é uma questão de elevada importância e a instituição que os abriga tem um papel crucial, pois deve ser capaz de gerir toda sua informação digital a fim de mantê-la estável, utilizável e confiável, garantindo assim os seus propósitos operacionais atuais e futuros.

Contudo, Fujita (2022) acrescenta que a sistematização de um controle de vocabulário para acesso (ou controle de palavras-chave) em repositórios são imprescindíveis para se realizar um bom acesso e possibilitar uma boa gestão de conhecimentos. Fujita (2022) salienta que deva existir um grupo gestor no qual se incluam bibliotecários, catalogadores, indexadores, profissionais de tecnologia, dentre outros, que estude e defina quais termos devem ser usados para identificar os conteúdos como as produções científicas. Acrescenta ainda que a definição de palavras-chaves é controlada por um *thesaurus*<sup>23</sup> e que o sentido destas podem ser identificadas de várias maneiras nos repositórios. Segundo este pesquisador, “um termo pode ter mais de um significado” (Fujita, 2022, p. 20). Neste sentido, reforça:

[...] o controle de vocabulários em *thesaurus* é essencial para que se recupere a informação porque de forma comum um termo pode ter mais de um significado e a escolha de um termo preferido para representar um conceito específico nunca é simples porque os conceitos podem ser expressos de muitas maneiras. Portanto, *thesaurus* desempenha um papel importante na mediação entre os termos utilizados na fala e aqueles que funcionam efetivamente para a recuperação da informação, o que implica que o usuário aceite um certo grau de artificialidade no vocabulário controlado para obter benefícios na recuperação (Fujita, 2022, p. 20, tradução nossa).

Ainda, Fujita e Tartarotti (2020, p. 6) reforçam que o uso das palavras-chaves é fundamental para que os textos sejam capturados pelos mecanismos de buscas e alcancem seus possíveis leitores e em contrapartida possam “[...] favorecer a comunicação científica com o uso de citações que serão aferidas por sistemas de informação”. Para maiores esclarecimentos, a Norma Técnica<sup>24</sup> ISO 25964 aborda diretrizes conceituais acerca dos processos de

---

<sup>23</sup> Thesaurus é um termo em língua inglesa que define um mapa de palavras-chave que pode conter vários significados, fornecendo os termos para representar um assunto ou recuperar a informação pretendida;

<sup>24</sup> Norma Técnica ISO 25964 define os parâmetros para *thesaurus* e palavras-chave de acesso aos repositórios institucionais. A norma está dividida em duas partes. A primeira publicada em 2011, a ISO 25964-1, e a segunda publicada em 2013, ISO 25964-2. Maiores informações podem ser encontradas no endereço eletrônico: <https://www.iso.org/standard/53657.html>.

interoperabilidade (metadados) entre os repositórios. Define regras e procedimentos que devem ser seguidos para composição de *thesaurus* e outras metalinguagens, como as taxonomias, as classificações bibliográficas e as ontologias que são próprias de registros e de indexação de documentos nos repositórios.

Diane do exposto, propor uma ciência de qualidade e que esta esteja ao alcance de todos não é tarefa fácil. Este é um dos maiores dilemas sobre repositórios institucionais nas universidades públicas: unir esforços para o bem comum com recursos interoperáveis com o uso de tecnologias apropriadas. É, sobretudo, caminhar a favor da ciência aberta.

Deste modo, a adoção de repositórios institucionais são estratégias que podem ser adotadas pelas universidades em que o acesso, a preservação e a disseminação da produção científica são partes integrantes do processo de gestão do conhecimento oriundo dos programas de pós-graduação. Reunir e unificar em um só endereço eletrônico a produção científica produzida pelas instituições com a função de potencializar o conhecimento para a sociedade.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A partir do que foi apresentado no referencial teórico, que tem como finalidade contribuir para o entendimento do tema central da pesquisa, esta seção apresenta os Procedimentos Metodológicos que foram adotados para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados. Deste modo, esta seção visa definir como a pesquisa está classificada, como foi feita a coleta de dados e como os dados foram tratados e analisados. Em outras palavras, como foram tratados os achados da pesquisa e como estes estão disponibilizados. Desta maneira, esta seção está subdividida em cinco subseções que descrevem o tipo de abordagem e natureza da pesquisa, a finalidade da pesquisa, a estratégia utilizada na pesquisa (método de pesquisa), as formas de coleta dos dados, as definições constitutivas e operacionais e, por fim, como os dados foram analisados e interpretados.

#### **3.1 Abordagem e natureza da pesquisa**

Nesta pesquisa definimos por uma abordagem qualitativa, pois esta abordagem busca entender os significados subjetivos das pessoas, suas motivações, suas aspirações, suas crenças, valores, bem como suas atitudes (Minayo, 1994) e de suas relações com o meio onde vivem ou se relacionam. Em Minayo (1994, p. 22), vê-se que “a pesquisa qualitativa deve ser àquela que se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado”. Portanto, na abordagem qualitativa não é conveniente reduzir o objeto de pesquisa a variáveis e padrões de medida (Minayo, 1994).

Da mesma forma Cooper e Schindler (2016) salientam que este tipo de pesquisa inclui um conjunto de técnicas interpretativas que procuram descrever, decodificar e apreender o significado e não a frequência de certos fatos, fenômenos ou eventos que podem ocorrer com determinados grupos. As técnicas de abordagem qualitativa são usadas tanto na fase de levantamento de dados quanto na fase de análise de dados. Segundo Creswell (2010, p. 187) “a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa”, isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados coletados, que, por sua vez, denotam uma subjetividade. Os estudos que empregam uma abordagem qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, compreender processos vividos por grupos sociais, entender as particularidades do comportamento de uma determinada população. Deste modo, esta pesquisa enquadra-se como sendo de abordagem qualitativa voltada para área de ciências sociais com possibilidade de demonstração dos dados encontrados e interpretados.

### 3.2 Finalidade e propósito da pesquisa

Quanto a finalidade Gil (2010) orienta que projetos que são voltados à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação de uma situação específica se enquadram na categoria de pesquisa aplicada. Quanto aos propósitos, o projeto se alinha como pesquisa exploratória, pois este torna o problema de pesquisa mais evidente com vistas a torná-lo explícito ou a constituir hipóteses sobre o objeto de estudo.

Neste sentido, as pesquisas do tipo exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão mais abrangente como forma de ter uma percepção geral acerca de determinado fato (Gil, 2008) e, assim, proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa. Deste modo, utiliza o tipo de pesquisa exploratória quando o tema é pouco explorado, o que torna difícil determinar as características ou fenômenos que existem numa população. Para Gil (2008, p. 27-28), as pesquisas exploratórias “[...] têm como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Para Kruger (2023, p. 51), as pesquisas exploratórias permitem que “[...] conheça mais sobre algo que ainda foi pouco sumarizado ou sintetizado e verifica a viabilidade do que é proposto na pesquisa em questão de tempo, esforços e recursos”. Além disto, embora os planejamentos das pesquisas exploratórias sejam bastante flexíveis, normalmente elas envolvem pesquisas bibliográficas, entrevistas semiestruturadas e estudos de casos que possam contribuir para a coleta e a interpretação dos dados. Nas pesquisas exploratórias, procedimentos que envolvem técnicas quantitativas de coleta de dados não são utilizados (Gil, 2008).

Portanto, compreendemos que a investigação exploratória, por assim dizer, permite-nos entender os motivos emocionais ou sociais que afetam uma determinada população a ser estudada. Esta investigação permite que o pesquisador tenha o domínio de determinados assuntos, produtos ou problemas, ou, ainda, possa se apropriar de novas ideias. Contudo, como produto final, crê-se que o problema de pesquisa se torna mais próximo do pesquisador e, portanto, este tende a se tornar mais esclarecido.

A partir dos objetivos da pesquisa anunciados na introdução desta seção, entendemos que a pesquisa se enquadra como sendo um estudo exploratório aplicado na UESB, tendo como *locus* de observação os programas de pós-graduação *stricto sensu*, *campus* de Vitória da Conquista-BA.

Para Gil (2002, p. 41), o objetivo principal de uma pesquisa exploratória é o “[...] aprimoramento de ideias ou a descoberta de novas intuições”, o que de certa maneira a escolha deste método possibilita uma investigação e uma estratégia a ser recomendada. Sendo assim, o estudo aplicado proporciona uma análise mais profunda de uma situação específica, com propósito predominantemente descritivo da realidade pesquisada, buscando entendê-la em suas peculiaridades e abrir caminhos para a sua compreensão. Deste modo, a pesquisa utiliza a natureza exploratória.

A seguir, apresentamos o Quadro com o resumo da classificação metodológica.

**Quadro 3** – Resumo da Classificação Metodológica

Ordem	Classificação	Justificativa	Autores
Área conhecimento	Ciências Sociais	Pesquisa nesta área trabalha com a investigação relacionada aos comportamentos humanos ao longo do tempo e como influenciam a estrutura da sociedade. A pesquisa permite uma <b>visão empírica</b> .	Durkheim, Weber
Abordagem	Perspectiva Qualitativa	Pesquisa que se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalha com o universo de significados, de motivações, crenças, valores e atitudes. <b>Teoria leva a solução</b> .	Minayo (1994)
Finalidade	Pesquisa Aplicada	Conhecimentos e transformação: pesquisa voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à <b>aplicação de uma dada situação específica</b> .	Gil (2008;2010)
Propósito (objetivos)	Pesquisa Exploratória	Familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito ou a construção de hipóteses. O planejamento embora flexível denota: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas semiestruturadas; (c) análise de dados.	Gil (2002)

Fonte: elaboração própria.

Na próxima subseção, apresentamos as definições constitutivas e operacionais.

### 3.3 Definições constitutivas e operacionais

Nesta subseção apresentamos as definições constitutivas (DC) e as definições operacionais (DO) referentes às categorias de análise na pesquisa. Para Kerlinger (2007), as DC estão relacionadas aos conceitos utilizados conforme a teoria estabelecida no referencial teórico e as DO demonstram como cada definição é observada na prática. As definições podem ser entendidas como uma ponte que interliga os conceitos e as observações (Kerlinger, 2007).

As definições operacionais atribuem significados a um conceito, especificando as atividades ou operações que são necessárias para medir ou manipular variáveis (Kerlinger, 2007). Deste modo, as DO podem ser consideradas como uma tradução dos termos científicos

para que possam ser melhor trabalhados e adaptados no campo empírico. Dito de outra maneira, é como se fosse um manual para o pesquisador (Kerlinger, 2007). Nesse sentido, o objetivo principal de uma DO é auxiliar o pesquisador a checar certos aspectos das entrevistas que não seria possível somente com uma DC.

Em Vieira (2006), compreendemos que a avaliação de uma pesquisa qualitativa é baseada nas definições constitutivas e operacionais de termos ou variáveis de acordo com uma categoria de análise da pesquisa. Para este autor, as DC devem ser provenientes da fundamentação teórica e relacionar-se ao conceito dado por algum autor da variável ou de algum termo utilizado. As DO, por sua vez, dizem respeito como aquele termo ou variável está identificado, verificado ou medido na realidade.

Tanto Vieira (2006) quanto Kerlinger (2007) trazem definições e conceitos sobre as definições constitutivas e operacionais reforçando-nos a entender que as definições operacionais atribuem significados concretos ou empíricos de um termo ou uma variável. Então, o intuito é remover a ambiguidade de conceitos para que o pesquisador consiga captar informações com exatidão.

O Quadro 4, a seguir, tem por objetivo descrever as definições constitutivas e as definições operacionais dos principais termos utilizados nesta pesquisa com base nas categorias de análise observadas no referencial teórico. A saber: produção científica, condições institucionais estruturais, condições institucionais funcionais, repositórios institucionais, gestão do conhecimento, acesso aos dados, preservação dos dados e disseminação dos dados.

**Quadro 4** – Definições Constitutivas e Operacionais

Descrição	Definições Constitutivas	Definições Operacionais
Produção Científica	A produção científica de uma universidade pode ser conceituada como o resultado do processo de criação do conhecimento através da pesquisa, explicitado e registrado em um suporte tecnológico (Ferreira e Silva, 2012). Neste sentido, a produção científica está intimamente conectada a comunicação científica o que torna possível a troca de informações e ideias entre pesquisadores. Isto favorece a retroalimentação do processo científico. É através desta interconexão que o conhecimento produzido nas instituições chega a sociedade possibilitando o desenvolvimento. Desta maneira, a comunicação é primordial ao avanço da produção científica	Por produção científica entende-se que são os produtos (artigos, teses e dissertações) oriundos dos programas de pós-graduação ( <i>stricto sensu</i> ). Para ocorrer uma produção científica deve também ocorrer a troca de conhecimentos entre os pares, por isto a produção científica está intrinsecamente ligada a comunicação científica.

<p>Condições Institucionais Estruturais</p>	<p>As condições institucionais estruturais referem-se às condições adequadas para o funcionamento de um repositório (Farias; Rezende; Lima, 2023). Para isto, são necessárias algumas ações como:</p> <p>a) definição de diretrizes de implementação e manutenção do repositório; b) definição do tipo de repositório que será implementado; c) definição de aspectos legais relativos a funcionamento e recursos tecnológicos (softwares, servidores, hardwares);</p> <p>As condições institucionais estruturais visam a estabilidade e legitimidade dos repositórios promovendo a sua adaptabilidade para uma condição plena de funcionamento.</p>	<p>As condições institucionais estruturais referem-se ao conjunto de fatores fundamentais que compõem as estruturas de implantação de um repositório na instituição. Estes fatores influenciam o funcionamento, a organização e a capacidade de alcançar os objetivos dos repositórios.</p>
<p>Condições Institucionais Funcionais</p>	<p>As condições institucionais funcionais referem-se ao conjunto de fatores e elementos que permitem aos repositórios operarem de forma eficiente e eficaz de modo que alcancem seus objetivos e suas metas (Farias; Rezende; Lima, 2023). Para isto, são necessárias algumas ações como:</p> <p>a) definição de protocolos de comunicação para interoperabilidade aos conteúdos; b) definição de controle de acesso: palavras-chaves, metadados, thesaurus; c) diretrizes para preservação e disseminação de conteúdos;</p> <p>As condições institucionais funcionais visam a eficiência e eficácia dos repositórios promovendo a qualidade, a sustentabilidade e a funcionalidade de suas atribuições.</p>	<p>As condições institucionais funcionais referem-se ao conjunto de fatores duradouros que compõem a funcionalidade de um repositório para a instituição. Estes fatores influenciam o funcionamento, a organização e a capacidade de alcançar os objetivos.</p>
<p>Repositórios Institucionais</p>	<p>Segundo Crow (2002), repositórios institucionais são “um conjunto de coleções digitais que capturam e preservam a produção intelectual de uma ou mais comunidades universitárias”.</p> <p>Para Lynch (2003), os repositórios institucionais são “um conjunto de serviços que uma universidade oferece aos membros de sua comunidade para a gestão e disseminação de materiais digitais criados pela instituição e por membros da sua comunidade”.</p> <p>Caracteriza Leite (2009) que repositórios institucionais “constituem um serviço de</p>	<p>Os repositórios institucionais são definidos como uma base de dados desenvolvida para reunir, organizar e tornar acessível a produção científica de uma instituição para que possam ocorrer o registro, o armazenamento, a organização, a preservação e a recuperação de uma informação. Logo, precisam de recursos tecnológicos (servidores, softwares, protocolos de comunicação, rede de interconexão) que permitem a interoperabilidade.</p>

	informação científica, em ambiente digital e interoperáveis, dedicado ao gerenciamento da produção intelectual de uma instituição”.	
Gestão do Conhecimento	<p>Para Nonaka e Takeuchi (2008), gestão do conhecimento é ainda definida como sendo o “processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos ou serviços”.</p> <p>Para a Organização Internacional de Padronização, a Standard International Organization – ISO, não há uma definição única sobre gestão do conhecimento, mas compreende-se que as organizações criam e usam o conhecimento para melhorar os resultados e o aprendizado no intuito de agregar valor organizacional a instituição. Logo, gestão do conhecimento é compreendida como um processo contínuo de aprendizado nas instituições universitárias e os repositórios institucionais podem auxiliar na gestão do conhecimento de uma produção científica.</p>	Gestão do conhecimento é um processo que envolve fases de aquisição, divulgação e disseminação de uma produção científica nas instituições universitárias.
Acesso aos Dados	<p>Para Fujita (2022) o controle de vocabulários em <i>thesaurus</i> é essencial para que se recupere a informação porque de forma comum um termo pode ter mais de um significado e a escolha de um termo preferido para representar um conceito específico nunca é simples porque os conceitos podem ser expressos de muitas maneiras.</p> <p>Fujita e Tartarotti (2020) reforçam que o uso das palavras-chaves é fundamental para que os textos sejam capturados pelos mecanismos de buscas e alcancem seus possíveis leitores e em contrapartida possam “favorecer a comunicação científica com o uso de citações que serão aferidas por sistemas de informação”.</p> <p>A Norma Técnica ISO 25964 aborda diretrizes conceituais acerca dos processos de interoperabilidade (metadados) entre os repositórios definindo regras e procedimentos que devem ser seguidos para composição de <i>thesaurus</i> e outras metalinguagens, como as taxonomias, as classificações bibliográficas e as ontologias que são próprias de registros e de indexação de documentos nos repositórios.</p>	Os dados, uma vez organizados de forma adequada, podem gerar benefícios que incluem acesso, preservação e disseminação de conteúdos produzidos por uma instituição. Diante disto, é primordial que se inicie com definições de normas e políticas institucionais para começar implementação de um projeto piloto. A partir desta etapa, deve-se começar a dialogar com bibliotecários e pessoal de tecnologia para definir um dicionário de palavras chaves. O <i>thesaurus</i> desempenha um papel importante na mediação entre os termos utilizados na fala e aqueles que funcionam efetivamente para a recuperação da informação. Portanto, entende-se <i>thesaurus</i> como um dicionário de ideias afins. Uma lista de palavras-chaves dentro de um domínio específico.

<p>Preservação dos Dados</p>	<p>Segundo Miranda e Delfino (2016), “repositórios são ferramentas de acesso aberto que tem o objetivo de reunir, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente aos documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na instituição, bem como às suas coleções históricas, e outros documentos relevantes”.</p> <p>Nascimento, Queiroz e Araújo (2019), “a preservação digital nos repositórios institucionais é uma questão de elevada importância e a instituição que os abriga tem um papel crucial”, pois deve ser capaz de gerir toda sua informação digital a fim de mantê-la estável, utilizável e confiável, garantindo assim os seus propósitos operacionais atuais e futuros.</p>	<p>A preservação dos dados passa pela organização e a representação dos dados informacionais do conhecimento científico que é produzido pelas instituições e que estão depositados nos repositórios institucionais. A forma como estão organizados as informações podem gerar a construção de uma memória institucional científica e a construção de uma memória individual para pesquisadores. Logo, torna-se necessário que ocorra uma boa gestão dos dados ou dos metadados. Estes devem estar coerentes e devem obedecer a padrões de organização internacional como o padrão <i>Dublin Core</i> ou o protocolo OAI-PMH, ou mesmo padrões definidos pelo Conselho Nacional de Arquivos.</p>
<p>Disseminação dos Dados</p>	<p>Para Leite e Costa (2007), os repositórios institucionais funcionam como “ferramentas de externalização do conhecimento tácito, ao passo que oferecem a possibilidade de armazenar, em múltiplos formatos, a parcela do conhecimento que foi registrada”.</p> <p>Gonzalez-Perez, Ramirez e Penalvo (2021) salienta que a disseminação do conhecimento científico se dá através de repositórios de acesso aberto nas universidades como uma alternativa aos altos custos de periódicos com acessos restritos.</p>	<p>A disseminação de conteúdos dos repositórios institucionais resulta em uma série de benefícios tanto para pesquisadores quanto para as instituições. Para pesquisadores, proporcionam maior divulgação dos resultados de suas pesquisas o que promove o intercâmbio da troca de conhecimentos entre os pares científicos. Para as instituições, proporcionam maior visibilidade no cenário das instituições brasileiras que promovem a ciência no Brasil e no mundo.</p>

Fonte: elaboração própria.

### 3.4 Coleta de dados

A definição pelo estudo aplicado pressupõe a escolha de métodos específicos para a atividade de campo e a obtenção adequada de dados para análise empírica. Sendo assim, a escolha por entrevistas e as observações teóricas constituem as principais fontes para a coleta de dados. Os dados foram coletados em duas perspectivas de entrevistas (*online* e presencial) e com diferentes entrevistados com a finalidade de triangular todas as informações coletadas, e, assim, possibilitar um rigor e uma profundidade na análise da pesquisa.

Com relação aos métodos de coleta de dados, estes ocorreram por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Portanto, dados primários obtidos a partir da interlocução com o público entrevistado. A escolha por este tipo de coleta se justifica pelo fato da alta flexibilidade

de interlocução do pesquisador com o entrevistado. Isto permitiu que fossem realizadas inferências e interlocuções acerca do tema com base no referencial teórico. As entrevistas têm as melhores condições de obter informações para análises e diagnósticos com maior possibilidade de precisão.

Para Duarte (2004, p. 215), as entrevistas são fundamentais quando se deseja “[...] mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. O pesquisador pode levantar informações sobre o pensamento de determinado integrante de um grupo social, o que, de modo geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

Desta maneira, as entrevistas da pesquisa podem ser iniciadas com perguntas específicas de identificação e, na sequência, outras perguntas podem ser feitas para extrair as informações de modo que atenda aos objetivos da pesquisa. Para Gil (2008, p. 109), a entrevista é definida como uma técnica em que o “[...] investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. A entrevista se configura como uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes “[...] busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 2008, p. 109). Portanto, ocorre uma interação social entre o entrevistador e o entrevistado.

Em Cooper e Schindler (2016, p. 153), a abordagem qualitativa com entrevistas tem como princípio “[...] analisar e interpretar aspectos mais profundos da subjetividade do entrevistado” para extrair informações necessárias às investigações como as atitudes e as tendências dos indivíduos.

Deste modo, entendemos que a entrevista é um encontro entre duas pessoas que permite obter informações acerca de determinado assunto. O diálogo entre pesquisador e pesquisado pressupõe detalhamento e aprofundamento de determinadas questões.

Logo, a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados que busca entender questões para diagnóstico e a compreensão dos problemas existentes, o que está em sintonia com o pretendido. Desta forma, optamos pelo modelo de entrevista semiestruturada que compreende a flexibilidade de perguntas e, ao mesmo tempo, obtêm informações com maior nível de precisão na pesquisa qualitativa.

O Quadro 5, a seguir, retoma os objetivos da pesquisa e o alinhamento com os procedimentos de coleta.

**Quadro 5** – Alinhamento dos Objetivos com a Coleta de dados

<b>Objetivo Geral</b>	Compreender como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação, <i>stricto sensu</i> , da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	
<b>Objetivo específico</b>	<b>Coleta de dados</b>	<b>Enfoque</b>
Descrever como ocorre o processo de gestão do conhecimento da produção científica (teses e dissertações) da UESB, no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	Os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas captam a percepção dos sujeitos da pesquisa (fontes primárias) com base na análise empírica a partir da leitura do referencial teórico (fontes secundárias).	Relacionamos as principais ideias apresentadas nas entrevistas e embasamos com o texto.
Identificar as condições institucionais (estruturais, funcionais e administrativas) para uma implementação de um repositório institucional de produção científica (teses e dissertações) da UESB, no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	Os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas captam a percepção dos sujeitos da pesquisa (fontes primárias) com base na análise empírica a partir da leitura do referencial teórico (fontes secundárias).	Relacionamos as principais ideias apresentadas nas entrevistas e embasamos com o texto.
Avaliar como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento da produção científica na pós-graduação, <i>stricto sensu</i> , da UESB, no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	Os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas captam a percepção dos sujeitos da pesquisa (fontes primárias) com base na análise empírica a partir da leitura do referencial teórico (fontes secundárias).	Relacionamos as principais ideias apresentadas nas entrevistas e embasamos com o texto.

Fonte: elaboração própria.

Todavia, é imprescindível que se obtenha o aceite dos participantes da pesquisa respeitando o anonimato para proceder às fases seguintes. O intuito é obter um quantitativo de entrevistas que permita a condição de validade para abordagem qualitativa.

### 3.4.1 Sujeitos da pesquisa

No *campus* da UESB em Vitória da Conquista-BA existe treze programas de pós-graduação *stricto sensu*, que estão divididos em programas de mestrado e outros de mestrado e doutorado. A população de entrada anual envolvida nos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) no *campus* de Vitória da Conquista é de aproximadamente quatrocentas pessoas por ano, que se dividem em atividades ministrando disciplinas, coordenando programas, cursando disciplinas, secretariando colegiados e mais outras pessoas que atuam indiretamente. Cada programa tem a sua especificidade, mas todos auxiliam promovendo a pós-graduação na universidade o que vem possibilitar maior fluidez para as atividades de pesquisa.

Todavia, não foi possível aplicar as entrevistas a toda população. As entrevistas foram aplicadas aos participantes de forma individual e em alguns casos na modalidade presencial e,

noutros, na modalidade *online* com base na representatividade dos segmentos envolvidos com a pós-graduação (*stricto sensu*) no *campus* de Vitória da Conquista-BA. Os segmentos compreendem coordenadores, professores, secretários e alunos da pós-graduação, além de funcionários que estão ligados a setores administrativos como biblioteca, unidade de informática, setor de publicação digital e pró-reitoria de pós-graduação. Estes servidores dão suporte administrativo ao processo de catalogação e indexação dos metadados, suporte técnico de publicação bem como o gerenciamento da produção científica dos programas de pós-graduação (*stricto sensu*) da UESB no campus de Vitória da Conquista - Bahia. Desta maneira, contemplam o ensejo desta pesquisa.

Desta maneira, quinze entrevistas foram aplicadas de forma aleatória com os representantes dos segmentos envolvidos durante o período de 20 de novembro de 2024 a 20 de janeiro 2025. Cabe informar que os recortes das entrevistas estão identificados pela expressão “Entrevistado *n*”, onde *n* é a ordem da entrevista, e estão organizados na seção seguinte conforme os representantes dos segmentos de forma que cada entrevista não seja confundida com as demais. A saber:

- a) Grupo do Administrativo de Programas de Pós-graduação (GAPP);
- b) Grupo de Discentes dos Programas de Pós-graduação (GDPP);
- c) Grupo de Coordenadores de Programas de Pós-graduação (GCPP);
- d) Grupo de Professores dos Programas de Pós-graduação (GPPP);
- e) Grupo de Secretários dos Programas de Pós-graduação (GSPP);

O tempo total das entrevistas foi de 10h e 15 minutos (dez horas e quinze minutos) de gravação sendo realizadas em dias e horários previamente acordados com os participantes. Obedecendo, assim, ao cronograma da coleta de dados. Os arquivos de áudio das entrevistas encontram-se disponíveis no *google drive* para possíveis consultas até seis meses após o término da pesquisa.

As entrevistas não tiveram ônus para a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e nem para a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contudo, foi aplicada um teste piloto e na sequência foram aplicadas de forma definitiva, conforme orientações encontradas em Cooper e Schindler (2016), Malhotra (2006), Minayo (1994).

O roteiro de perguntas foi dividido em quatro blocos contendo quatro perguntas em cada bloco definidas por área de conhecimento relacionadas com as possíveis categorias previamente observadas no referencial teórico desta pesquisa, conforme se observa no Quadro 6 a seguir:

**Quadro 6** – Bloco de Perguntas do Roteiro

<b>Bloco</b>	<b>Objetivo das perguntas por categorias</b>	<b>Autor (ano)</b>
Bloco A	Identificar como os entrevistados entendem o processo de formação da <b>produção científica</b> (conhecimento científico).	Ferreira e Silva (2012), Albagli (1996), Gomes (2014), Manso (2012), Rodrigues <i>et al.</i> (2019)
Bloco B	Identificar a percepção dos entrevistados sobre as <b>condições institucionais (estruturais e funcionais)</b> para a implementação de um repositório institucional de produção científica da UESB, no Campus de Vitória da Conquista-BA.	Crow (2002); Lynch (2003); (Farias; Rezende; Lima, 2023);
Bloco C	Compreender como ocorre o processo de <b>gestão do conhecimento da produção científica</b> (teses e dissertações) da UESB, no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	Nonaka e Takeuchi (2008)
Bloco D	Avaliar como um repositório institucional pode <b>contribuir no processo de gestão do conhecimento da produção científica</b> na pós-graduação, <i>stricto sensu</i> , da UESB, no <i>campus</i> de Vitória da Conquista-BA.	Miranda e Delfino (2016), Queiroz e Araújo (2019), Leite e Costa (2007), Gonzalez-Perez, Ramirez e Penalvo (2021)

Fonte: elaboração própria.

No Apêndice desta pesquisa encontra-se o formulário Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e mais o Roteiro de Perguntas.

### 3.4.2 Transcrição das entrevistas

Para analisar as falas dos entrevistados com maior riqueza de detalhes, como se observa nas seções seguintes, utilizamos ajuda do *turboscribe* (<https://turboscribe.ai/pt>), no qual utiliza ferramenta de inteligência artificial (IA) como mecanismo de conversão de arquivos de áudio para texto gratuitamente. Todavia, este recurso permite a transcrição gratuita desde que seja obedecido um limite de tempo máximo de trinta minutos de gravação. Diante disto, os arquivos em áudio foram divididos em pequenas partes de forma que atendesse o limite de trinta minutos de gravação para obter a gratuidade do serviço. As transcrições, no entanto, vieram com alguns erros gramaticais e alguns vícios de linguagem o que muitas vezes foi necessário realizar uma limpeza no texto conforme as normas ortográficas da língua portuguesa.

Dito isto, convém ressaltar que acompanha o instrumental do entrevistador um gravador de áudio para registro das falas quanto o uso de uma prancheta contendo bloco de anotações para possibilidades de registros emergenciais das falas dos entrevistados. De certo modo, os registros escritos facilitarão a análise de dados coletados juntamente com a transcrição das entrevistas. Além disto, as transcrições foram organizadas em grupos de representatividade dos entrevistados para proceder a análise, interpretação e apresentação dos achados da pesquisa. Ademais, as transcrições em formato de texto (arquivo *doc*) denotaram 127 (cento e vinte e sete) páginas no total. Na pesquisa selecionamos apenas alguns recortes.

No Quadro 7, a seguir, é descrito o tempo das gravações dos participantes organizados por grupo obedecendo a ordem *n* de entrevistados:

**Quadro 7** – Transcrição das Entrevistas

<b>Grupo de Entrevistado <i>n</i></b>	<b>GAPP (Administrativo)</b>	<b>GDPP (Discentes)</b>	<b>GCPP (Coordenadores)</b>	<b>GPPP (Professores)</b>	<b>GSPP (Secretários)</b>
Entrevistado 1	18:19	57:28	50:29	30:05	29:28
Entrevistado 2	51:16	-	28:31	68:03	25:48
Entrevistado 3	26:30	-	67:14	32:15	34:40
Entrevistado 4	48:17	-	-	-	49:05
<b>Tempo (min)</b>	<b>143:82</b>	<b>57:28</b>	<b>145:74</b>	<b>130:23</b>	<b>138:21</b>
<b>Tempo total: 10h e 15 min</b>					

Fonte: elaboração própria.

Entretanto, algumas lacunas do Quadro 7 não foram preenchidas devido a impossibilidade de realizar todas as entrevistas dentro do tempo esperado.

### **3.5 Análise e interpretação de dados**

Na fase de análise optamos pela análise de conteúdo sob a perspectiva de Bardin (2001), mas também foram considerados os estudos de Sampaio e Lycarião (2021) e de Richardson *et al.* (2012). Estes últimos, sobretudo, como uma leitura inicial para compreender o que vem a ser uma análise de conteúdo e de como categorizar os dados obtidos da coleta. Contudo, foi em Bardin (2001) que compreendemos que este tipo de coleta, como as entrevistas, o entrevistador pode fazer inferências com interpelações controladas e obter as melhores respostas dos entrevistados que possam trazer esclarecimentos a pesquisa.

Desta forma, iniciamos com a organização do material, o que inclui a pré-análise (escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores), a exploração e análise do material (decomposição das informações em dados) e o tratamento dos resultados com as inferências e processos de interpretação.

Esta fase inicial corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais de maneira que possibilitam uma condução precisa coletando e organizando os dados informacionais. Para Bardin (2001, p. 96), discorrendo sobre a fase inicial de pré-análise, “[...] estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros”.

Em seguida, seguimos para a fase de codificação dos dados com análise qualitativa e deduções a partir de conceitos com base no referencial teórico. Aqui estamos propondo um alinhamento do referencial teórico da pesquisa com os dados informacionais coletados nas

entrevistas realizadas. Chamamos esta fase de codificação. Para Bardin (2001, p. 129), “a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades”, permitindo, desta forma, uma descrição exata de características que pertencem ao conteúdo.

Seguindo mais adiante, passamos a fase de categorização dos dados, agrupando os dados e as informações procedendo para uma descrição minuciosa dos achados. Na sequência, passaremos para a fase de análise e discussão dos dados. Alinhando os achados da pesquisa na análise categorial, uma vez que já se encontram codificados. Os dados coletados a partir do roteiro semiestruturado (Apêndice A) fornecem as respostas para análise e interpretação dos dados. Conseqüentemente, uma divisão em categorias de análise segue para a interpretação dos resultados o que, posteriormente, neste texto, está representado no capítulo 4, Apresentação dos Resultados.

## 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao analisar as entrevistas e suas respectivas transcrições entendemos que as respostas dos entrevistados extraídas do roteiro de perguntas, conforme Anexo A, podem ser agrupadas em quatro grandes blocos: produção científica, condições institucionais, gestão do conhecimento e repositório institucional. Entendemos que esta estratégia de agrupamento em blocos se alinha com os objetivos propostos na Seção 1.2.2 e, de forma análoga, com as definições constitutivas e operacionais que também estão descritas na Seção 3.4. Portanto, os dados agora podem ser categorizados.

Todavia, devemos lembrar que em cada bloco de perguntas existe quatro outras perguntas que emoldam as possíveis categorias e que permitem identificar se de fato há uma compreensão dos entrevistados sobre o tema abordado. O referencial teórico da pesquisa nos dará um norte para uma análise posterior sobre este entendimento. Deste modo, podemos ampliar as possibilidades de interpretação das respostas dos entrevistados. De outro modo, podemos ainda analisar se as respostas dos entrevistados estão condizentes ou não com o referencial teórico apresentado no texto. A seguir, apresentamos a interpretação dos resultados obtidos a partir das transcrições dos relatos das entrevistas em conformidade com as categorias de análise.

### 4.1 Relatos sobre a produção científica

De modo geral, o objetivo deste tópico é identificar como os entrevistados entendem os processos de formação da produção científica. Outrossim, a grande maioria entende que a produção científica deve ocorrer dentro dos limites das estruturas das universidades e a formação científica ocorre delineando a observação, o raciocínio lógico e a testagem de conhecimentos para que o aprendizado seja realizado e se torne realidade. A formação científica também perpassa pelo arcabouço de conhecimentos que cada indivíduo traz consigo para fundamentar a percepção de determinada área de conhecimento. Portanto, o processo de formação necessita de vários fatores.

O Quadro 8, a seguir, traz de forma resumida os principais relatos sobre a produção científica.

**Quadro 8:** Principais Relatos da Produção Científica

Relatos Produção científica	
GAPP	A produção científica deve iniciar com a iniciação científica na graduação
GDPP	Produção científica Deve ter como elementos o método e a metodologia
GCPP	A pesquisa científica e a observação começam na graduação e pós-graduação

GPPP	Extensão é vista como um fator de comunicabilidade científica
GSPP	Há divergências de entendimento entre comunicação e divulgação científica

Fonte: elaboração própria.

#### 4.1.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP

Para o Entrevistado 1 do grupo GAPP, respondendo sobre como ocorre a formação da produção científica, cita que “o processo de formação científica começa quando os alunos iniciam na graduação e logo se envolvem com a pesquisa através dos diversos programas de iniciação científica como alunos bolsistas” (Entrevistado 1). Para o entrevistado, eles vão ter as melhores chances de se aperfeiçoar com uma formação em especialização, mestrado ou mesmo de um doutorado, e, desta forma, ampliarão o leque de conhecimentos. Conseqüentemente, aumentará a produção científica da universidade. O entrevistado não cita como ocorre o processo de formação.

#### 4.1.2 Grupo de Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP

De modo semelhante, para o Entrevistado 1 deste grupo, respondendo sobre como entende ou ocorre o processo de formação do conhecimento científico, sugere a necessidade de técnicas de análise dos conhecimentos que o sujeito possui. Portanto, sugere a utilização de uma metodologia para a produção do conhecimento científico. Na entrevista, ele cita que a formação do conhecimento começa com a pesquisa de um tema que foi anteriormente estudado. Sendo assim, a produção científica é realizada com base na reflexão de um tema a partir da sua observação conforme seus conhecimentos. Segundo o entrevistado, “[...] o processo começa na pesquisa de determinado assunto e vai seguir para as fases de método e metodologia” (Entrevistado 1). Ainda que as instituições dão uma ênfase maior na produção de um artigo científico. O conhecimento é formado a partir das etapas do processo de estudo. A formação do conhecimento da pesquisa científica parte de uma base de um conhecimento pré-existente quando se elabora questionamentos, e, a partir disso, a parte seguinte é a pesquisa.

#### 4.1.3 Grupo de Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP

Para o Entrevistado 1 deste grupo, “[...] a formação da produção científica é um processo dinâmico que requer dois elementos principais que subdividem com a graduação e a pós-graduação” (Entrevistado 1). Segundo o entrevistado, para que os alunos cheguem na pós-graduação com um conhecimento científico mais aprofundado teriam que se interessar pela fase de pesquisa e observação que deve acontecer desde a graduação até chegar à pós-graduação.

Então, é um processo contínuo e que a maturidade científica ou o conhecimento científico demandam tempo e amadurecimento.

De forma análoga, para o Entrevistado 2 o processo de formação da produção científica ocorre no campus da universidade em diferentes estágios. Para este, existe a fase de graduação, de especialização, de mestrado, de doutorado e do pós-doutorado. Portanto categoriza o processo de formação em fases, conforme se observa em recortes de sua entrevista:

“[...] a produção científica passa pelas escolhas possíveis na temporalidade que você tem para o mestrado e doutorado. Exige um rigor, do meu ponto de vista, que algumas pessoas chamam assim de um enquadramento teórico, um enquadramento metodológico e também do ponto de vista da discussão do conhecimento. Existe uma definição muito clara da sua questão de investigação, do seu objeto de pesquisa, da sua temática, mais na via que se situa esse objeto. Então, esse é um movimento que eu penso que está nesse contexto da produção e da formação do conhecimento científico. Assim, no sentido de que é uma abordagem também sistêmica e rigorosa, que investiga fenômenos naturais, fenômenos sociais e de outra natureza também (Entrevistado 2).

Portanto, para este grupo, o processo de produção científica requer uma rigorosidade em etapas específicas e que a escolha do tipo de pesquisa, que pode ser empírica, teórica ou bibliográfica pode influenciar.

#### 4.1.4 Grupo de Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP

Contudo, ainda respondendo como a ciência tem favorecido a disseminação do conhecimento no ensino superior, um entrevistado do grupo GPPP reforça que a sociedade ainda não consegue ter acesso a essa informação e ao conhecimento produzido no ensino superior na sua totalidade. Em sua fala, cita que “[...] é através dos projetos de extensão que a universidade consegue chegar a sociedade” (Entrevistado 1). Para este entrevistado, a extensão tem esse papel fundamental, sobretudo, quando a extensão é entendida como fator de comunicabilidade frente aos desafios globais. A questão da sustentabilidade, da redução da pobreza, do combate à desigualdade social são pontos relevantes de uma pesquisa que o repositório institucional pode armazenar os produtos oriundos da pós-graduação.

Para o Entrevistado 1, a universidade tem que sair em defesa destas frentes. Em recortes de sua fala, cita:

[...] às vezes, escuto de algumas pessoas falando coisas do tipo que a universidade está aqui, mas não está conosco; [...] não é simplesmente a extensão de um conhecimento daqui para lá, mas o conhecimento que é construído de lá para cá das comunidades. A gente tem diversos projetos na área de saúde, na agronomia, na zootecnia, na educação. Eu sempre tenho essa preocupação com as teses, eu sempre trabalho muito com teses colaborativas, com essa abordagem de produção de conhecimento. [...] quando nós trabalhamos a partir dessa vontade colaborativa, cada

encontro com essa escola é uma forma de fazer chegar conhecimento de sentido e de construir com ela as mudanças significativas na vida daquelas crianças, das professoras, etc. [...] se você olhar as grandes áreas da nossa universidade, no âmbito das ações afirmativas, dos impactos das críticas, dos últimos anos que a gente tem planejado na universidade, se a gente olhar os estudantes que entram na universidade, que estão conosco hoje, eles são muito diferentes de 20 anos atrás (Entrevistado 1).

Para o entrevistado, ainda que a maioria da comunidade universitária entende sobre o processo de produção científica nem todos dominam sua real totalidade e compreensão. A exemplo desta questão, o Entrevistado 2 do GPPP cita sobre a complexidade de acesso ao conhecimento na UESB. Desta maneira ele acaba confundindo acesso ao conhecimento com a produção do conhecimento científico. Em outra situação, não conhece o movimento de acesso aberto como um mecanismo de favorecimento e divulgação científica dos centros de pesquisas.

Sobre os processos de divulgação científica dentro da universidade, na totalidade dos entrevistados, eles compreendem que a universidade é falha neste sentido. Não existe uma ampla divulgação da produção científica da UESB. Por outro lado, muitas vezes, este processo é confundido com divulgação institucional. Há que compreender o que seria comunicação científica com comunicação institucional ou marketing institucional. E noutras, é confundido com extensão institucional. Logo, percebe-se que a UESB ainda é uma instituição precária de agentes colaboradores que atuem de forma conjunta mesmo que tenha as especificidades direcionadas de cada área de atuação.

#### 4.1.5 Grupo de Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP

Para o Entrevistado 1, do grupo GSPP, a formação do conhecimento científico envolve muitas pessoas. O trabalho, a labuta, o suor de muitas pessoas de agora e de pessoas que vieram antes também, porque muito do que é formado e do que é construído agora se embasa em textos, em pesquisas, em conhecimentos que foram adquiridos antes. Buscados por outras pessoas. Neste sentido, o conhecimento científico é moldado a partir de esforços diários que exigem empenho de todas as partes (docentes e discentes), afirma o Entrevistado 1.

Para o Entrevistado 2, o conhecimento científico é formado de uma forma estruturada. A ciência tem os seus aspectos empíricos, mas ela passa por observações e pelos ditames das leis que já estão previamente elaboradas. Torna-se necessário ainda algumas outras etapas como as de comprovações, observações e testes até chegar a uma conclusão que aquela evidência realmente é digna de uma comprovação científica e que se reverterá como conhecimento científico adquirido. Tratando de como o Entrevistado 3 percebe a comunicação da produção científica na UESB, ele cita:

[...] a comunicação é até bem-feita, porque a gente tem aquela circular [...] e também um boletim [...]. A gente está sempre recebendo no e-mail informações sobre pesquisas, sobre projetos desenvolvidos por alunos. [...] esses dias eu vi até uma matéria muito interessante, a nível de graduação, mas uma matéria sobre um ou dois alunos de psicologia que desenvolveram um jogo infantil para melhorar a qualidade do sono das crianças e que isso foi aplicado em escolas e que obteve resultado. Então, assim, na medida do possível, eu imagino que a comunicação dessa produção no nome da cidade é relativamente bem-feita, porque a gente tem muita divulgação disso no nosso e-mail e no site da UESB também divulga (Entrevistado 3).

No entanto, percebe-se de sua fala que o Entrevistado 3 não compreende o que vem a ser uma comunicação científica de fato. Há uma certa discrepância de entendimento com notícias administrativas da universidade e mesmo com divulgação científica propriamente dita. Neste sentido, há uma carência em toda a instituição de um melhor entendimento do que vem a ser comunicação científica. A falta de entendimentos leva a comunidades a interpretações diversas sobre o assunto na instituição. Nas falas deste grupo de entrevistados isto é perceptível.

Indagando sobre o alcance do conhecimento científico promovido pela universidade para a sociedade, a grande maioria dos entrevistados compreendem que ainda há muito a ser feito. Ainda que muitas ações advindas da pós-graduação tenham se realizado, pois ela como um todo vem representando a universidade além dos limites físicos e estruturais.

Contudo, a UESB é gerida com recursos públicos e precisa prestar conta a comunidade (ou a sociedade) do que ela produz em termos de ciência. Neste sentido, detecta-se nas entrevistas algumas lacunas que a área extensionista da universidade deixa a desejar.

Para o Entrevistado 4 do GSPP, o conhecimento que é gerado na universidade é realizado a partir das bolsas concedidas para professores e para servidores que vão fazer mestrado e doutorado no intuito de melhorarem sua formação. No entanto, quando retornam à instituição simplesmente não devolvem o conhecimento adquirido, conforme sinaliza o Entrevistado 4, em:

[...] sentam em cima do conhecimento que angariou e não dá nenhum feedback, não dá nenhum retorno à comunidade em que ela está inserida. [...] vejo, inclusive, isso com muita preocupação, porque a situação hoje das universidades, na minha ótica, vai avançar para um ensino terceirizado, ou seja, o Estado vai se eximir de qualquer responsabilidade e vai terceirizar a administração universitária. [...] haverá uma cobrança muito maior não só com as pesquisas, mas principalmente com a extensão. Hoje, por exemplo, a CAPES cobra, assim, de forma incisiva que os cursos de pós-graduação tenham um programa de extensão que se aproxime da comunidade para gerar algum tipo de interação ou de disseminar algum conhecimento (Entrevistado 4).

Para o entrevistado 4, a UESB ainda está muito distante de alcançar o patamar de uma instituição que promova uma integralidade das diversas áreas e setores universitários com a sociedade.

## 4.2 Relatos sobre as condições institucionais

Neste tópico são expostos como os participantes das entrevistas entendem o que vem a ser um repositório institucional e como eles identificam as condições institucionais (estruturais e funcionais) para a implementação de um repositório de produção científica na UESB, no Campus de Vitória da Conquista-BA.

Conforme observamos na coleta de dados, os entrevistados compreendem ainda de forma muito limitada o que vem a ser um repositório institucional para uma universidade. Alguns até entendem com um pouco mais de profundidade do que outros. No entanto, a grande maioria ainda tem apenas um conhecimento superficial das condições estruturais e funcionais. Sinalizamos a seguir alguns destaques conforme os grupos de entrevistados.

O Quadro 9, a seguir, traz de forma resumida os principais relatos sobre as condições institucionais.

**Quadro 9:** Principais Relatos das Condições Institucionais

Relatos Condições Institucionais	
GAPP	Repositório institucional é uma ferramenta importante no processo colaborativo
GDPP	Condições tecnológicas e operacionais são precárias; existe falta de comunicação na universidade
GCPP	Necessidade de investimentos estruturais e funcionais e logísticas
GPPP	Criar normas e diretrizes de funcionamento
GSPP	Necessidade de planejamento

Fonte: elaboração própria.

### 4.2.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP

Para a grande maioria do grupo GAPP a ideia do repositório é a centralização de todo conhecimento produzido na universidade. Sendo assim, compreender que artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorados, relatórios de pesquisa e outros documentos acadêmico-científicos devem estar inseridos digitalmente dentro das estruturas de um repositório institucional. Portanto, reúne a produção científica da universidade tudo em um único lugar.

Todavia, também detectamos nas entrevistas que outras ferramentas de controle de gestão nos serviços de produção científica como o Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos, que estão vinculados ao servidor *Open Journal System* (OJS), são confundidos como sendo repositórios institucionais. Isto, de certa maneira foge à regra pela literatura do que é um repositório em uma instituição universitária. Para o Entrevistado 1 GAPP, “o repositório institucional abarca todas essas produções e é um caminho único de acesso para todas informações de produção científica que é gerado dentro da instituição”. Para um outro

Entrevistado 2 do GAPP, “o repositório institucional de uma universidade é compreendido como uma ferramenta importante no processo de acesso as produções científicas da universidade”. Para este, ainda que exista alguns portais de serviços como o portal de revistas, o portal de e-books e a próprio BDTD eles podem funcionar como repositórios de armazenamento para cada tipo de publicação. Contudo, isto não atende a definição de repositório pela literatura.

Em uma outra entrevista entendemos que o repositório compreende um local digital que se parece com uma biblioteca digital, ou nas palavras do Entrevistado 3, “seria para além disso”. Neste sentido, a resposta ainda que incompleta, delinea, de modo geral, a percepção que a comunidade tem sobre o que vem a ser um repositório institucional: um local em que todas as informações de cunho científico estão sendo armazenadas e que possibilitam o acesso tanto da comunidade acadêmica da UESB como a comunidade externa para fazer consultas e conhecer os resultados das pesquisas e das produções científicas de acordo com os seus interesses.

Todavia, analisando as respostas do grupo GAPP sobre as condições institucionais funcionais e estruturais, os participantes não responderam na completude o que seria as condições institucionais para que a UESB possa implementar um repositório institucional de qualidade. Há uma confusão generalizada na definição desta questão. O Entrevistado 4 cita que “não sei informar quais seriam as condições ideais e necessárias para o bom funcionamento de um repositório” (Entrevistado 4). Ainda que este entrevistado, possivelmente, deverá atuar de forma direta com a implantação do repositório institucional na UESB. Fugindo, assim, do domínio de entendimento do que seria as condições institucionais. No entanto, chama atenção para a fragmentação que possa existir quando se tem vários locais de busca da produção científica. Em sua fala destacamos:

E quando você fragmenta demais, eu acho que isso deixa algumas lacunas, entendeu? [...] eu acho que ele ainda é razoável, eu acho que vou responder como razoável, sem fazer muita consideração, pelo meu desconhecimento mesmo, sabe? E pelo que eu percebi, por ser fragmentado, eu vejo que ainda esse negócio de bancas, defesas e tese, eu acho que deveria ter sido catalogado, pelo menos de forma virtual num local específico da instituição como um todo, entendeu? Não está separado pelos programas, então eu não vejo isso como ineficiente (Entrevistado 4).

Neste ponto, o Entrevistado 2, o Entrevistado 3 e o Entrevistado 4 dialogam e informam que os sites dos programas de pós-graduação que disponibilizam as teses e dissertações dos alunos e mais o site de periódicos da universidade que armazenam as revistas científicas da UESB vem atuando como um repositório institucional o que seria um engodo. Isto pode ser comprovado em um dos recortes da fala do Entrevistado 4:

[...] a divulgação dos programas, considerando os programas de pós-graduações, eles fazem suas divulgações em separado, mas eu não sei se dá hoje de uma maneira tão inteira. Não sei se eu estou me fazendo entender... num local só específico em que a pessoa vai acessar de forma completa e conseguir abarcar tudo o que ele quer das diversas áreas da instituição. É onde se produz a produção de conhecimento, e aí se a pessoa hoje atende, tem aquela expectativa de 100% encontrar tudo o que ela quer (Entrevistado 4).

Diante disto, indagando sobre como deveria ser as condições institucionais o Entrevistado 3 do grupo GAPP relata que “perpassa desde a estrutura básica em recursos tecnológicos como recursos humanos apropriados para dar suporte ao repositório”. Ainda, cita da necessidade de ter um gestor a fim de promover a divulgação e a difusão do conhecimento na universidade. O Entrevistado 3 cita:

[...] como se tivesse um local específico mesmo, se ela quiser consultar a parte de produção, revista, ela vai achar aqui. Mas tudo no mesmo local, como se fosse num endereçamento, sabe? A parte de graduação, o que é produzido, a parte de pós-graduação, tudo que a gente tem de produção de forma individual, dos alunos em forma conjunta, parcerias também com outras instituições, produções, com outras universidades, está ali tudo condensado e permitindo aquele acesso irrestrito que a pessoa vai consultar novamente. Ela vai conseguir achar aquelas informações de forma rápida, séria e também de forma gratuita [...] (Entrevistado 3).

Para este entrevistado um bom repositório deve alcançar a divulgação em sua amplitude. A difusão do conhecimento produzido na instituição precisa estar alinhada com a comunicação da universidade e desta com a sociedade. Segundo ele, utilizamos os recursos públicos e não damos a devida contrapartida para a sociedade do conhecimento que foi produzido. Neste momento surge dúvidas da eficiência do marketing institucional.

O Entrevistado 2 relata sobre a importância do alinhamento correto dos metadados com os conteúdos depositados no repositório para ampliar a divulgação da produção científica na universidade. Tratando especificamente de metadados e da importância da divulgação, ele destaca:

[...] se não houver um alinhamento correto dos metadados, as consultas do material depositado não estarão disponíveis para acesso da comunidade. É necessário o conhecimento que envolve a capacitação. [...] tem vários detalhes, assim, na questão de metadados, que muitas vezes se não tiver configurado corretamente, acaba não sendo indexada. Isso aí é meio que, como envolve professores e a pesquisa está ligada ao ego do professor, acaba meio que comprometendo. Tanto que, quando algum desses periódicos fica fora do ar, a gente recebe logo notificação. [...] qualquer falha na questão da configuração dos metadados vai fazer com que a produção científica não seja indexada e não vai ser exibida corretamente nos portais de busca (Entrevistado 2).

Para este Entrevistado 2, é preciso repensar a parte técnica e operacional para a implantação de um repositório institucional. Segundo ele, a parte técnica operacional vai

favorecer o desenvolvimento e manutenção dos repositórios que já vem atuando na universidade e também do repositório institucional em geral. Para este entrevistado, “nós já temos repositórios; [...] o Portal de Periódicos é um repositório tanto que ele foi reconhecido, a gente tem lá na página um indexador, mas ele não é bem o indexador do portal; [...] o Open Doar é um diretório dos repositórios de acesso aberto” (Entrevistado 2). Para ele:

[...] O Portal de Periódicos é reconhecido como repositório de acesso aberto. Então, ele é caracterizado como repositório. O Portal de Anais, que segue a mesma configuração do Portal de Periódicos, também é um repositório. O Portal de E-books, quando ele estiver finalizado, vai ser um repositório, só que de e-books, especificamente, publicados pela edição de BDTD, também é um repositório, quando tiver finalizado. Atualmente, em uso, a gente tem dois repositórios, que é o Portal de Periódicos e o Portal de Anais. E dois que estão para serem lançados agora no início do ano. Então, o E-books e o BDTD (Entrevistado 2).

E complementa citando a necessidade de ampliar o número de pessoas para atuar no setor de repositório, pois a UESB tem cinco sistemas como serviços:

[...] a gente está falando de cinco sistemas que são cinco repositórios. Geralmente, a gente pensa num único repositório, que é o repositório final, que é o repositório institucional. Mas a estruturação que está sendo pensada é que no final esse repositório institucional seja alimentado a partir desses outros repositórios que a gente citou, o portal de e-books, o portal de anais, o portal de periódicos, a própria BDTD. Todo esse material que a gente já construiu nos repositórios seja alimentado ou venham alimentar o repositório institucional, além de outras produções como os TCC's e as monografias de especialização que não entraram nesse momento. Então, nesse quesito, dentro da instituição, a gente já tem todo um diálogo exposto para que o repositório exista. Ele já está nesse processo, tanto que ele passou a existir dentro da resolução de criação da diretoria de publicações digitais, ele está lá como uma das atividades dessa diretoria, que é pensar na estruturação do repositório institucional e definir as políticas que serão necessárias não só para esse repositório institucional, como para todos esses outros sistemas que a gente falou, os outros portais que a gente falou, e a própria BDTD. Então, ele está sendo pensado, e teoricamente, vamos colocar assim, porque não foi criado ainda. É uma política que está sendo dialogada para que ele seja efetivado ainda. Ele não está criado, mas já está sendo pensada a política dele. O piloto nosso vai estar sendo a própria BDTD (Entrevistado 2).

Indagando sobre quais seriam as condições ideais para implementação de um repositório, o entrevistado sinaliza que a universidade deveria investir em treinamentos e capacitação de pessoal e infraestrutura tecnológica para prover um serviço de qualidade. Neste ponto todos os entrevistados sinalizam como sendo uma necessidade imediata.

#### 4.2.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP

Para o grupo GDPP o entendimento do que vem a ser repositório institucional de uma universidade se resume ao acesso livre e espontâneo das produções científicas oriundas da pós-graduação. Neste sentido, há uma retomada para o problema da falta de comunicação entre os programas de pós-graduação que existem na universidade, segundo o Entrevistado 1 deste

grupo. Se a comunidade não sabe que existe um conhecimento armazenado, obviamente, a comunidade não terá o aprendizado merecido e o conhecimento se tornará inacessível. Em recortes de sua fala, entendemos que se estamos falando de uma universidade pública, então, o acesso livre deve ser mantido e dialogado dentro da instituição. Um outro ponto é a habilidade de manter esse conhecimento numa situação onde ele não possa ser perdido, e, ao mesmo tempo, esteja acessível, conforme a fala do Entrevistado 1 deste grupo. Para o entrevistado, “não adianta ter artigos disponíveis e não saber como gerir o conhecimento ali produzido” (Entrevistado 1).

Para as condições institucionais do repositório na UESB, o Entrevistado 1 salienta de forma geral que ainda é precário as estruturas da UESB, pois segundo ele:

[...] eu entendo muito bem o que acontece nos bastidores da UESB em questões tanto financeiras quanto de equipe técnica. É uma crítica no sentido de que eles fazem muito esforço com pouquíssimos recursos e isso gera consequências como, por exemplo, instabilidade. Frequentemente o site sai do ar. [...] meu grupo de pesquisas [...] tinha um site dentro da UESB e nós criamos um programa de formação para professores que tinha acesso permanente para os professores ao material depositado nesse site. Quando essas quedas de rede começaram a acontecer e nós, catorze ou quinze pessoas, começamos a tentar responder de dois a três mil dúvidas que apareciam de uma vez no *e-mail* ou no *whatsapp*. Por causa dessas quedas, nós resolvemos trazer para fora a UESB. Então nós arrumamos um espaço, criamos um domínio para a gente poder ficar livre desse problema que é a instabilidade (Entrevistado 1).

E complementa citando uma outra limitação:

[...] são os bancos de teses e dissertações, que, de novo, eles só são aquela caixa onde você coloca todos os trabalhos dentro, aí você pega uma folha e escreve o nome de todos os trabalhos. Se você quiser fazer uma busca mais específica, você não consegue. Você precisa aplicar cada trabalho, anotar os dados, para depois você ter uma resposta. [...] uma busca mais específica, uma seleção dentro das palavras-chave. De novo, nós estamos fazendo uma solução para isso. O nosso repositório de dissertações e teses leva a ideia de que é possível fazer uma busca bem mais específica e de maneira mais rápida, usando recursos que estão disponíveis. [...] nós estamos uns quinze anos atrasados nas questões funcionais. Eu digo isso porque o nosso sistema de busca é precário. O nosso sistema de divulgação é quase inexistente. Cada página dos programas de pós-graduação é como se fosse uma rua sem saída. Você só vai lá quando você precisa exatamente daquela informação. Você não passa por essas páginas buscando algo que possa te interessar. Você só entra lá quando você sabe o que você quer. E por algum motivo você sabe que está lá. Então, nós estamos atrasados nesse sentido da qualidade da comunicação (Entrevistado 1).

Para o entrevistado acima, a falta de comunicação entre os programas é um problema crônico da UESB. Não existe possibilidade de que um estudante esteja estudando um tema que está envolvido com a geografia e não consiga saber se o programa de Pós-graduação [...] tem algum material que possa ajudar. Na universidade não tem interação entre os programas de pós-graduação. Caso exista a possibilidade de implantação de um repositório institucional que abarque toda a produção científica produzida pela universidade, existirá por consequência a

possibilidade de fazer uma busca de uma dissertação e essa busca conseguir vasculhar tudo o que é produzido pela universidade sobre aquele tema em todas as cadeiras da pós-graduação. Na UESB o que vem ocorrendo é que os pesquisadores precisam acessar o site de cada um dos programas e procurar de forma detalhada em cada tese ou dissertação o que deseja. Logo, um caminho muito longo em virtude de a temporalidade não estar a favor.

Perguntando sobre quais as condições ideais para o pleno funcionamento de um repositório institucional na UESB, o entrevistado GDPP resume que o acesso livre aliado com a ausência ou redução de problemas no acesso é um dos fatores que irá permitir a interação entre os programas de pós-graduação da universidade. A busca não pode ocorrer dentro de um espaço muito específico. Para ele, fazer uma pesquisa de temas nas dissertações que pudessem abraçar toda a UESB seria o ideal. Um outro recorte de sua fala denota que a falta de comunicação entre os diversos programas ainda parece ser o grande problema que a instituição deve eliminar.

#### 4.2.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP

Para o grupo GCPP, há um entendimento uníssono sobre a definição, a importância e a finalidade do que vem a ser um repositório institucional. Para o Entrevistado 1 deste grupo o repositório é o espaço institucional em que todas as pesquisas feitas na universidade, desde Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Pós-doutorado, devem estar lá. Passando inclusive por artigos e livros que são produzidos na universidade. De sua fala destacamos:

[...] o repositório talvez seja nossa grande demanda não só aqui na nossa universidade, mas em várias delas, que é como estabelecer, como construir um espaço institucional em que todas as pesquisas feitas do TCC ao pós-doutorado estejam lá, os artigos, os livros que a gente produz estejam lá disponíveis. Então, eu entendo que o repositório é uma forma que a instituição tem para além de arquivar a produção e para além de centralizar essa produção em um determinado espaço, eu penso que o repositório é importante para fazer o que você perguntou anteriormente, que é a sociedade perceber aquilo que a gente produz. Se a gente tem um repositório, a sociedade se dá conta do tanto de produção que nós temos, da extensão, da graduação, da pós-graduação, da pesquisa, principalmente. Então, eu entendo o repositório como esse espaço de divulgação também daquilo que a universidade faz e de sua responsabilidade social. Eu acho que a gente não pode fugir da lógica de que o repositório é um grande espaço de responsabilidade social da universidade com o recurso público que a mantém. [...] é uma prestação de contas da sociedade. Toda essa produção, livro, capítulo de livro, artigo, trabalho em evento. É uma prestação do que é produzido pela instituição que é mantida pelo dinheiro público (Entrevistado 1).

Todavia, sobre as condições institucionais, ressalta que as condições institucionais são as que mais causam impactos. Segundo este Entrevistado 1 demandaria uma estrutura física adequada e uma logística de pessoas envolvidas da instituição para reunir as informações necessárias para acesso e, ao mesmo tempo, disponibilizasse essas informações. Uma boa

equipe de TI seria necessária. Este cita ainda a necessidade de obter o software correto que atenda a logística dos dados no repositório institucional aliada a uma indexação coerente dos dados da produção que deseja arquivar. Para isto chama atenção:

[...] você tem que ter, na verdade, bibliotecários treinados para fazer isso, uma estrutura de rede estável, sala com equipamentos e pessoal específico para trabalhar com repositório. É uma logística importante essa, [...] a condição funcional é praticamente zero. Eu acho que hoje não funciona praticamente nada. Mas nós temos pessoas altamente capacitadas para fazer isso funcionar. Eu acho que tem como trabalhar isso aí e colocar para funcionar. Mas hoje, bom, talvez eu não tenha conhecimento de como está o funcionamento. Como você falou, existe uma proposta para criar esse repositório institucional. Eu acho que a gente tem pessoas altamente capacitadas, mas hoje não existe um repositório unificado da Universidade. [...] precisa ter uma diretriz, precisa a administração estabelecer as diretrizes, as normas e criar isso. Eu acho que isso tem que partir da administração, da instituição, para estabelecer essas diretrizes. Se não existirem resoluções, normas para que sejam criadas, dificilmente isso será criado (Entrevistado 1).

Para o Entrevistado 2 do grupo GCPP não adianta criar um repositório institucional se você não tem servidores com formação nas diferentes áreas para poder atuar. Para este:

[...] se não tiver no repositório servidores para atuar, como nós não tivemos por muito tempo no portal de periódicos [...] ficava cada editor de revista fazendo um esforço descomunal até que tem um servidor hoje que não é o ideal, mas tem um servidor que dá um apoio, porque não é dessa área. Então, acho que a mesma coisa vai ser as condições funcionais vão demandar primeiro da universidade um servidor técnico-administrativo com formação na área. Pessoas que pensam o que de fato é um repositório quanto ele representa para a universidade. E compreendam como é que ele funciona, qual é a sua importância, como é que alimenta. Não adianta também criar um repositório que não vai ser alimentado, que não vai se comunicar com outros repositórios, senão ele vai se tornar um grande depósito (Entrevistado 2).

E complementa citando a necessidade de profissionais de várias áreas que deem conta de fazer acontecer e mais a condição de uma rede de internet estável. Para o entrevistado, não adianta ter um repositório se você não tem um parque de internet na universidade que suporte toda essa dinâmica, o dinamismo do funcionamento mesmo do repositório. Ressalta ainda a necessidade normas, sistematizações, documentos, que abrigam, que definam, que venha regulamentar. Tem que ter uma resolução específica do conceito que diga como é que vai funcionar o repositório (Entrevistado 2). Em sua fala:

[...] tem que ter uma orientação para as pessoas, porque aí eu acho que uma coisa que vai acontecer com o repositório é que nós vamos atribuir responsabilidade, inclusive, aos estudantes também. Ele que vai depositar seu trabalho e não vai ser como é feito hoje. Ele manda para gente por e-mail, a gente olha, confere, e aí, conferindo, a gente disponibiliza no site do programa. Com o repositório, essa responsabilidade vai ser dele. Então, você compartilha também as responsabilidades com a própria comunidade, com a divulgação. Você envolve a comunidade junto no processo de plantação e de alimentação. Quem vai alimentar é o próprio estudante. Quer dizer, a gente vai ter também, com o repositório, eu penso que, do ponto de vista para ele ser funcional, vai precisar, além da equipe, além da condição de internet, vai precisar

também ter treinamento com as pessoas. A equipe vai ter que ser responsável, treinar também o menino da graduação que vai depositar o TCC e aí vai ter que ter tudo. O TCC, o artigo periódico, o trabalho em analgésico, a tese, a dissertação, o livro. O repositório não pode ser apenas uma pesquisa feita na pasta de graduação. Eu compreendo que ele tem que ser o que a universidade produz como instituição (Entrevistado 2).

Sobre as condições ideais de um repositório, o entrevistado 2 adicionou:

[...] Condição de infraestrutura, treinamento de pessoal e condição normativa não pode esquecer. Precisa ter uma solução, precisa ter orientações de como fazer. Precisa ter a responsabilização dos sujeitos também, com relação a esse processo. E precisa ter a divulgação, porque também não adianta ter um repositório se ele não é divulgado, se as pessoas não sabem que ele existe, para procurá-lo, retroalimentá-lo de verdade, para saber, inclusive, o que a universidade faz. Então, tudo acaba caindo na divulgação e na comunicação científica. Porque o repositório não faz sentido de existir se as pessoas não o buscam. Inclusive, a valorização dos servidores. Se tiver um servidor que ganhe pouco não vai fazer o serviço. Servidores treinados, competentes e que ganhem a altura do serviço. Não pode ser qualquer pessoa que se sente lá e faça o serviço. E aí, a carreira, eu acho que é um fator complicado, do ponto de vista dessas condições (Entrevistado 2).

Para um outro Entrevistado 3 deste grupo GCPP ele destaca a importância do repositório institucional por abranger todo o tipo de produção desenvolvida na instituição. E sobre esta questão cita os produtos dos cursos de cinema, teatro e dança que podem disponibilizar não somente teses, dissertações e artigos. Segundo ele, o repositório institucional pode ter este caráter cultural. O repositório institucional deve alcançar as teses e dissertações, mas também trabalhos realizados na academia como os de conclusão de curso de graduação e especialização. Segundo ele, cita:

[...] é preciso que haja um repositório para alcançar tese e dissertações, mas também os trabalhos de conclusão de cursos de graduação e de especialização, que têm muitos trabalhos riquíssimos que são feitos, servem para titular as pessoas e, depois da titulação, não são disponibilizados, a não ser nos casos em que os professores orientadores e, às vezes, os próprios estudantes encaminham para uma divulgação em eventos, ou em periódico ou em capítulo de livro. Então, penso que temos que ter um repositório amplo que inclua produtos artísticos e culturais, produtos de conclusão de cursos, no caso, monografias, tese e dissertações, produtos bibliográficos, como artigos, livros, livros autorais e coletâneas, esses tipos de produtos que a gente comumente pratica na universidade, mas que estão até disponíveis aqui e por lá, mas não há um lugar institucional para demarcar. Portanto, é nosso, é da instituição. Até porque nós, professores da pós-graduação, publicamos pouco na própria instituição, nós temos que publicar em outros estados, em outros veículos fora da UESB e, inclusive, fora do país, mas todas essas publicações levam a marca da UESB, e, no caso dos periódicos, inclusive, destacando qual campus a gente se vincula. Então, acho que um repositório que pudesse destacar a produção da instituição seria muito pertinente, além daquela produção feita na instituição, que aí são as teses e dissertações e, também, as revistas que compõem o portal de periódico da UESB (Entrevistado 2).

Para este entrevistado, sobre as condições institucionais ressalta ainda que devemos pensar a instituição para fora dela, e não pensar do muro da porta da instituição para dentro da

instituição. Destaca que a UESB precisa ter uma cultura institucional para produzir pesquisa, produz conhecimento e que esse conhecimento é para o mundo, conforme se observa em:

[...] para o mundo, para o local mais próximo, para a cidade, para a região, para o nacional, para o país, e também internacionalmente. Essa parte cultural da cultura acadêmica para mim é fundamental. Na sequência disso, é preciso ter corpo técnico de trabalho em quantidade e com formação, formação básica e formação continuada para atender esses critérios, tanto os critérios basilares de um portal superior, de um repositório institucional, como também o conhecimento para aquilo que está fora, como são as tendências dos outros repositórios, como isso está acontecendo nacionalmente, como isso está acontecendo internacionalmente. Então, precisaria ter pessoas disponibilizadas, delegadas, designadas [...] para os setores com condição técnica, com disposição para trabalhar, com disposição para aprender a trabalhar e com valorização, valorização no respeito profissional para aquele profissional, para aquela pessoa, e também valorização em termos de remuneração e valorização do conhecimento que ela está disposta a aprender. [...] estrutura física, estrutura técnica, estrutura de pessoal, estrutura de concepção de academia, do que é produção de conhecimento, difusão desse conhecimento e vontade de aprender tudo isso com profissionais valorizados para estar nesse sistema (Entrevistado 2).

E reforça sua fala complementado que a instituição tem responsabilidades em fazer gestão junto ao seu mantenedor para buscar recursos orçamentários para investimento. Para ele, um bom repositório precisa ter biblioteconomistas com qualificação e disposição para a tarefa. Sobre as condições institucionais funcionais de um repositório institucional na universidade o entrevistado acrescenta:

[...] um repositório, além de seguir a normatização do que é um repositório [...] é preciso também ter a dinâmica institucional. Como é que isso que é tendência nacional e internacional, e não se estabelece na própria UESB? Ou seja, um olhar para fora, mas ao mesmo tempo um olhar interno, consideradas as condições institucionais, as condições da instituição. E aí, nesse sentido, claro, o repositório precisa ter normas, essas normas precisam ser feitas em portarias para que a gente da comunidade acadêmica possa conhecer como pode colocar um produto lá nesse repositório. Quais são os procedimentos para que um produto nosso chegue até lá (Entrevistado 2).

E complementa que é uma atividade de duas vias. De um lado, o repositório está aberto a receber com normas próprias para isso e de outro a comunidade institucional, acadêmica, precisa saber qual é o caminho para realizar o depósito. Para isto é necessário a fixação de normas, de resoluções, de regimento de funcionamento do repositório.

#### 4.2.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP

Para um Entrevistado 1 do grupo GPPP existe a necessidade de criar normas e diretrizes para um pleno funcionamento do repositório. Sem isto o recurso tecnológico perderá a sua finalidade. Em sua fala observa que as condições funcionais são tão importantes quanto as estruturais. Chama atenção, inclusive, para o fluxo de encaminhamento de uma produção científica para o repositório institucional. Para o entrevistado, as condições institucionais

funcionais de um repositório de uma universidade são fundamentais para assegurar a operacionalização. O entrevistado chama atenção para os procedimentos de encaminhamento da produção científica no repositório institucional. Portanto, isto denota uma mudança do paradigma existente na universidade que é a forma como se faz o depósito das teses e dissertação aos programas. Neste caso, o próprio discente é que deverá realizar o depósito e diminuir a demanda da secretaria dos programas (Entrevistado 1).

Para um outro Entrevistado 2, na UESB não há um direcionamento. Não há uma política institucional que venha definir os parâmetros de normas e diretrizes institucionais para o funcionamento dos repositórios ou do repositório institucional, ou, se existe, ainda está muito incipiente essa questão dentro da instituição. Para o entrevistado, com as novas exigências da questão da internacionalização entre as universidades, os resultados de pesquisa devem tomar novas proporções. Em suas palavras, a universidade pode dar mais atenção a divulgação e operacionalização da extensão universitária.

#### 4.2.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP

Contudo, para o grupo GSPP ainda é incipiente o entendimento do que seja um repositório institucional. Quando indagamos como eles compreendem o que vem a ser um repositório institucional as respostas são as mais variadas. Neste grupo encontramos distorções que denotam uma falta de entendimento do que é um repositório institucional. Para o Entrevistado 1, repositório institucional é definido como sendo um banco de dados de teses e dissertações. Enquanto que para o Entrevistado 2 o repositório é um local físico em que são guardados, protegidos, armazenados dados científicos da universidade. Para outro Entrevistado 3 considera que toda instituição de ensino superior que produz conhecimento deve circular de forma massiva e aberta, através da ciência aberta, toda a produção científica através do repositório institucional. Para este, a UESB deve criar meios para preservar e proteger o conhecimento e, ao mesmo tempo, a instituição deve ser um facilitador ou disseminador do conhecimento.

Quando indagamos sobre as condições institucionais (estruturais e funcionais) os entrevistados deste grupo respondem de forma unânime que deveria ter um planejamento e uma organização para depois a execução do repositório institucional. O Entrevistado 3 relata que tem que haver um controle e uma equipe de pessoas capacitadas para desempenhar as mais variadas funções de acesso, armazenamento e disseminação dos conteúdos científicos. Para ele deve haver diretrizes e regulamentos de funcionamento. Não pode ser feito de forma aleatório.

Tem que ter normas definidas e estabelecidas pela administração central da UESB ou por uma Comissão de Implantação. Tem que ter uma boa rede de internet, senão não terá utilidade nenhuma o repositório institucional. Ainda em seus relatos, cita que tem que ter um bom sinal de internet, um bom sinal de rede. Segundo o entrevistado:

[...] falar de condição estrutural na UESB é um tanto complicado [...]. É um tanto muito complicado, porque, assim, atualmente as condições estruturais são insuficientes até para dar conta do que a gente já tem hoje em dia funcionando. A gente tem curso de graduação, programa de pós-graduação, mestrado, doutorado, curso de especialização e um tanto de outras coisas. E, hoje em dia, a UESB não tem sala de aula suficiente para atender o que ela já oferece. Curso de graduação, mestrado, doutorado. Falta sala de aula. Falta o básico. Então, eu creio que para um repositório institucional, demandaria a criação de um novo setor. Mais pessoas trabalhando, mais máquinas, mais espaço. E eu acho que a instituição está com condições bem precárias em todos esses aspectos físico, equipamento e pessoal. Acho que, primeiro, precisaria melhorar a estrutura e as condições de oferecer o que a gente já tem (Entrevistado 3).

E complementa sobre as condições funcionais que são tão ou mais precárias quanto as estruturais. Para o entrevistado o repositório demanda a criação de um novo setor, pois vai demandar uma dinâmica maior de trabalho e execução. Há necessidade de regulação, de um regimento, de uma resolução. Portanto, mais atividades para serem implementadas. As demandas de depósito e catalogação necessitam de bibliotecários. Todavia, no campus de Vitória da Conquista existe mais de uma biblioteca e muito do acervo ainda carece de catalogação, conforme relata:

[...] a gente não consegue nem um estagiário para trabalhar na biblioteca. Não temos um sistema de catalogação desses livros, quer dizer, o único sistema que temos é o sistema geral da biblioteca central, mas, se não me engano, tem uma pessoa trabalhando nessa carteira de catalogação na biblioteca central, e é lógico que é humanamente impossível alguém dar conta de fazer a catalogação de todos os livros adquiridos na graduação e ainda dos da pós-graduação. Então eu penso que as condições funcionais estão mais precárias do que as estruturais, infelizmente (Entrevistado 3).

Para as condições ideais de funcionamento, o entrevistado complementa que tem necessidade de ampliar os espaços físicos, aquisição de todos os equipamentos necessários como servidores, computadores e softwares, rede de internet estável e equipe capacitada para gerir o repositório institucional. Destacamos de sua fala:

[...] um repositório institucional, imagino que tem que ter um servidor muito bom, com capacidade muito boa, então precisa-se de pessoas também com um nível de conhecimento bem grande nessa parte de informática, de sistemas, de softwares, de tudo, porque um repositório da universidade inteira, considerando que nós temos três campi, acho que a gente teria que ter espaço nos três campi, pessoal, equipamentos, sistemas, tudo funcionando muito bem para esse repositório funcionar e existir. E internet, sem falar da internet, que nossa internet não é de dia em dia, como diz o meme *'socorro deus'*. Investiu-se tanto ultimamente em equipamentos para melhorar

as condições da internet, construíram um espaço a mais [...] para abrigar esses equipamentos e nossa internet continua quase tão ruim quanto antes (Entrevistado 3).

Um outro Entrevistado 2 deste grupo afirma que na UESB não tem estrutura física adequada de funcionamento. Não há condições estruturais a altura da importância da universidade para a sociedade. O próprio estado é falho no repasse de verbas, as estruturas são ineficientes. Não tem uma rede de internet estável. Segundo o entrevistado este já é um problema crônico que se arrasta por vários anos. Para este entrevistado, perguntando sobre como ele entende o que é repositório institucional de uma universidade, ele responde que se resume a um local físico em que são guardados, protegidos, armazenados os dados oriundos da pós-graduação. Segundo ele, toda instituição de ensino superior que se preza tem um repositório de acesso aberto. Para este entrevistado, “no âmbito da UESB, vai ser muito oportuno e bem-vindo a instalação de um repositório institucional, ou seja, um local onde se armazene, proteja, se guarde todo esse conhecimento e, ao mesmo tempo, seja um facilitador, um disseminador do conhecimento, não só junto à comunidade, interna, externa e do próprio mundo porque pessoas de fora vão querer acessar a esse repositório” (Entrevistado 2).

Indagando sobre como seria as condições institucionais (estruturais e funcionais) de um repositório na universidade, a resposta é um sinal de preocupação com os limites orçamentários. Neste sentido, cita que seria prudente buscar parcerias através de projetos bem elaborados, inclusive, parcerias internacionais, para financiar esse repositório porque, dificilmente, os recursos orçamentários da UESB conseguirá estruturar de forma satisfatória. Destacamos de sua fala:

[...] nós sabemos que a UESB tem problemas de ordem estrutural. Primeiro, esse espaço físico aqui da UESB, ele é um espaço físico muito limitado, por conta da escola agrotécnica. A UESB fica à mercê de algumas doações, de algumas autorizações da escola física. Então, a questão das condições institucionais e estruturais, eu entendo que uma universidade tem que ter, no âmbito físico, uma área ampla para poder ter os seus espaços bem definidos e muito bem instalados. E no caso aqui da UESB, primeiro, a questão estrutural. Então, a UESB terá que criar esse ambiente estrutural físico, criar essas condições físicas e objetivas para a sua instalação. E aí vem o segundo aspecto, que é a questão orçamentária. A gente sabe que a UESB vive em constante contingenciamento orçamentário. De onde virão os recursos para investir nisso? [...] a UESB terá que tomar isso como uma política prioritária dentro da sua visão de expansão. Então, é algo essencial, fundamental, mas que vai depender de uma política, de uma conscientização muito bem trabalhada até chegar à sua estruturação (Entrevistado 2).

E complementa que a UESB não tem um parque tecnológico. Não há iniciativas de mudança neste sentido. Não há nenhum tipo de atualização. Segundo o entrevistado, não existe uma política de leasing para modernizar de tempos em tempos o uso dessas máquinas nas estruturas acadêmicas da universidade.

Indagando sobre como seria um bom funcionamento de um repositório, o entrevistado responde que deveria ter um espaço físico compatível, adequado para um bom funcionamento desse setor, desse órgão de repositório, salas devidamente adequadas, pessoas treinadas, servidores treinados para desempenharem as suas funções, técnicos em informática, engenheiros, operadores de software, bibliotecários, uma série de profissionais envolvidos nesse procedimento. Segundo o entrevistado, fora a parte física, deveria haver capacidade humana junto com recursos tecnológicos (softwares e equipamentos) e um plano de contingenciamento para evitar panes e perdas de dados. O que permite entender que inclui uma internet altamente estável com um sinal contínuo sem interrupções constantes. Em suas palavras cita: “para você ter uma ideia, [...] nós fizemos uma prova de seleção de língua estrangeira e a prova foi remota, os links caíam assim quase que por minuto”.

### 4.3 Relatos sobre a gestão do conhecimento

Neste tópico abordamos como os entrevistados compreendem o processo de **gestão do conhecimento da produção científica** (teses e dissertações) na UESB, no *campus* de Vitória da Conquista-BA.

O Quadro 10, a seguir, traz de forma resumida os principais relatos sobre gestão do conhecimento citadas pelos entrevistados.

**Quadro 10:** Principais Relatos da Gestão do Conhecimento

Relatos Gestão do conhecimento	
GAPP	Há uma falta de sincronização entre divulgação e comunicação científica
GDPP	A universidade existe para produzir conhecimento e dar retorno para a sociedade
GCPP	Necessidade de realizar a comunicação com a sociedade
GPPP	Os programas é que fazem as atividades relacionadas a gestão do conhecimento
GSPP	Necessidade de uma norma para gerir a produção científica dos programas

Fonte: elaboração própria.

#### 4.3.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP

Para o grupo GAPP não há dúvidas de que a produção científica da universidade está sendo realizada diariamente nas relações construtivas entre docentes e discentes. Porém, no sentido da disseminação do conhecimento, existe um engodo ainda que a pró-reitoria de pós-graduação da universidade venha colaborando neste processo de esclarecimento.

De forma direta, alguns dos entrevistados, como a Entrevistada 4, ainda confunde disseminação da produção científica com a veiculação de notícias em eventos e/ou seminários, como fora percebido na subseção 4.1.1, sobre produção científica. Para esta entrevistada ainda que a produção seja feita diariamente, em pesquisas entre alunos e professores, a disseminação

ela acredita que esteja por conta da divulgação dos eventos. E de alguma forma, as publicações ocorrem por conta dos programas com publicações em livros ou em eventos que eles participam. Para o Entrevistado 2, indagando sobre como ele entende a produção e a disseminação de uma produção na universidade, cita “a produção eu entendo como toda a construção de ideias, desenvolvimento de pesquisa e compartilhamento dos resultados, tanto para o pessoal que está ali inserido que é a comunidade inserida como também para a comunidade externa” (Entrevistado 2).

Falando sobre a gestão do conhecimento na universidade, o Entrevistado 2 traz a gestão como “através da realização das aulas, a realização de seminários, apresentações de trabalho, tanto internamente como fora, [...] o compartilhamento de informações nos encontros, em congressos”. Para ele, tudo isso é uma forma de gerir o conhecimento dentro da instituição. O que nos permite inferir que a gestão do conhecimento dentro da universidade ainda é incipiente para muitos de nós que estamos no ambiente universitário. A ideia de gestão do conhecimento ainda é circunscrita e limitada de compreensão. O Entrevistado 2, também enumera os cursos de pós-graduação da universidade como elemento principal da disseminação do conhecimento o que tem favorecido também a produção de conhecimento. Segundo o entrevistado, a produção e disseminação acontece desde o início da iniciação científica, ou seja, na graduação. Versando ainda sobre gestão do conhecimento, o entrevistado fala sobre os cursos de especialização que vem auxiliando no processo de produção do conhecimento. Ressalta sobre os artigos que são publicados em revistas fora da universidade, mas que são oriundas de pesquisas desenvolvidas dentro da instituição. Em recortes de sua fala destacamos:

[...] esse processo da produção já está bem elaborado dentro da instituição, o da disseminação não é como a gente falou. A partir desses sistemas que a gente tem aqui na universidade, dois que já estão ativos, dois a três, contando com o repositório, vão favorecer que esses materiais sejam disseminados de uma forma mais ampla e dentro dos formatos de comunicação existentes hoje em dia. Por exemplo, hoje, a gente tem tanto para análise de periódicos como para análise de eventos e reportagens de periódicos. A gente já tem, inclusive, para que esse material seja encontrado nas redes sociais. Ele já está configurado nas reportagens, caso seja feita a busca nessas redes sociais, sejam encontradas essas páginas nas redes sociais também (Entrevistado 2).

Em outra entrevista, agora com o Entrevistado 1, coletamos as seguintes informações sobre a produção e disseminação de uma produção científica:

[...] com relação à produção, tem vários, né, eu comecei desde a iniciação científica na graduação, e se externa através desses programas de pós-graduação que a UESB tem a nível de mestrado e doutorado; a disseminação você vê que o repositório é importante, mas muitas vezes é importante [...] para poder estar divulgando aquelas matérias mais interessantes para atingir vários públicos, levar para comunidade, [...]. E é também interessante que haja esse casamento [...] de que na extensão você está

levando para comunidade. [...] muitas vezes acaba meio que desassociando a pesquisa da ideia da extensão. [...] a pesquisa deve combinar com um projeto de extensão [...]. Então ficaria perfeito estar levando para comunidade forma mais acessível (Entrevistado 1).

E sobre a gestão do conhecimento na universidade, o Entrevistado 1 confunde norma institucional com gestão do conhecimento de atividades dentro da instituição. O recorte abaixo denota esta reflexão:

[...] você vê que a universidade carece um pouco, né? Muitas vezes o conhecimento tácito não é transmitido, não é publicitado [...]. Então a pessoa tem muito conhecimento, mas o fato de não ter normalizado aquilo ali, não tem um manual. Então se pessoa sai do setor ela carrega todo o conhecimento tácito que ela tem e aquele não é publicitado. Então, a gente tem uma dificuldade muito grande na UESB. As pessoas mudam de função, assumem cargos, e o fato de não ter normalizado acaba dificultando para aquele trabalho (Entrevistado 1).

Em outro recorte cita das facilidades de acesso ao portal do *Google Acadêmico* como sendo um instrumento de divulgação e disseminação de conteúdos. Um equívoco no entendimento de gestão do conhecimento com ferramentas de acesso aos conteúdos científicos.

#### 4.3.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP

No entanto, para o discente deste grupo GDPP, tratando de produção e disseminação do conhecimento, é uma obrigação da instituição pública dar retorno para a sociedade. Para um entrevistado deste grupo a universidade não está lá só para desenvolver o conhecimento, mas também encontrar meios para resolver os problemas que surgem na sociedade. Em recortes de sua fala obtemos:

[...] acredito que produção e divulgação de conhecimento tenha sido essa primeira característica, como uma obrigação, a partir do momento que nós fomos confiados com esse serviço, não é? Outro ponto importante é o fato de que se o que nós estamos fazendo não pode ser divulgado para a sociedade, então a universidade não está cumprindo com uma de suas finalidades. A nossa finalidade é não apenas entender aquilo que acontece na sociedade. [...] tem que haver alguma forma de retorno social (Entrevistado 1).

Para o entrevistado, o retorno não pode ser somente na posição de produção de um texto ou artigo, o que está absolutamente correto, mas pode ser também em uma publicação de uma pesquisa que vise a transformação social. A seu ver, a pesquisa sai da campo empírico e volta para o campo científico. Porque daí irá mostrar que com os dados a mudança é necessária. Fazer esse diálogo entre o que acontece na universidade e na sociedade seria o ideal. E complementa:

[...] é arcaico no ponto de análise do armazenamento e da coleta desse material. É claro que existe uma preocupação muito grande na questão das pesquisas em si, como elas são realizadas, a abrangência que elas têm, o impacto social que elas têm. Mas depois que elas são realizadas, aí nós chegamos a um problema que pesquisadores têm, que é nossa divulgação. Que é nesse processo de apresentação desse material para a sociedade. A gente só aprende a fazer artigo. A gente não aprende a fazer uma apresentação para um grande público, uma coisa que atinja essa sociedade. Principalmente nesse período que nós estamos, não é? É muito mais fácil você acessar o interesse das pessoas com um pequeno vídeo do que com um livro. Então, o que a gente precisa fazer é usar os pequenos vídeos para convencê-los a lerem livros. A gente não pode, de jeito nenhum, dizer que o grande culpado é o volume do conhecimento (Entrevistado 1).

Indagando o entrevistado como ele avalia o processo de gestão do conhecimento dentro da UESB ele responde que a instituição não promove um diálogo com os pares da ciência. Não existe um evento que venha promover discussões e possa servir de incentivos para os alunos do como fazer ciência desde a graduação. Para o entrevistado, a instituição não promove um evento ou encontro de todas as pós-graduações. A instituição não promove diálogo. Ressalta que alguns Programas de Pós-graduação vêm se destacando como o de Educação, mas existe outros como os Programas de Memória e Sociedade, e o Programa de Ensino com iniciativas próprias e independentes. Estes programas vêm se destacando pois tem aproximado a linguagem científica da linguagem popular cotidiana da sociedade. De grosso modo, finaliza que existe uma falha na gestão do conhecimento científico dentro da universidade, o que significa perda de conhecimento. Em sua fala, “o conhecimento simplesmente é depositado e depois é esquecido”.

Questionando o entrevistado sobre como foi o acesso dele aos repositórios de dados, ele chama atenção para a quantidade de dados que existem, mas o acesso a estes mesmos dados se tornam difíceis encontrar. Cita que o princípio de coleta e organização dos dados muitas vezes é ineficiente. Para ele os dados estão lá, mas as informações não estão. Muitas vezes as instituições produzem, mas não chegam aos grandes repositórios. Em outras, existe um grande volume de material, mas ele não representa todo o material disponível. Então, existe uma falha de comunicação. De sua fala, complementa:

[...] o problema que nós temos, por exemplo, entre a Capes e o IBICT, onde as ferramentas de busca não têm a mesma habilidade. Por exemplo, em uma tela você pode usar as palavras que você vai buscar, entre aspas, a outra não aceita. Ou então, quando você vai utilizar aqueles termos booleanos, do ‘end’, ou ‘or’, uma delas aceita e se usa a outra, não aceita. Então, não existe nenhuma uniformização dentro do próprio governo brasileiro, claro que as duas instituições são parte do Ministério da Educação e Ciência e Tecnologia, mas os dois não dialogam nesse sentido. Uma é um pouquinho mais avançada, a outra está um pouquinho atrasada, mas nunca houve em alguma história dessas duas plataformas, nunca houve uma intencionalidade ou uma vontade de unir os esforços para você ter só um visual (Entrevistado 1).

### 4.3.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP

Para um Coordenador de Pós-graduação, do grupo CPP, tratando de como eles entendem a produção e a disseminação de uma produção científica na universidade, informam que a disseminação da produção científica ainda é precária. Segundo o coordenador entrevistado, a universidade pelos diversos cursos que tem, a produção do conhecimento é satisfatória. A UESB produz bastante. No entanto, a disseminação, é precária. É preciso que se tenha algumas estratégias. O entrevistado cita que os docentes dos programas de pós-graduação são avaliados pela CAPES que utiliza como um dos critérios a produção científica realizada. Por exemplo, a produção de artigos publicados em revistas de alto impacto. Segundo ele é a principal forma de avaliação. Por conta disso, os docentes acabam fazendo pesquisas para produzir artigos de alto impacto, no entanto, não informa isso a sociedade e que muitas vezes são assuntos de interesse da comunidade local. O entrevistado ainda cita que existe uma disseminação do conhecimento fora do país de forma satisfatória, mas não existe uma disseminação do conhecimento no contexto local ou regional. Isto deveria ser melhor promovido pela instituição. Ainda que a gestão do conhecimento na universidade vem melhorando a cada dia.

De sua fala, destacamos:

[...] em termos de gestão do conhecimento, acho que tem melhorado um pouco de alguns anos para cá. A pró-reitoria de pesquisa pós-graduação e inovação tem trabalhado bastante nessa gestão incentivando. Inclusive, tentando incentivar essa difusão do conhecimento, melhorando as pesquisas. A universidade tem investido um pouco mais de recurso nos programas de pós-graduação. Isso tem melhorado bastante. Então, isso eu considero gestão do conhecimento (Entrevistado 1).

Contudo, para o entrevistado 1 se investir mais recursos tanto financeiro quanto de qualificação dos servidores, as possibilidades de ampliação da produção do conhecimento viriam a colaborar na gestão do conhecimento. Indagando como ele avalia o acesso para consultas de conteúdo nas plataformas de produção científica, ele comenta:

[...] a gente tem acesso a uma plataforma vinculada a CAPES, que é o portal de periódico da Capes. Ela é a principal plataforma que nós temos. Ela é de acesso fácil com acesso aberto para as universidades que tem os programas de pós-graduação. Então, isso é tranquilo. Além de diversas outras plataformas internacionais de informação de publicações científicas que a gente tem acesso. Sem acesso a essas plataformas, não tem ciência. Então, se a gente não tem informação a gente não tem ciência. A gente tem que buscar conhecimento, aprimorar e criar novos conhecimentos com base no que tem na literatura. Sem essas plataformas não seria possível (Entrevistado 1).

Perguntando ao Entrevistado 2 como ele entende informação e conhecimento na universidade, a resposta não diferencia tanto dos demais entrevistados. Para este entrevistado informação é algo mais básico enquanto que conhecimento é algo a ser adquirido. Desta forma, conhecimento é construído ao longo do tempo e informação é momentânea. De certa maneira, a maioria dos entrevistados comungam deste conceito. Conforme se percebe na fala de um coordenador de Pós-graduação em que o conhecimento precisa de uma sistematização. Para este Entrevistado, precisa também do reconhecimento da comunidade científica em que “os artigos são postos para avaliação de uma banca, os livros são submetidos para avaliação, as teses e dissertações são colocadas em uma banca de avaliação e aprovação para que não seja apenas o reconhecimento do senso comum”. Segundo ele, o conhecimento passa por todo o processo de normatização e de sistematização para ser pensado e para ser produzido. Então não se faz conhecimento sem um método, sem metodologia, e, conseqüentemente, sem teoria (Entrevistado 2).

Indagando sobre a produção e a disseminação da ciência pela universidade, ele cita da necessidade de realizar a comunicação com a sociedade. E neste sentido, o tripé ensino, pesquisa e extensão da universidade acaba se desestruturando se a extensão não cumpre com a sua função social, pois ela faz isso muito melhor que a pós-graduação. É necessário manter este contato direto com a sociedade. A extensão é a porta de comunicação. O entrevistado ainda traz uma outra contribuição:

[...] uma coisa que eu percebo também é que a produção que a gente faz na universidade é muito desarticulada. Há produções nossas que poderiam comunicar com outras áreas de conhecimento. Não só de avaliação, do ponto de vista da CAPES, mas outras áreas de conhecimento e a gente acaba fazendo uma divulgação para nós mesmos. Então, eu acho que talvez o que nós da pós-graduação precisamos aprender o que é extensão. A extensão comunica muito melhor para a sociedade. Ela diz o que faz, ela chega na ponta que nós não conseguimos chegar da pós-graduação. Talvez, com agora a curricularização, também não sei se é alternativa, mas é uma possibilidade, talvez com a curricularização da extensão a gente consiga fazer esse trabalho de forma de disseminar a produção científica melhor, porque a gente vai ter que, obrigatoriamente, comunicar com a sociedade (Entrevistado 2).

Neste ponto, o Entrevistado 2 acrescenta que o novo modelo de avaliação da CAPES que entra em vigor no próximo quadriênio irão comunicar a produção que é realizada pelos programas o que poderá ampliar a produção e disseminação da ciência. Respondendo como ele tem percebido a gestão do conhecimento na universidade, cita:

[...] uma das coisas que eu verifico, e vou bater sempre essa tecla, é a necessidade de uma boa comunicação com a sociedade. Uma boa comunicação científica. Essa comunicação científica que eu estou dizendo é algo semelhante a um jornalismo

científico, a uma divulgação científica, que é uma área importante da ciência, porque a gestão do conhecimento, de maneira geral, acaba ficando muito entre os pares. [...] a gente não sabe o que os outros fazem. Então, a gestão do conhecimento é muito ruim. Você me perguntar assim, quais pesquisas que o pessoal da Engenharia Florestal faz na pós-graduação? Não sei. Eles também não sabem o que nós fazemos. Então, talvez o que falte, pensando aqui nas aulas da nossa universidade, seja uma boa comunicação, mas falte também um lugar em que a gente tenha necessidade de fazer isso. Eu acho que é uma coisa que existia um tempo atrás na universidade [...] era o COMPEX. Eu lembro de quando entrei aqui na universidade, o COMPEX parava a universidade. Então, você pegava as pesquisas da graduação, da especialização, da pós-graduação e [...] mobilizava a universidade para dizer o seguinte: ‘nós fazemos isso aqui em ciência’ (Entrevistado 2).

Para o entrevistado, a sociedade brilha quando sabe que a instituição faz ciência de qualidade. Fazer uma boa gestão do conhecimento na universidade é importante. Para ele, “a boa gestão do conhecimento significa não só ter espaços em que seja disponibilizado e seja publicado, mas aí, pensando do ponto de vista prático mesmo, operacional, o site precisa ser de fácil comunicação com a sociedade” (Entrevistado 2). E complementa citando as dificuldades de encontrar documentos que são publicados no site da universidade. Nem sempre o caminho de acesso é indutivo. Indagando ainda este entrevistado sobre como é o acesso às mídias de conteúdo de científico, ele cita:

“[...]eu acho que falta um pouco dessa dimensão da acessibilidade, no sentido bem amplo mesmo do termo, da acessibilidade, da informação, que muitas vezes está aí, por exemplo, a gestão do conhecimento. [...] a universidade tem uma rádio e uma TV que faz muita coisa legal que divulga a ciência produzida aqui dentro, mas quem sabe disso? Muitas vezes nem os nossos alunos sabem disso. Então, de novo, a gente vai bater na tecla da comunicação científica que é ruim. Então, tem aluno que não sabe nem que tem uma TV universitária. Eu falo com meus alunos da graduação que tem uma TV que produz conteúdo todo dia. A rádio UESB que é muito ouvida pela cidade. As pessoas dizem que elas ouvem, mas ouvem música. Em todos os programas que é feito aqui na universidade pouco se chega para um leque mais amplo, um espectro mais amplo da sociedade. Então, assim, o portal de periódico para mim é um grande exemplo para fazer a plataforma se comunicar com a sociedade (Entrevistado 2).

E complementando a pergunta, qual setor da universidade poderia contribuir neste acesso fácil as plataformas digitais, ele responde:

[...] eu acho que partir da instituição é difícil, porque aí você precisa ter uma equipe que saiba fazer isso também. Geralmente, as universidades não têm equipe para fazer isso. Aí, eu acho que talvez a pós-graduação, a PROPI, ela pode estimular. Ela não vai ter servidor para fazer isso, mas ela pode estimular e talvez a editora também pode fazer esse papel de formação em serviço mesmo. Como o Portal de Periódicos às vezes faz. [...] tal dia vai ter um curso de duas horas que você vai aprender a usar tal instrumento. [...] aprender redação científica e como é que você usa o Portal de Periódicos. [...] aí você pode ter a editora, você pode ter a biblioteca, você pode ter a pró-reitoria, você poderia ter os programas de pós-graduação. Acho que esse desenvolvimento tem que ser coletivo para poder ensinar as pessoas como é que fazem isso também. [...] de novo, não adianta escapar da plataforma (Entrevistado 2).

Para este entrevistado, poucas são as pessoas dentro da universidade que existe um Portal de Periódicos, por isso é tão pouco utilizado. Segundo ele, “a gente tem uma plataforma que segue a mesma plataforma de todas as revistas feitas no país, a plataforma OJS, toda atualizada. Mas, muitas vezes, os estudantes da própria pós-graduação sequer sabem que isso existe” (Entrevistado 2). Diante disto, a consequência é baixa citação dos artigos feitos na própria instituição ou baixa citação dos pesquisadores pela instituição.

Para outro Coordenador de Pós-graduação, o Entrevistado 3, entende que a produção e a disseminação da produção científica da UESB estão voltadas para as atividades acadêmicas científicas da universidade. Em sua fala denota que a administração da universidade não supri esta demanda que também é dela. Em recortes de sua fala compreende que a produção do conhecimento está muito pautada nos trabalhos de orientação organizados ali no cotidiano. Sobretudo, coordenados por professores da graduação, especialização, mestrado e doutorado. E ainda cita os departamentos, pois tem pesquisas que não estão na pós-graduação, mas estão vinculadas as dinâmicas de projetos dos departamentos.

[...] todos nós que temos projetos de pesquisa, os professores, nós precisamos ter relatórios disso. Nós precisamos produzir artigos, trabalhos científicos de um modo geral, livros, e temos que apresentar e disponibilizar esses instrumentos para os departamentos, [...] não apenas uma ficha de relatório de quem fez a pesquisa, mas do produto divulgado, publicado, junto com esse relatório. O que significa que os chefes imediatos, as instâncias colegiadas e departamentos, precisam ter uma dinâmica institucionalizada de que a gente tem que entregar o link do artigo que a gente publicou, o link do e-book que a gente publicou, o livro impresso. [...] é preciso compreender que para fora das regras de administração, de gestão desse conhecimento interno, esse conhecimento precisa estar dentro de algum lugar que seja acessível para a comunidade acadêmica e para a comunidade fora da instituição também (Entrevistado 3).

Sobre a gestão do conhecimento o Entrevistado 3 cita a importância de um repositório institucional para a emissão de relatórios que compõem os produtos da instituição. Instâncias como os colegiados e departamento necessitam ter acesso aos projetos de pesquisa que são cadastrados na universidade e a sociedade também poderia ter a prova os produtos que são desenvolvidos na instituição. Ao nosso olhar, uma prestação de contas com os recursos públicos utilizados (Entrevistado 3). Ainda, o Entrevistado reforça sobre a necessidade de maior divulgação da produção científica:

[...] é muito pouco divulgado (produção científica), porque um portal de periódicos com os textos todos ali direitinho é uma coisa importante, mas não é o suficiente. Um site da editora com os livros ali disponibilizados é extremamente importante, mas não é suficiente. Temos tudo isso, mas eu penso que nós temos que fazer a disseminação de forma mais efetiva e que mobilize as próprias pessoas. Por exemplo, na pós-graduação, um dos elementos importantes para a avaliação do conhecimento produzido por um programa de pós-graduação [...] é que a produção feita no âmbito

do programa [...] repercute em outros produtos, em outras teses, em outras dissertações e etc. O que se observa, [...] é que nas referências bibliográficas de uma disciplina de pós-graduação a gente tem encontrado pouca referência do próprio professor que ministra a disciplina ou de professores do programa ou referências institucionais, referências que sejam livros da instituição, da editora da instituição, que sejam livros de professor da instituição ou que sejam artigos, ou que sejam do próprio portal de periódicos (Entrevistado 3).

E complementa sinalizando que ele mesmo é quem tem feito a disseminação do conhecimento nas palestras, inclusive, fora do Brasil, quando vai aos eventos. Divulga, entretanto, com seus próprios recursos o local em que se pode encontrar os artigos das revistas ligadas à sua área de atuação. Para o entrevistado, este é um papel que faz com entusiasmo, mas é dever da Instituição realizar esta demanda.

[...] quando eu vou para as bancas de tese e de dissertação, uma das coisas que eu olho como parte da minha avaliação é se o mestrando ou doutorando valorizou a produção local, se tem algum produto ali na referência da tese dele ou da dissertação que foi de algum professor ou de algum aluno da própria instituição. Valorizo isso, destaco o cumprimento quando estou na banca e também destaco quando não encontro ninguém, nenhuma referência local (Entrevistado 3).

Indagando sobre como ele entende o acesso a um repositório científico, o entrevistado cita que depende do alcance que se pretende chegar. Para ele, os repositórios quando são bem dirigidos e organizados e tecnologicamente formatados para desenvolver sua aplicabilidade pode permitir fazer recortes tanto temporais quanto geográficos. Cita como exemplo encontrar uma produção dos últimos cinco anos ou de um tema específico, o repositório dá o resultado para a pesquisa. O repositório pode nos dar também a abrangência geográfica de um tema em discussão (Entrevistado 3). Para isto basta o uso correto de descritores (palavras-chave) e a utilização de separadores booleanos. As pesquisas e os produtos da pós-graduação, da graduação e da iniciação científica irão disparar, salienta o Entrevistado 3.

#### 4.3.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação - GPPP

Na coleta de dados deste grupo um professor destaca: “você quer produzir o conhecimento, mas vai atender quem? Vai produzir para quem? Vai resolver quê problema? ”, esta pergunta nos remete a importância do fazer ciência para a comunidade na qual estamos inseridos. Ressalta também a importância da comunicabilidade da universidade com a sociedade, daí a importância verificada nas entrevistas sobre a importância da extensão universitária. Com relação à disseminação do conhecimento o grupo denota que ainda não está a contento, conforme sinaliza o Entrevistado 1 “professores que não conversam, alunos que não trocam informação, falta espaço de convivência dentro da universidade, que esse espaço de

convivência é que, às vezes, instiga o aluno a dizer [...]despertou uma coisa aqui que eu quero pesquisar sobre isso”.

Indagando sobre como tem percebido a gestão do conhecimento na universidade, o Entrevistado 1 cita que muito tem sido realizado, mas ainda há necessidades de melhorias. Sobre o acesso a algum repositório de produção científica, ele responde que o acesso às vezes não é fácil, conforme observamos nos recortes de sua fala: “o acesso não é tão fácil; não é qualquer pessoa que entra em uma plataforma”. Para um outro entrevistado do grupo, a universidade não pode apenas produzir, mas deve socializar e participar. Diane disto, essas duas características são partes inerentes de uma pesquisa e, conseqüentemente, da extensão. Para ele:

[...] tem que fazer o desenvolvimento dessa pesquisa, mas ainda não pode ficar apenas na sua dissertação. Você tem que criar mecanismos que possam torná-la publicitada, divulgada, debatida. Porque quando você coloca o seu trabalho para debate público, você também valida esse conhecimento ou não. Quando você vai para a discussão, por exemplo, quando você vai para a qualificação de sua dissertação, em certo sentido, você está colocando em discussão suas afirmações científicas ali, a respeito do objeto de investigação. Então, isso também é importante do meu ponto de vista. E, claro, nesse sentido, o que eu entendo é que a produção e a disseminação são integradas. Indissociáveis (Entrevistado 1).

Para este entrevistado, a gestão do conhecimento é multifacetada. Ela envolve etapas como produção, disseminação e aplicabilidade do conhecimento também. O entrevistado complementa exemplificando como ocorre este processo:

[...] gestar o conhecimento tem a ver também com a articulação, com as diferentes áreas e diferentes abordagens. Por exemplo, no nosso caso, a gente vai para a filosofia, a gente vai para a antropologia, a gente vai para a psicologia, a gente vai para a história, a gente vai para a cultura, a gente vai para as artes. E a gente articula para entender melhor esse fenômeno também. Então, essa ideia da integração de saberes é importante. Quando a gente está falando do seu tema, quando a gente fala de repositórios e plataformas digitais, a gente também está falando de uma forma de agregar em um espaço a gestão desses saberes diversos que ocorrem em diferentes áreas de conhecimento que a universidade produz. Também, do meu ponto de vista, na nossa área. Aí é muito pela defesa que eu faço da abordagem colaborativa e das representações autênticas: a cultura do compartilhamento. A gente precisa cultivar esse processo na gestão do conhecimento também, ou seja, você produz, você dissemina e você também gesta de forma colaborativa esse pensamento (Entrevistado1).

Para o Entrevistado 1, a gestão do conhecimento também é colaborativa, integrando as diversas áreas do saber. Uma ideia de universidade e de informação compartilhada.

Para o Entrevistado 3, ainda que a UESB vem demonstrando um compromisso coletivo com a formação acadêmica e científica, a universidade enquanto instituição tem uma defasagem no processo de gestão do conhecimento e na implementação de um repositório institucional.

Para este entrevistado estas inferências podem ser compreendidas como gestão do conhecimento. Segundo o entrevistado 3:

[...] se compararmos nossa instituição com outras do país, temos que diversas universidades já implementaram repositórios institucionais para gerenciar e disseminar sua produção científica. A UESB, ao não possuir um repositório institucional abrangente, pode estar em desvantagem em relação a essas instituições, tanto na gestão do conhecimento quanto na visibilidade de suas pesquisas (Entrevistado 3).

A UESB necessita se adequar a um modelo de gestão eficiente reconhecendo e investindo no setor de preservação e divulgação científica ou divulgação do conhecimento. A adoção de um repositório institucional poderia se tornar um passo significativo para aprimorar a gestão do conhecimento na UESB, alinhando-a às melhores práticas observadas em outras instituições de ensino superior. As entrevistas, de modo geral, têm sinalizado neste sentido.

#### 4.3.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP

Tratando da produção e disseminação da produção científica, este grupo revela que os alunos são sempre estimulados a levar suas produções para os eventos. Divulgar, publicar em capítulos de livros, artigos em revistas são atividades comuns para os programas de pós-graduação. No entanto, deveria ter uma norma institucionalizada que pudesse gerir esta demanda de produção. Para o secretário Entrevistado 1, a disseminação ainda se encontra restrita ainda que os alunos da pós-graduação tenham incentivos para produção de artigos e outros produtos para a comunidade.

Sobre como tem percebido a gestão do conhecimento na universidade, o Entrevistado 2 sinaliza que a gestão vem ocorrendo através de salas de aulas, laboratórios, professores com titulação adequada. Para este entrevistado, a gestão do conhecimento é um conjunto de fatores que, ao serem somados, contribuem para o conhecimento, para a produção científica na instituição e que estes sejam contínuos (Entrevistado 2).

[...] laboratórios com equipamentos compatíveis, com o pessoal devidamente treinado, professores, para que o aluno que é o escopo finalístico de uma instituição, ele consiga desenvolver e absorver esse conhecimento e possa então também traduzir isso em resultados através da produção científica (Entrevistado 2).

Para outro Entrevistado 3, indagando como você tem percebido a gestão do conhecimento na universidade, ele sinaliza que tem avançado de forma lenta dentro das estruturas da universidade, mas de forma satisfatória que se espera. Para o entrevistado, a universidade tem muitas carências em termos de gestão de conhecimento. Algumas presenças

de carências históricas e algumas que vão se evidenciando no decorrer do processo da gestão atual da universidade. Elas precisam ser trabalhadas e melhoradas. Alguns aspectos burocráticos, outros mesmo de falhas institucionais, humanas, e etc., conforme sinaliza o Entrevistado 3.

#### 4.4 Relatos sobre as contribuições de um repositório

Neste tópico abordamos como os entrevistados avaliam quais seriam as contribuições de um repositório institucional para o processo de **gestão do conhecimento da produção científica** na UESB, no *campus* de Vitória da Conquista-BA.

O Quadro 11, a seguir, traz de forma resumida os principais relatos das contribuições do repositório institucional citadas pelos entrevistados.

**Quadro 11:** Principais Relatos das Contribuições do Repositório Institucional

Relatos Contribuições do Repositório Institucional	
GAPP	Repositório institucional possibilita a disseminação da produção científica
GDPP	Importância da preservação da memória institucional
GCPP	Repositório institucional disponibilizar as informações de forma livre e aberta para todos
GPPP	Preservação da memória científica contribui para o conhecimento aberto
GSPP	O repositório favorece a gestão do conhecimento

Fonte: elaboração própria.

##### 4.4.1 Grupo do Administrativo dos Programas de Pós-graduação - GAPP

Neste grupo o Entrevistado 1 ressalta que a produção acadêmica-científica tem que ficar localizada no mesmo espaço. Para ela, a UESB não tem um programa de preservação dados informacionais e nem científicos. Ficando muitas vezes a cargo dos programas de pós-graduação. Sobre a disseminação da produção ela cita que fica por conta dos projetos ou de alguns professores que têm o perfil de encorajar mais a disseminação.

Para o Entrevistado 2 deste grupo, indagando como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento na universidade, ela nos responde que o repositório vai condensar, centralizar e organizar toda a produção acadêmica científica da UESB. Tudo num só lugar para em qualquer momento poder consultar. Para a entrevistada o repositório é uma forma de poder propagar a informação ou o conhecimento dentro da instituição. Então, ele se torna mais próximo da comunidade.

Sobre a preservação e a disseminação da produção científica, o Entrevistado 2 informa que desconhece algum tipo de ação institucional que venha preservar a produção científica dentro da casa. E quando ocorre alguma preservação, esta se procede por conta dos programas de pós-graduação que no seu entendimento também vem realizando a própria divulgação.

Indagando ainda o Entrevistado 2 sobre a importância do repositório institucional, este cita que o repositório vai publicitar todo o conhecimento produzido na instituição. Para ele, a pesquisa tem que ser publicitada senão ela perde todo o sentido e o repositório acaba facilitando a divulgação. Sobre como o entrevistado percebe a preservação dos dados das produções científicas, artigos, teses e dissertações na universidade a resposta foi que “a presença de uma Biblioteca Digital Tese e Dissertações, foi bem interessante para poder reunir de forma centralizada todas as teses e dissertações” (Entrevistado 2). Desta forma, atribui ao BDTD a responsabilidade de preservação ao criar uma biblioteca de digital.

Perguntando como ele percebe a disseminação da produção científica, artigos, teses, dissertações na universidade, ele responde que na UESB ainda é incipiente ou mesmo moderado. Para ele, “o máximo que a gente vê ali é só um convite ali, né, divulgando, convidando, às vezes bem limitado pelo seu grupo de amigos” (Entrevistado 2). Segundo ele, o fato da instituição não criar um repositório a disseminação da produção científica esta fica limitada. De suas palavras, muitas vezes fica apenas vinculada ao site do programa, o que leva a um alcance restrito.

#### 4.4.2 Grupo dos Discentes dos Programas de Pós-graduação - GDPP

Um entrevistado deste grupo ressalta a importância do repositório para acesso de toda produção científica da universidade, bem como uma alternativa de preservação da memória institucional científica e da disseminação da ciência produzida pelos pesquisadores da instituição. Segundo ele, uma das funções do repositório é fazer com que ninguém precise reinventar a roda. Se pesquisadores tiverem acesso ao conhecimento que já foi desenvolvido, o que precisa ser feito é dar o passo seguinte. Então, para o entrevistado a primeira importância de um repositório é garantir que não vai ser gasto dinheiro público refazendo ou reinventando a roda. Para o entrevistado, essa é a primeira importância do repositório.

#### 4.4.3 Grupo dos Coordenadores dos Programas de Pós-graduação - GCPP

Para este grupo, uma das funções do repositório é disponibilizar as informações de forma livre e ampla por todos. Em uma das entrevistas com este grupo, percebe-se que existe a necessidade da implantação de um repositório de acesso aberto no qual qualquer pessoa possa consultar e adquirir o conhecimento sem custos e sem dificuldades de acesso. Para isto é necessário que a instituição invista em capacidade técnica e operacional. A função do repositório é contribuir no processo de gestão do conhecimento da universidade. Perguntando

ao Entrevistado 1 como ele percebe a preservação da produção científica (artigos, teses, dissertações) na universidade, ele responde:

[...] em termos de preservação de dados, eu entendo que seria mais focado para informações novas, inclusive para patentes, alguma coisa dessa forma. Não sei se eu estou entendendo a pergunta nesse sentido. Então, assim, nós temos dados, e os dados são da universidade, né, e esses dados, eles devem ser preservados, dependendo do tipo de informação que foi gerada. Então, o nosso conhecimento é aberto. A gente quer divulgar os nossos conhecimentos, mas a gente precisa, às vezes, de alguma proteção, dependendo da informação que foi gerada. Eu acho que na universidade, hoje, não temos nada que nos proteja em relação a isso, né, e eu acho que precisa ter algo, alguma diretriz, alguma resolução que proteja os nossos dados. [...] seria necessário que houvesse uma política de preservação de dados institucionais (Entrevistado 1).

Continuando, o Entrevistado 1 cita que “são vários programas que produzem ciências e muitos têm feito pela sociedade, de um modo geral, mas os dados estão no espaço, mas não estão protegidos”. Em um evento fora da universidade, o entrevistado cita que percebeu dados de sua produção em que foram citados como sendo de outras pessoas, o que leva ao constrangimento dele enquanto pesquisador. Em sua fala, percebe que a universidade deveria ser solidária na responsabilidade de preservar e proteger os dados.

Indagando como ele percebe a disseminação da produção científica (teses e dissertações) na universidade, ele informa:

É ruim, não é boa a disseminação. Eu digo isso pelo programa da gente dentro da universidade. [...] a disseminação dentro da universidade, ela é feita de forma vazia. Cada programa tem a sua base, tem o seu website aí, onde divulga as dissertações, as teses, não artigos, que artigo geralmente está vinculado a alguma outra plataforma, e isso acaba não sendo. Tem um link direto da universidade. A universidade poderia ter também alguma plataforma onde a gente disponibilizasse os nossos artigos produzidos. Eu sei que é mais complicado, porque existem direitos das editoras, das revistas, e aí acaba não sendo divulgado. Então, pensando em artigos, teses e dissertações. Mas, como você mencionou logo no início da nossa conversa, nós temos uma editora na UESB que poderia ser utilizada e utilizada de uma forma bem satisfatória para a divulgação de muitos resultados. [...] muitas dissertações e teses são transformadas em livros e são divulgados pela universidade. Então, desse ponto de vista, eu acho que é interessante. Mas, em termos de consulta científica entre a comunidade acadêmica, eu acho que ainda é incipiente, precisa melhorar (Entrevistado 1).

Para outro Entrevistado 2 deste grupo, a gestão do conhecimento implica em produzir o conhecimento. Para ele, é o que se faz nas pesquisas, nas dissertações, nos textos, nos artigos que se publicam. Implica também em saber escolher um local guardar as produções, e aí, para este entrevistado é um repositório de boa qualidade.

[...] saber fazer uma escolha para onde a gente quer encaminhar nossos textos para serem divulgados é um aspecto também importante. E, ao mesmo tempo, por outro lado, temos que contar com uma boa gestão, um bom repositório e uma boa gestão

dos repositórios. Uma parte é nossa, como autores, e a outra parte é dos profissionais que cuidam do repositório, para alimentar o repositório, atualizar esse repositório com as tendências contemporâneas de pesquisa, de busca, que as pessoas têm praticado ao redor do mundo. E, do outro lado, além disso, provocar as pessoas a acessarem. [...] um lugar no domínio da instituição que é onde a gente entrega para as pessoas muita coisa que a gente produz (Entrevistado 2).

Sobre como o entrevistado tem percebido a preservação dos dados das produções científicas, artigos, teses, dissertações na universidade, ele nos responde:

[...] ciência aberta não é só o texto estar disponível no periódico num lugar que seja acessível gratuito para as pessoas, para os leitores; não é só também um periódico, um lugar que a gente não tenha que pagar para publicar. Ou seja, não é só um lugar onde a gente não tenha que pagar para publicar e nem tenha que pagar para ler. É também um lugar que seja cuidado, cuidado para ser alimentado, no sentido de que a gente que produz o conhecimento tenha uma obrigação institucional, moral e científica de enviar para o portal, para o repositório, o nosso produto. Seja uma tarefa, uma obrigação de quem termina o mestrado, por exemplo, que produz um texto, um artigo, um livro. E que, por outro lado também, esse trabalho seja disponibilizado, divulgado, que a gente saiba, que a comunidade saiba da existência. Que os indexadores, no caso dos periódicos, estejam atualizados. E que, no caso de um repositório mais amplo, que esse repositório esteja o mais acessível possível, o mais disponibilizado possível. Não só no site, mas com propaganda, com chamadas na TV. Nós temos uma TV, nós temos veículos de comunicação. É isso (Entrevistado 2).

Sobre como o entrevistado tem percebido a disseminação da produção científica, artigos, teses e dissertações na universidade, ele responde nos que a disseminação precisa contar com um acesso fácil. Para ele, não existe contato direto com os colegas de outros programas. A UESB tem mais mil professores na instituição, são três campi e não existe um evento de interação entre os programas de pós-graduação. O entrevistado cita que “nossas teses e dissertações de todos os programas de pós-graduação da UESB não estão no banco da CAPES, acessível a todo mundo” (Entrevistado 2), além do fato de que os recursos são restritos para professores e para estudantes poderem participar de eventos (Entrevistado 2). E complementa:

[...] Esse é um aspecto também que caminha no sentido da disseminação do conhecimento, que às vezes eu preciso estar no evento, o pesquisador precisa estar no evento, para encontrar lá no evento seus colegas de tema, que são de outras instituições ou de outros países, dialogar diretamente com esses pesquisadores, até para que nós, e eu diria os meninos do mestrado e do doutorado, sobretudo, eles saibam que os autores que eles leem estão nos eventos, são humanos, são pessoas com as quais eles podem conversar. E no evento é um lugar importante, então é preciso ter recursos financeiros para as pessoas irem para os eventos, apresentar suas pesquisas e dialogar com os autores que eles leem que estão lá no evento para o qual eles se direcionam. [...] quando a gente fala de dados da pesquisa, a gente fala inclusive de dados que foram produzidos, interpretados no texto, mas que muitas vezes tem os dados primários, que também podem ser disponibilizados. [...] para fazer outras interpretações, outras pesquisas, outros textos (Entrevistado 2).

Para o Entrevistado 3 deste grupo, falando de forma geral sobre as contribuições de um repositório institucional, ele cita as contribuições que um repositório pode trazer, inclusive, para

a divulgação da ciência feita na instituição e para tornar acessível a comunidade o conhecimento e as pesquisas produzidas no interior da instituição de maneira que haja uma valorização também institucional. O repositório vai permitir alavancar a visibilidade da instituição. Para ele, as boas pesquisas que são realizadas estão espalhadas e não são de conhecimento da própria comunidade interna, conforme se detecta em sua fala:

[...] talvez o repositório fosse esse espaço que ampliaria essa gestão daquilo que é produzido na instituição, tornaria acessível e conhecido pelas demais pessoas, inclusive dos próprios programas de pós-graduação. Às vezes, na pós-graduação, eu conheço a pesquisa feita na minha própria linha de pesquisa. A pesquisa feita em outra linha de pesquisa, eu não conheço. Talvez, no âmbito da possibilidade, o repositório pudesse contribuir também com isso. [...] hoje, na UESB, dissertações e teses é uma ação. Elas são preservadas pelos programas porque há um grande depósito de dissertações e teses que não é um repositório, que não comunica com nada, não tem metadados. Você não acha os trabalhos buscando palavra-chave. Mas, hoje, dissertações e teses são preservadas porque cada programa é obrigado a manter dissertações e teses defendidas. Estão lá na página, num site que não dialoga com o site geral da instituição, que é um grande problema também. Se você não entra na página específica do programa e vai buscar trabalho por trabalho, por ano de defesa, você não localiza esse trabalho. Então, a preservação é feita muito pelo trabalho dos coordenadores. Para mim, ela é menos institucionalizada e mais pela demanda do próprio coordenador que vê a importância e a necessidade desses trabalhos estarem lá guardados, não divulgados, mas guardados (Entrevistado 3).

Indagado ainda sobre como percebe a disseminação das produções científicas, cita:

[...] A gente não preserva e não dissemina. A disseminação é praticamente inexistente. Eu acho que, um pouco, as redes sociais vêm tomando esse papel de disseminar as produções, mas, aí, de novo, muito mais, um pouco, pelo trabalho dos coordenadores – vou falar da pós-graduação, que é o que me interessa aqui –, muito mais pelo trabalho dos coordenadores de pós-graduação do que pela necessidade institucional de ter um espaço que a gente pudesse fazer isso. [...] assim, a revista que a universidade tem, uma revista online, que eu acho superinteressante, que eles, inclusive, entram em contato com a gente para a gente divulgar as pesquisas que são feitas, mas não se comunica também, de novo, com aquilo que é os programas. Então, essa disseminação das produções fica muito a cargo da pós-graduação, a cargo dos coordenadores dos grupos de pesquisa. Acho que falta uma ação da instituição” (Entrevistado 3).

Questionado se as mídias da UESB poderiam colaborar neste processo de divulgação e disseminação da produção científica que ocorre na pós-graduação, o entrevistado cita:

[...] eu acho que, de certa maneira, isso já vem sendo feito. Eu lembro de uma ação da TV UESB, o Universo da Ciência, que é um programa de divulgação. [...] é um programa superinteressante que eu assisto, mas acho que poucas pessoas assistem. Então, de novo, acho que falta um pouco de divulgação e de comunicação. Eu lembro que há um tempo atrás [...] a TV abriu um edital para propostas de professores que quisessem divulgar o que é que eles fazem. Então, seria em conjunto de programas, acho que quatro programas, cada professor faria, mas eu acho que a gente está tão sobre carregado de trabalhos que você não propõe, porque vai ser o seguinte, é mais um trabalho, é mais uma sobrecarga, é mais uma demanda. Eu já tenho que pensar a gestão da pós-graduação, a produção acadêmica, minhas aulas, vou pensar agora mais um programa. [...] acho que faltou essa ação ser mais divulgada, mas eu acho que

faltou também para isso, eu acho que a universidade já vem fazendo alguns aspectos interessantes de divulgação, que eu também compreendo que é difícil. Eu acho que por meio dos canais que ela tem hoje, do site, da TV, da rádio, vem tentando fazer um pouco disso. Agora uma coisa que eu penso que vai fazer é a mudança de mentalidade, precisa mudar também a cultura institucional (Entrevistado 3).

E complementa citando que existe outros programas de pós-graduação, nota 5 ou 6 com divulgação internacional, que vem produzindo artigos, teses e dissertações no intuito de promover a qualificação profissional de diversos profissionais na região. Inclusive, com resgate a promoção da igualdade étnica e de gênero para a sociedade local. Para o entrevistado, estes programas sempre estão aprendendo a se comunicar. “Eles estão disseminando aquilo que a gente faz para boa parte da sociedade” (Entrevistado 3). “Tem pessoas que não sabe que o tratamento de solo da região inteira é feito na UESB e toda a pesquisa sobre café é feita nessa universidade que contribui demais para compensar toda a produção de café dessa região inteira” (Entrevistado 3). No entanto, poucos são os que sabem da existência destes programas. Existe programas de resgate da memória e do convívio social e harmônico da sociedade. Mas a sociedade não sabe ou pelo menos não é pautado com a incidência massiva que as mídias permitem.

#### 4.4.4 Grupo dos Professores dos Programas de Pós-graduação – GPPP

Para este grupo, entrevistando sobre como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento da universidade, as respostas dos entrevistados circundam na centralização do conhecimento que vem facilitar a vida dos pesquisadores. Para este grupo, a preservação da memória e dos dados científicos da instituição, ou seja, a produção acadêmica e científica da universidade, podem contribuir para o acesso aberto ao conhecimento para a sociedade. Para um entrevistado, o apoio para as equipes que compõem a pós-graduação deve apostar no conhecimento fundamental da pesquisa, da inovação, da utilidade do conhecimento, da disseminação desse conhecimento da universidade como integradora e articuladora para a sociedade. A criação de informações específicas (como um repositório) podem agregar a produção que existe na universidade.

#### 4.4.5 Grupo dos Secretários dos Programas de Pós-graduação - GSPP

De modo geral, para os entrevistados deste grupo a instalação de um repositório vai proporcionar um ambiente favorável para a formulação e o desenvolvimento da gestão do conhecimento na universidade. Para o Entrevistado 1 deste grupo, indagado sobre como ocorre os processos de preservação e disseminação da produção científica, ele cita:

[...] um repositório poderá aglutinar dentro do mesmo espaço a produção científica da universidade, [...] na UESB não há gestão do conhecimento, pelo menos não existe uma agenda institucional formalizada. Muito do que se propõe como divulgação da produção científica fica a cargo de secretários e coordenadores de programas de pós-graduação. Nada além disto. Sobre a preservação, posso dizer que não há uma preservação, não há uma diretriz institucional, não um treinamento para não perder os dados e ou recuperá-los caso há perda. Não há um backup das informações dos dados de forma institucional. Falta gestão de preservação dos dados. *Hackers* tem feito rastreo e roubo de informações e na UESB não há uma preocupação institucional com a *cybersegurança*. A UESB cumpre os protocolos de divulgação científica através de ações individualizadas de programas de pós-graduação e não de forma institucional. Não existe gestão do conhecimento na UESB (Entrevistado 1).

Para o entrevistado o próprio repositório institucional vai forçar a instalação de uma política que favoreça a gestão do conhecimento. Para o entrevistado a questão é sintomático, uma vez que tenha instalado o repositório institucional, a gestão tem que vir casada com ele. Indagado ainda sobre como ocorre os processos de preservação e disseminação da produção científica da pós-graduação, o Entrevistado 1 cita “todas as teses e dissertações desenvolvidas na UESB eram encaminhadas para um setor da biblioteca, porém devido a falta de espaço físico para condicionar toda a produção científica a Biblioteca solicitou a suspensão do envio desses documentos científicos”. Em outro recorte, cita:

[...] tomando como base isso a gente pode ver que é realmente algo bem incipiente, algo ainda muito amadorístico e sem nenhuma estrutura sistemática prevista. Essa é a minha opinião. [...] particularmente, desconheço algum procedimento que faça essa política de disseminação. Se há, para mim, é algo absolutamente novo. É por isso que eu enalteço aqui a criação desse repositório institucional porque, através dele nós temos um parâmetro real para poder dizer que através do repositório há uma disseminação, mas da forma como está aí eu não vejo nenhuma referência para disseminar esses conhecimentos que são gerados na UESB (Entrevistado 1).

Para outro Entrevistado 2, indagando sobre quais seriam as contribuições de um repositório institucional na universidade, ele cita que toda a produção vai ficar centralizada em um espaço o que vai contribuir para a gestão do conhecimento. Para ele, existe uma necessidade de uma equipe com conhecimento em várias áreas como biblioteconomia, informática, banco de dados para poder gerir com a responsabilidade necessária.

Na seção seguinte faremos uma análise a partir da apresentação dos resultados.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados na pesquisa compreendemos que um repositório institucional traz contribuições no processo de gestão do conhecimento, sobretudo, na pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no *campus* de Vitória da Conquista-BA, desde que seja atendido alguns critérios de implementação ou mudança da cultura organizacional da universidade. No entanto, ainda há um outro foco nesta pesquisa de como vem ocorrendo a produção de teses, dissertações e artigos que aqui chamados de produção científica. Ressaltamos a importância deste objeto de estudo com a devida atenção para a complexidade que este paradigma merece.

Em nossa compreensão, um repositório no âmbito da UESB carece de um projeto de estudos para enfim proceder a viabilidade de sua instalação. Criar outras alternativas para este recurso tecnológico é supor a inviabilidade de seu sucesso antes mesmo da sua implementação.

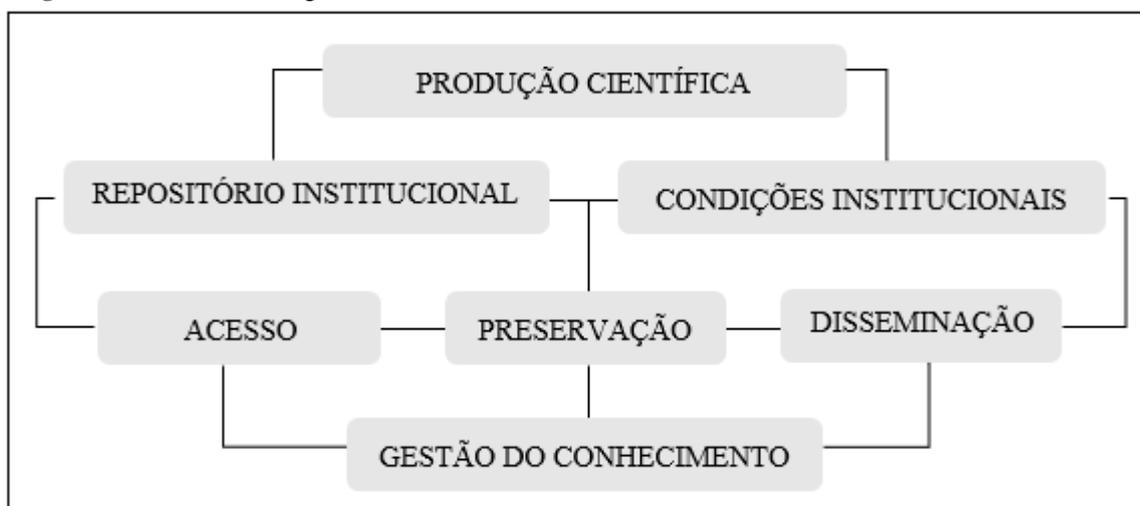
Entendemos que o repositório institucional no processo de gestão do conhecimento no ensino superior é mais do que a instalação de um recurso tecnológico. É uma mudança do paradigma de como as universidades vem tratando sua produção científica. É evitar que a disseminação do conhecimento não fique na inércia do esquecimento. Os participantes da pesquisa trouxeram elementos comprovando esta ideia, pois são eles que orquestram as regras primordiais do repositório para a instituição. O conhecimento e a vivência dos pesquisadores denotam a visão, o significado e a funcionalidade de um repositório institucional para a universidade.

Não obstante, uma vez ou outra, os participantes não têm uma definição única do objeto tema, conforme a literatura propõe sobre o assunto. Todavia, ainda que na pós-graduação o contexto analisado é o mesmo, as respostas, conforme as entrevistas, não são similares. Portanto, carece de ajustes de uma mesma linguagem entre os coordenadores e sucessivamente para os demais integrantes da pós-graduação.

Para além disto, o referencial teórico da dissertação surge como possibilidade de balizar o entendimento sobre esta questão em que consideramos os objetivos descritos na seção 1.2.2 no início deste texto.

A seguir, a Figura 1 apresenta o fluxo das categorias de análises que foram observadas a partir dos resultados das entrevistas que estão alinhadas com os temas tratados no referencial teórico. Assim, propomos o seguinte fluxo de categorias:

**Figura 1** - Fluxo das Categorias de Análises



Fonte: elaboração própria.

Como se observa, as categorias estão intimamente relacionadas. Cada categoria faz parte de um processo em que os efeitos de uma podem influenciar diretamente no decorrer da outra. Todavia, a partir da análise dos resultados da coleta dos dados é perceptível que as condições institucionais da produção científica da pós-graduação na UESB, campus de Vitória da Conquista-Ba, influenciam a gestão do conhecimento nesta instituição. Para exemplificar este delineamento, trazemos uma análise de cada categoria.

### **5.1 Enfoque produção científica**

Observa-se que na categoria referente a produção científica os entrevistados, de modo geral, confundem os conceitos de comunicação científica com divulgação científica. Embora estes termos estejam interligados, eles possuem significados e funções diferentes. A pesquisa evidenciou que há uma falta de clareza entre os entrevistados quanto a essas diferenças e aponta para uma necessidade de um maior esclarecimento e ação por parte da instituição, o que também é reforçado pela literatura, sobretudo, nas ideias de Manso (2012) e Meadows (1999). É fundamental que a universidade não apenas crie ambientes propícios para produção do conhecimento científico, mas também assume responsabilidades de divulgar esse conhecimento tanto para a comunidade científica quanto para a sociedade de modo geral (Albagli, 1996; Gomes, 2014; Manso, 2012). Além de criar espaços e/ou eventos adequados para sua divulgação (Rodrigues *et al.*, 2019) de forma intensiva e massiva. A UESB precisa resgatar a sua trajetória como universidade pulsante e preponderante no cenário regional como

disseminadora de conhecimentos. A pesquisa na coleta de dados demonstra isto, sobretudo, nas falas do grupo GDPP e do grupo GCPP.

Comunicação científica refere-se à informações e notícias dos resultados de pesquisas dentro do âmbito acadêmico, sendo de responsabilidade principalmente dos programas de pós-graduação (Droescher; Silva, 2014). No entanto, disseminação científica tem um caráter mais amplo, visando a democratização do acesso ao conhecimento (Gomes; Rosa, 2010). Esta tarefa deve envolver todo o aparato da instituição, o que é confirmada também nas entrevistas com os Coordenadores de Pós-graduação. É crucial que não falte entendimento entre esses conceitos. O mesmo deve ocorrer entre comunicação científica e comunicação institucional que tem divergências de atuação e responsabilidades, pois cada uma desempenha um papel específico no processo de difusão do conhecimento.

Outro aspecto relevante neste contexto da produção científica é a importância do acesso aberto às produções científicas e da interação entre os pares científicos (Mueller, 2019). Isto deve ser promovido de forma ampla pelas instituições de ensino superior. Esses fatores permitem que teses, dissertações e outros trabalhos acadêmicos e científicos sejam amplamente discutidos e analisados pela comunidade científica, contribuindo para a consolidação do conhecimento. A UESB, como instituição promotora do saber, precisa se posicionar de forma mais ativa em seu contexto regional, não apenas como uma universidade pública, mas como uma entidade que fomenta e dissemina o conhecimento científico local e regional, detecta-se nos relatos das entrevistas do grupo de Coordenadores, Professores e Secretários. Essa integração deve ser prevista no planejamento institucional de modo a fortalecer a relação entre a universidade e a sociedade.

No entanto, a pesquisa do mestrado tem evidenciado a necessidade de que a instituição possa criar normas e regimentos específicos para ampliar a divulgação científica produzida pelos programas de pós-graduação. Embora os gestores da área de pós-graduação como coordenadores, secretários e equipe administrativa já realizem ações pontuais voltadas para a comunicação científica dentro da universidade, mas ainda é preciso ir mais além. Esforços adicionais devem ser realizados para promover uma divulgação ampla e colaborativa do conhecimento científico, conforme indicado nos relatos das entrevistas.

Além disso, percebe-se que esta divergência de conceitos entre os membros da comunidade da UESB no que diz respeito à comunicação e divulgação científica que só vem causar conturbações para a comunidade. A falta de uniformidade no entendimento dos termos

sugere a necessidade de uma instrução normativa que possa definir claramente esses conceitos de modo a evitar mal-entendidos e que possam gerar obstruções dos objetivos institucionais.

O Quadro 12, a seguir, traz um modelo da categoria produção científica e suas subcategorias:

**Quadro 12** – Categoria Produção Científica

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Seções</b>
Produção Científica	Comunicação Científica Disseminação Científica	Acesso Aberto Interação entre Pesquisadores

Fonte: elaboração própria.

Produção Científica de uma universidade pode ser definida como o resultado do processo de criação do conhecimento por meio de pesquisas sistemáticas, cujos resultados são registrados em suportes tecnológicos e divulgados de forma acessível para toda a comunidade (Albagli, 1996; Droescher; Silva, 2014). Esse processo envolve não apenas a geração de conhecimento, mas também a sua comunicação e disseminação, seja por meio de sistemas dos canais (mídias) de acesso aberto, seja pela interação entre os diversos pesquisadores que a universidade possui. A UESB, como instituição produtora de saber, deve garantir que esses processos sejam bem delineados e executados de modo a contribuir para o avanço científico e a democratização do conhecimento na sociedade.

## **5.2 Enfoque condições institucionais**

A partir da análise dos resultados apresentados, no que se refere a categoria das condições institucionais, reafirma-se que as condições tecnológicas e físicas (estruturais) e as condições funcionais (operacionais) da UESB não atendem às demandas necessárias para a implementação eficaz de um repositório institucional. Para que um repositório institucional seja viabilizado como recurso tecnológico e que possa dar sustentabilidade ao processo de gestão do conhecimento como sua função principal, é imprescindível que ocorra uma transformação ou reformulação das condições institucionais tanto estruturais quanto operacionais. Essa transformação deve abranger os aspectos tecnológicos quanto os aspectos funcionais visando garantir a sustentabilidade e a eficiência do repositório institucional em longo prazo. Desta maneira, torna-se necessário a incorporação de uma política institucional que possa definir normas e diretrizes para implantação de um repositório institucional bem como um corpo de

investimentos na área tecnológica, conforme apregoa a literatura composta por Santos e Rosa (2020) e que tanto foi externada nas entrevistas com os participantes da pesquisa.

Surge ao nosso ver a necessidade de se pensar em um projeto de melhorias ou de readequação de recursos tecnológicos que visem dar uma melhor estrutura de TI para os usuários de tecnologia da universidade. Ressaltamos que o setor de informática da UESB não vem criando uma sintonia com os cursos de tecnologia da universidade, que aliás são dois cursos que podem colaborar. É destes cursos que surgem as melhores estratégias para a solução dos problemas de tecnologia na UESB. Há uma distância imensurável que os separa e estamos em uma mesma universidade.

### 5.2.1 Sobre as condições estruturais

As condições estruturais referem-se às condições de infraestrutura física e tecnológica necessárias para suportar o funcionamento de um repositório institucional. Isso inclui a aquisição e manutenção de equipamentos de hardware e software adequados bem como a implementação de uma arquitetura de redes que possa dar sustentabilidade aos canais de acesso, disseminação e de preservação de conteúdos científicos. A infraestrutura de rede deve ser robusta o suficiente para garantir a acessibilidade contínua e segura aos dados armazenados, tanto para a comunidade acadêmica quanto para o público externo. Além disso, é fundamental a definição de normas e diretrizes claras que venham regulamentar a implantação, a definição de uma equipe gestora de técnicos que atuem na manutenção do repositório. Essas normas devem abranger desde a gestão dos recursos tecnológicos até a definição de protocolos de segurança para a preservação dos dados.

Para pensar em uma implementação de um repositório institucional, antes deve pensar em um projeto institucional que possa gerir as estruturas adequadas para o funcionamento eficiente. Uma boa assessoria de um profissional de tecnologia pode contribuir nesta questão.

### 5.2.2 Sobre as condições funcionais

As condições funcionais estão relacionadas aos processos e procedimentos que garantem o bom funcionamento do repositório institucional, portanto, a operacionalidade. Diante disto, inclui a definição de normas e diretrizes para o auto arquivamento da produção acadêmica-científica que deve ser incentivado e regulamentado pela universidade de modo que garanta aos pesquisadores o depósito de seus trabalhos de forma consistente e organizada ou delegue esta função, conforme as regras do programa de pós-graduação que esteja envolvido.

Por outro lado, a universidade deve também pensar uma infraestrutura que possa ser capaz de suportar a elaboração e o gerenciamento de metadados confiáveis que são essenciais

para a indexação, recuperação e preservação eficiente dos conteúdos armazenados e acessados. Desta forma, deve compor na implementação de um repositório institucional uma equipe multidisciplinar que reúna conhecimentos que possam contribuir neste projeto de implementação. A presença de um profissional de biblioteconomia é fundamental neste processo. Aliás, a própria biblioteca deve passar por um processo de reestruturação imediata pois deixou de ser atrativa para muitos alunos e pesquisadores da instituição. Este setor não mais atende aos interesses dos pesquisadores como sendo um local ideal para pesquisas e estudos, ainda que o setor tenha um grande acervo a ser considerado. Acrescentamos que a literatura apresentada por Borges *et al.* (2019), Demetres, Delgado e Wright (2020), Farias, Rezende e Lima (2023), Ficht *et al.* (2019), Monteiro *et al.* (2019), Santos e Rosa (2020) contribuem neste aspecto observado.

Um outro ponto a ser considerado como funcional é a elaboração de metadados confiáveis e a utilização de ferramentas como palavras-chave (*thesaurus*) que são fundamentais para facilitar o acesso e a recuperação dos conteúdos, conforme demonstra a literatura (Fujita, 2022; Fujita e Tartarotti, 2020; Marques, 2020). Nesta questão a importância de uma equipe de tecnologia integrada com a equipe da biblioteca é crucial para o acesso e preservação dos dados institucionais. Estes devem ser garantidos por meio de políticas claras de backup e armazenamento de longo prazo pela instituição.

A disseminação da produção científica também é outro ponto a ser considerado como funcional e também operacional, pois foi pontuado na coleta de dados da pesquisa que a UESB (administrativamente) é falha neste ponto. A presença de mecanismos que permitam a comunicação eficiente entre o repositório institucional e a comunidade científica, tanto em nível nacional quanto internacional, também é uma questão de operacionalização. Isso inclui a interoperabilidade com outros repositórios e sistemas de informação que venham ocorrer por meio de protocolos de comunicação. Mais uma vez, reforçamos a necessidade de reestruturação das condições da biblioteca como setor preponderante para o ensino e a pesquisa universitária.

O Quadro 13, a seguir, apresenta um modelo detalhado da categoria condições institucionais, dividindo-a em subcategorias e suas seções que destacam os principais elementos necessários para a implementação de um repositório institucional.

**Quadro 13** – Categoria Condições Institucionais

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Seções</b>
Condições Institucionais	Condições Estruturais Condições Funcionais	Estrutura física (softwares, rede) Normas e diretrizes Metadados de Acesso ( <i>Thesaurus</i> ) Preservação (Produção Científica) Disseminação (Produção Científica)

Fonte: elaboração própria.

Conforme discutido no referencial teórico, os repositórios institucionais são indicadores tangíveis da qualidade de uma instituição (Crow, 2002; Lynch, 2003; Farias; Rezende; Lima, 2023). Portanto, é essencial que o projeto de implementação seja bem elaborado e atenda às condições de estrutura, funcionalidade e confiabilidade tão necessárias que envolva uma equipe multidisciplinar. A seguir, são listadas algumas considerações sobre as condições ideais do processo de implementação de um repositório institucional:

- a) A definição de políticas institucionais e gestão de conteúdos que definam as diretrizes, os objetivos, as responsabilidades, as normas e o acesso aos conteúdos;
- b) A definição do tipo de repositório que a universidade deseja que seja implementado. Se atende apenas um repositório temático, institucional ou multidisciplinar conforme as necessidades da instituição;
- c) A consideração das questões legais relacionadas ao funcionamento do repositório como direitos autorais e licenciamento de conteúdos. O ideal é que atenda ao *open science*;
- d) A garantia e disponibilidade de softwares, servidores e hardwares adequados que possa atender a política de implementação do repositório;
- e) O uso de protocolos de comunicação que permitam a interoperabilidade entre diferentes sistemas e repositórios;
- f) A definição do controle de acesso como uso de palavras-chave, metadados e *thesaurus* para facilitar a indexação e recuperação dos conteúdos;
- g) O estabelecimento de políticas de preservação de dados que garantam a integridade e a disponibilidade dos dados institucionais a longo prazo;
- h) A disseminação de conteúdos eficientes entre o repositório e a comunidade científica garantindo, desta maneira, a visibilidade da produção acadêmica;

As condições institucionais estruturais e funcionais são fundamentais para que ocorra uma melhor eficiência e uma eficácia do uso do repositório institucional. Elas permitem não apenas o acesso e a preservação do conhecimento, mas também a sua disseminação em uma escala que atenda às demandas da produção científica contemporânea das instituições de ensino superior. A implementação de um repositório institucional bem-sucedido requer, portanto, um planejamento cuidadoso e a alocação de recursos adequados tanto em termos tecnológicos quanto em termos humanos e políticas de implementação. Para que a instituição se consolide como uma referência no cenário científico-acadêmico nacional e internacional esta pesquisa sugere que o repositório institucional obedeça aos princípios de gerenciamento de projetos que envolvem as fases de planejamento, execução, monitoramento e controle.

### 5.3 Enfoque gestão do conhecimento no ensino superior

A gestão do conhecimento com a utilização de um suporte tecnológico como o repositório institucional vem representar um avanço para as instituições universitárias. O amplo acesso aos arquivos depositados nos repositórios potencializa a produção científica das instituições (Monteiro *et al.*, 2019), uma vez que as pesquisas desenvolvem de forma mais fluida. Ao mesmo tempo, cria meios para difundir o conhecimento que a sociedade necessita. Aliando ao uso dos repositórios uma boa gestão do conhecimento existe a possibilidade de as instituições de ensino superior aumentarem sua visibilidade no cenário científico, melhorarem seu *status quo* e sustentarem o valor público para a sociedade (Marques, 2020).

Diante disto, pela coleta de dados, verificou-se que a gestão do conhecimento emerge como uma categoria essencial para garantir que o conhecimento produzido nas universidades esteja eficientemente organizado, armazenado e compartilhado tanto internamente quanto externamente com a sociedade. A gestão do conhecimento assume papel fundamental na integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 2023) garantindo, desta forma, que o conhecimento gerado esteja acessível e aplicável para toda a sociedade, conforme denota Fonseca (2019). Portanto, gestão do conhecimento não envolve apenas a produção de pesquisas e publicações, mas também a criação de mecanismos que venham facilitar o acesso e a aplicação deste conhecimento para benefício de todos.

A partir dos relatos coletados nas entrevistas, sobretudo no grupo GCPP, observou-se que a produção científica é substancial especialmente nos programas de pós-graduação da UESB. No entanto, a disseminação desse conhecimento ainda ocorre de forma muito incipiente ou apenas de forma pontual pelos programas que atuam de forma independente. Existe lacunas significativas na comunicação entre a universidade e a sociedade que necessita ser melhor resolvidas. Muitos entrevistados destacaram que a produção científica é frequentemente voltada para a publicação em revistas de alto impacto, mas pouco se tem feito para garantir que esse conhecimento se torne acessível e compreensível para o público geral. O fato é que existe uma falta de integração entre os diferentes setores da universidade e a produção científica ocorre muitas vezes de forma desarticulada ou com pouca comunicação entre as diferentes áreas do conhecimento. Isso também resulta em uma fragmentação do conhecimento dificultando a sinergia e aplicação prática das pesquisas desenvolvidas. Essa desconexão entre a produção científica e sua aplicação prática é um dos principais desafios enfrentados pela gestão do conhecimento no ensino superior e também pela UESB.

Logo, a categoria de análise gestão do conhecimento é um processo que visa gerir os desafios encontrados na produção científica da universidade.

O Quadro 14, a seguir, traz um modelo da categoria gestão do conhecimento:

**Quadro 14** – Categoria Gestão do Conhecimento

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Seções</b>
Gestão do Conhecimento	Produção Científica	Normatização e Sistematização Acesso Aberto Webometria Altimetria

Fonte: elaboração própria.

Um outro ponto a ser destacado é a falta de uma normatização e de uma sistematização para a disseminação do conhecimento produzido na universidade, como o conhecimento tácito (Nonaka e Takeuchi, 2008), de forma institucionalizada pela administração da UESB. Muitos entrevistados relataram que o conhecimento gerado por pesquisadores e docentes nem sempre é documentado ou compartilhado de forma adequada, o que pode levar a perda de informações valiosas quando esses profissionais deixam a instituição. Cabe a administração da universidade cobrar dos setores envolvidos, como a Biblioteca, ações no sentido de priorizar a preservação de teses e dissertações e artigos científicos, pois é ela que é responsável pela guarda e pela preservação da produção científica institucional, já relata os pesquisadores nas entrevistas. Nesta questão, devemos lembrar que por pesquisadores entende-se docentes e discentes dos programas de pós-graduação da UESB. A criação de repositórios institucionais e a adoção de boas práticas de documentação e preservação são essenciais para superar mais este desafio. Aqui, ressaltamos a atuação das pró-reitorias da UESB que, ainda que atuem de forma independente, deveriam também atuar em um projeto de disseminação científica em que o acesso, a preservação e a disseminação da produção científica estivessem conjuntas e unidas e acessível para a toda sociedade.

Um outro ponto crítico é a dificuldade de acesso às plataformas de produção científica. Embora existam ferramentas, como o Portal de Periódicos da CAPES, muitos estudantes pesquisadores desconhecem sua existência ou enfrentam dificuldades para utilizá-las (UNESP, 2013), o que acaba limitando a visibilidade e o impacto das pesquisas produzidas especialmente a nível local e regional. Neste caso, cabe também a Biblioteca promover cursos que venham iniciar os estudantes da UESB nas práticas de pesquisa e escrita científica.

Uma outra situação relevante, ainda que exista um portal de periódicos na universidade que abriga as revistas eletrônicas da UESB, muitos discentes da pós-graduação desconhecem

as publicações de outras áreas de conhecimento que não estejam vinculadas a sua área de atuação. A universidade como instituição promotora do saber não vem realizando uma interconexão entre estas áreas e, neste sentido, a pró-reitoria de graduação pode trazer contribuições.

Todavia, salientamos que a comunicação científica é um elemento-chave para a gestão do conhecimento no ensino superior. Como foi destacado por alguns entrevistados é fundamental que a universidade adote estratégias de divulgação que tornem o conhecimento científico produzido na UESB acessível e compreensível para um público mais amplo. Isso inclui a utilização de uma linguagem clara e acessível bem como o uso das diferentes mídias (tv, *site*, vídeos, *podcasts* e redes sociais) para alcançar os diferentes segmentos da sociedade.

A extensão universitária é um ponto fundamental nesta discussão, pois foi apontada com destaque na coleta de dados que este segmento da administração vem deixando lacunas a serem preenchidas em sua atuação. A extensão desempenha um papel crucial neste processo de divulgação científica atuando como uma ponte entre a universidade e a comunidade local e regional. A integração entre ensino, pesquisa e extensão garante que o conhecimento gerado na instituição seja aplicado de forma prática (Sleutjes, 1999). Contribuindo, assim, para a resolução de problemas sociais e o desenvolvimento regional. A UESB deve ser protagonista e estar à frente das instituições de ensino superior ao menos no contexto regional.

A gestão do conhecimento no ensino superior é um processo complexo (Weitzel, 2019) e multifacetado. Na UESB, isto não é diferente. No entanto, ações conjuntas entre os coordenadores da pós-graduação e a própria pró-reitoria de pós-graduação vem sendo monitoradas e realizadas, mas é preciso avançar mais, conforme o Entrevistado 3 do grupo GCPP. A comunidade pede avanços, sobretudo na extensão universitária. A coleta de dados da pesquisa nos trouxe esta reflexão. A integração de diferentes setores da universidade e a adoção de estratégias eficazes de comunicação e divulgação são aliadas no processo de disseminação de conhecimento. Embora a produção científica na universidade seja intensa, ainda há desafios significativos a serem superados. Sobretudo, no que diz respeito à integração entre os eixos ensino, pesquisa e extensão para uma comunicação eficiente com a sociedade. A isto, sim, é chamado de gestão do conhecimento no ensino superior.

Portanto, gestão do conhecimento não é apenas uma ferramenta administrativa, mas um recurso estratégico importante para o desenvolvimento científico, tecnológico, organizacional e social da instituição como promotora do saber.

## 5.4 Enfoque contribuições de um repositório institucional

Em linhas gerais, destacamos que as contribuições de um repositório institucional para uma instituição de ensino superior são múltiplas e abrangem aspectos relacionados a gestão do conhecimento. Conseqüentemente, potencializam os canais de acesso, de preservação e de disseminação de conteúdos científicos (Borges *et al.*, 2019). O uso deste recurso muda a forma como a produção científica é gerida pelas universidades (Lawrence, 2001). Além disto, de como a pesquisa vem sendo conduzida e estimulada nos meios acadêmicos.

O Quadro 15, a seguir, traz um modelo da categoria contribuições de um repositório institucional:

**Quadro 15** – Contribuições de um Repositório Institucional

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Seções</b>
Contribuições de um Repositório Institucional	Recurso para gestão do conhecimento.	Acesso aos Dados Preservação dos Dados Disseminação dos Dados

Fonte: elaboração própria.

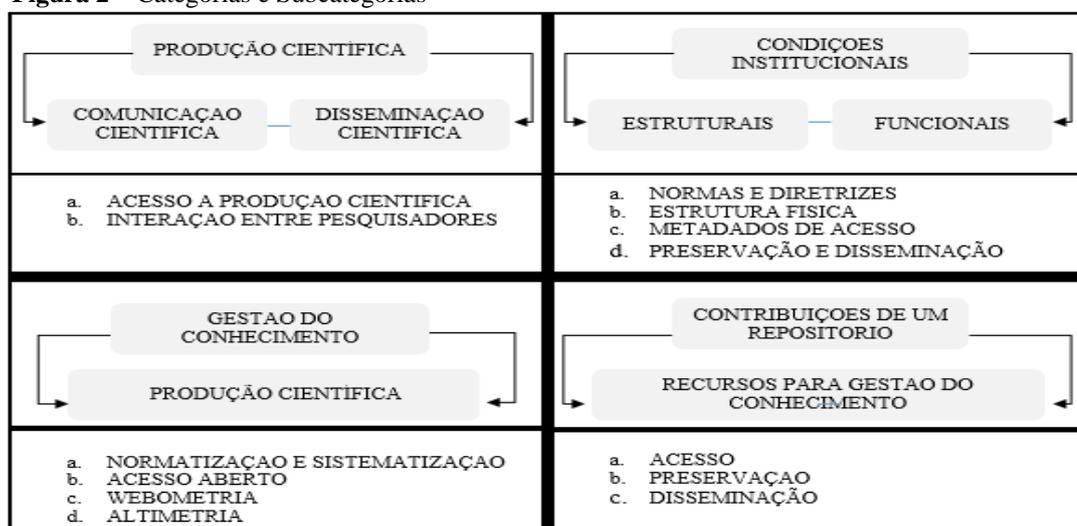
Abaixo, elencamos as principais contribuições de um repositório institucional no processo de gestão do conhecimento no ensino superior:

- a) A facilidade do acesso aberto em formato *open science* à produção científica (Borges *et al.*, 2019; Martins, 2020; Rodrigues *et al.*, 2019) amplia o alcance do conhecimento para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral o que promove a democratização do conhecimento e aumenta a visibilidade da instituição no meio científico;
- b) A garantia da preservação digital da produção científica para as próximas gerações (Nascimento; Queiroz; Araújo, 2019);
- c) A disseminação eficiente da produção científica permitindo que as pesquisas e as publicações sejam compartilhadas de forma rápida e eficiente (Gomes, 2014; Monteiro *et al.*, 2019; Farias, Rezende e Lima, 2023). Desta forma, contribuem para o avanço global da ciência;
- d) A interoperabilidade e padronização de metadados com adoção dos protocolos de comunicação, como o protocolo OAI-PMH (Open Archive Initiative – Protocol for Metadata Harvesting) e o protocolo OAIS (Open Archival Information System) além das diretrizes da CONARQ (Conselho Nacional de Arquivos) (Borges *et al.*, 2019; Kuramoto, 2014);

- e) A interação entre diferentes sistemas de informação facilita a recuperação, a preservação dos dados e o compartilhamento de informações entre as instituições (Farias, Rezende e Lima, 2023) permitindo a colaboração científica;
- f) A definição de políticas de acesso com a padronização de metadados e o uso de outros recursos (*thesaurus*) condicionado ao controle de vocabulário na recuperação de dados;
- g) Uma gestão eficiente do conhecimento com organização, armazenamento e disponibilidade da produção científica de forma acessível e aberta (Fujita, 2022; Weitzel, 2019);
- h) O aumento da visibilidade e reconhecimento da instituição proporcionado pelo impacto de artigos oriundos de teses e dissertações no cenário científico (Leite e Costa, 2007);
- i) O aumento do índice altimétrico de pesquisadores visando sua produção científica;
- j) A promoção da ciência aberta aliada ao movimento *open science* torna a produção científica acessível a todos sem barreiras financeiras ou tecnológicas (Gomes, 2014; Marques, 2020; Medeiros e Ferreira, 2014) proporcionando a construção de um conhecimento mais inclusivo e colaborativo;
- k) A integração com os valores da instituição preserva e dissemina o conhecimento reforçando o papel estratégico das bibliotecas universitárias (Ficht *et al.*, 2019; Silva, Santos e Conduru, 2018) na aquisição, organização e disponibilização de recursos informacionais em consonância com objetivos da instituição;

Como se observa, diversos são os benefícios desta categoria. A Figura 2, a seguir, apresenta a descrição entre as categorias de análise:

**Figura 2** – Categorias e Subcategorias



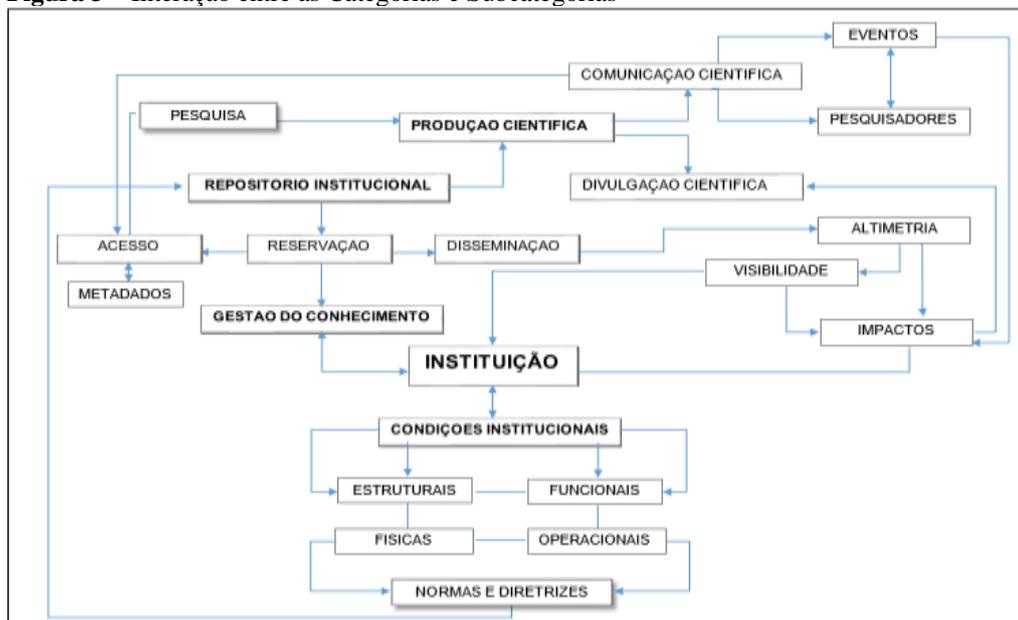
Fonte: elaboração própria.

Pela figura acima, os repositórios institucionais são recursos tecnológicos essenciais para a gestão do conhecimento científico, pois promovem o acesso aberto, a preservação digital e a disseminação eficiente da produção científica. Desta forma, contribuem para a gestão do conhecimento e a promoção da ciência aberta, além de potencializar o reconhecimento da instituição no cenário científico global. A adoção de normas e padrões, aliada à colaboração de professores e coordenadores, gestores, bibliotecários e profissionais de tecnologia tornam-se essenciais para garantir que o conhecimento chegue a sociedade.

Portanto, a partir da apresentação dos dados compreendemos que as categorias têm um elo de ligação. Se por um lado temos o acesso a produção científica da pós-graduação utilizando o repositório institucional como um recurso de gestão do conhecimento da universidade, em outro sentido, temos a disseminação da produção científica como um produto da gestão do conhecimento na pós-graduação. Assim, potencializa a produção científica da universidade. Produção científica e gestão do conhecimento estão intimamente relacionados, assim como o acesso, a preservação e a disseminação também são os contributos inter-relacionados do repositório institucional.

A Figura 3, a seguir, demonstra a relação que existe entre as categorias:

**Figura 3** – Interação entre as Categorias e Subcategorias



Fonte: elaboração própria.

Dito isto, a partir das categorias analisadas o estudo confirma o repositório institucional como recurso colaborativo no processo de gestão do conhecimento da universidade atuando antes do processo, durante o processo e depois do processo de produção científica. Neste sentido, o acesso, a preservação e a disseminação da produção científica são as maiores contribuições para a pesquisa científica de uma instituição que defenda o acesso aberto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo principal desta pesquisa está em compreender como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação *stricto sensu* da UESB, no campus de Vitória da Conquista, os achados da pesquisa, ainda que pudessem trazer um norte para as análises e discussão, não podem ser considerados a última palavra para uma discussão acadêmico-científica sobre o assunto. Talvez fosse necessário realizar uma pesquisa com maior número de participantes que envolvesse toda a comunidade universitária e não somente um percentual dos segmentos. Ainda assim, descrevemos como ocorre o processo de gestão do conhecimento da produção científica (teses, dissertações e artigos), identificamos as prováveis condições institucionais para a implementação de um repositório institucional sugeridas pelos participantes da pesquisa e avaliamos quais as contribuições que um repositório institucional traz para a pós-graduação (*stricto sensu*), e, conseqüentemente, para a própria universidade UESB. Ao final, propomos uma análise e discussão dos dados.

No entanto, a partir dos objetivos descritos, a pesquisa tem uma concepção empírica de natureza aplicada com abordagem qualitativa de caráter exploratória. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com aplicação de um roteiro semiestruturado composto por blocos de perguntas. Sobretudo, a escolha dos participantes ocorreu de forma aleatória nos segmentos que compõe a pós-graduação como coordenadores, professores, discente, secretários e o administrativo da pós-graduação. As entrevistas contaram com um total de quinze participantes o que fez dez horas e quinze minutos de gravação. Os achados procederam pela análise de conteúdo sob a perspectiva de Bardin (2011) e os relatos das entrevistas foram organizados em categorias conforme o referencial teórico. A análise e discussão está organizada em grupos de segmentos dos participantes. Para a fase de análise dos resultados, a escrita teve um enfoque descritiva o que foi realizado com base nas categorias de análise.

Ao final, entendemos que a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista-BA, necessita passar por um processo de readequação ou melhoramento de suas condições estruturais e funcionais para que o repositório institucional possa atuar na gestão do conhecimento e alavancar ainda mais a produção científica da universidade. Todavia, quando se procura conhecer uma organização em profundidade, ou conhecer algum de seus segmentos, melhor seria que os gestores da organização reunissem dados ou informações das suas necessidades ou das suas próprias fragilidades. Para a

implementação de um recurso tecnológico, que tem como objetivo apoiar a gestão do conhecimento científico, este procedimento não é diferente. Um projeto ou uma ação desta magnitude precisa envolver toda a comunidade acadêmica e científica da universidade. Ações devem estar descritas no escopo do projeto como um passo a passo para concretizar com sabedoria a iniciativa e toda a comunidade possa ganhar confiança.

Contudo, esta pesquisa de mestrado pode ser considerada como uma contribuição aos ensejos que a universidade vive em seu cotidiano, uma vez que o autor da pesquisa vem trazer voz aos participantes. De outro modo, a pesquisa pode ser compreendida como uma fase que antecede a um projeto de implementação em que se faz um levantamento preliminar das necessidades e das condições das estruturas da universidade. Via de regra, é colher as primeiras impressões daqueles que estarão diretamente ligados com o repositório institucional.

Do ponto de vista teórico, há que se acrescentar que a pesquisa reúne uma literatura formada por diversos artigos que abordam o tema em seus mais diversos ângulos. A pesquisa é um estudo aplicado em uma universidade o resulta em desdobramentos de outros trabalhos acadêmicos. Desta forma, possibilita novas discussões em grupos de pesquisas sobre este tema tão emergente nas instituições de ensino superior. Todavia, as universidades são sistemas organizacionais crescentes e suas demandas são contínuas e complexas. Portanto, em virtude do crescimento organizacional a literatura sobre repositório institucional e gestão do conhecimento não se limita e não se esgota.

Como limites e dificuldades da pesquisa, podemos citar a necessidade de envolver um número maior de público participante que poderia ter sido realizada com uma pesquisa quantitativa, o que não ocorreu de fato. Desta forma, a abordagem seria quali-quantitativa e a pesquisa teria mais dados como resultados para serem analisados e discutidos, inclusive estatisticamente. Um outro ponto a ser considerado seria a participação massiva dos discentes, pois são eles que fazem a instituição estar sempre buscando alternativas de melhorias e resultados significativos para uma educação de qualidade. A isto, também chamamos de gestão do conhecimento, ou seja, o envolvimento da comunidade universitária nas discussões coletivas da UESB no sentido de fortalecer os debates acadêmicos.

Um outro ponto a ser considerado é a implantação de um grupo de trabalho ou um grupo de pesquisa que possa tratar este tema de forma contínua na universidade. Ciência aberta é algo contínuo. Promover estudos e discussões dos seus vieses só aumentam a visibilidade da instituição e promove uma melhor amplitude do conhecimento científico. Certamente, esta ação possibilitaria um diálogo mais fluido com a pós-graduação e com as estruturas administrativas

da UESB. Entendemos esta questão como um desafio futuro. Todavia, sugerimos que a pesquisa seja aplicada também nos outros campi da UESB para que possamos compreender se o objeto de estudo se aplica ou diverge da reflexão apresentada.

Por fim, iniciar na vida acadêmica a nível de mestrado trouxe uma grande responsabilidade e uma mudança de perspectiva anteriormente ainda não observada. Os ganhos em termos de amadurecimento acadêmico-científico são impressionantes. O mestrado abre possibilidades para estudos futuros e quem sabe o amadurecimento de novos vieses deste objeto de pesquisa. Passar de uma perspectiva imaginária para uma perspectiva realista e contributiva sobre determinados eventos ou situações.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 12 set. 2024.
- ALMEIDA, Luiz Fernando Correia; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. Comunicação científica e o repositório institucional no âmbito do PPGE/UFAM. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24857>. Acesso em: 19 set. 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 15472**: Rio de Janeiro: ABNT, 2011. Disponível em: <https://www.normas.com.br/autorizar/visualizacao-nbr/13167/identificar/visitante>. Acesso em: 10 de nov. 2024.
- ALVES, Virgínia Bárbara Aguiar. ARQUIVO ABERTO: VIA VERDE OU VIA DURADA? Ponto de Acesso, [s.l.], v. 2, p. 127, 2008. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1780> Acesso em: 10 mar. 2025.
- BAILEY JR., Charles W. **Open Access Bibliography**: liberating scholarly literature with e-prints and open access journals. Washington, DC: Association of Research Libraries, 2005. 129 p. Disponível em: <http://digital-scholarship.org/oab/oab.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2001. 200 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod\\_resource/content/1/BARDIN\\_L\\_1977\\_Analise\\_de\\_conteudo\\_Lisboa\\_edicoes\\_70\\_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf). Acesso em: 20 de jul. 2024.
- BATISTA, Fábio Ferreira; COSTA, Veruska da Silva. Alinhando o modelo, o método de implementação e a prática de gestão do conhecimento (GC): o caso do Repositório do Conhecimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (RCIpea). **Revista do Serviço Público**, [s.l.], v. 64, n. 1, p. 59–76, 2014. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/115>. Acesso em: 21 set. 2024.
- BAZILIO, Ana Paula Matos; GRACIOSO, Luciana de Sousa. Análise da produção científica brasileira e portuguesa sobre o tema repositório: um estudo a partir do RCAAP. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 246–261, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2236-417X.2020v10n3.55902. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/55902>. Acesso em: 21 set. 2024.
- BORGES, Leandro da Conceição; GONÇALVES, Andressa Gonçalves; SILVA, Diego Martins Aragão; VASCONCELOS, Bruna Beltrão Belinato; VITIELO, Barbara Christian. Potencialidade dos repositórios institucionais das universidades federais brasileiras: apontamentos sobre software, equipe, manual tutorial e política. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 245-265, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/40637/2/2019\\_Potencialidades%20dos%20reposit%C3%B3rios%20institucionais%20das%20universidades%20federais%20brasileiras%20apontamentos%20sobre%20software%2c%20equipe%2c%20manual%2c%20tutorial%20e%20pol%C3%ADtica.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/40637/2/2019_Potencialidades%20dos%20reposit%C3%B3rios%20institucionais%20das%20universidades%20federais%20brasileiras%20apontamentos%20sobre%20software%2c%20equipe%2c%20manual%2c%20tutorial%20e%20pol%C3%ADtica.pdf). Acesso em: 02 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pós-graduação *stricto sensu* tem mais de 350 mil alunos matriculados**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/pos-graduacao-stricto-sensu-tem-mais-de-350-mil-matriculados>. Acesso em: 11 set. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Pec/msg1078-951015.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Pec/msg1078-951015.htm). Acesso em: 07 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-graduação – PNPG (2024-2028)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: [www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023\\_pnpg\\_2024\\_2028.pdf](http://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023_pnpg_2024_2028.pdf). Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **BDTD**. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Brasília, DF: Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação, 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/servicos/informacao-cientifica/bdtd>. Acesso em: 01 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação - MCTI. **INSTITUTO BRASILEIRO DE INOVAÇÃO CIENCIA E TECNOLOGIA – IBICT**. Conheça as dez primeiras instituições brasileiras da 11ª edição do Ranking Web of Repositories. Notícia. 2021b. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2021/maio2021/conheca-as-dez-primeiras-instituicoes-brasileiras-da-11a-edicao-do-ranking-web-of-repositories>. Acesso em: 1 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Instituto disponibiliza repositório comum a pesquisadores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/instituto-disponibiliza-repositorio-comum-a-pesquisadores>. Acesso em: 01 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 13, de 15 de fevereiro de 2006**. Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos. Brasília, DF.: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=822>. Acesso em: 5 set. 2024.

CAMPBELL-MEIER, Jennifer. A Framework for Institutional Repository Development. **Library Administration and Organization**, v. 30, p. 151-185, 2011. Disponível em: [https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/s0732-0671\(2011\)0000030006/full/html](https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/s0732-0671(2011)0000030006/full/html) Acesso em: 20 jul. 2024.

CHAN, Leslie; CUPLINSKAS, Darius; EISEN, Michael; FRIEND, Fred; GENOVA, Yana; GUEDON, Jean-Claude; HAGEMANN, Melissa; HARNAD, Stevan; JOHNSON, Rick; KUPRYTE, Rima; MANNA, Manfredi-La; VER, Isteván; SEGBERT, Monika; SOUZA, Sidnei; SUBER, Peter; VELTEROP, Jan. **BOAI**: Budapest Open Access Initiative. 2002. Disponível em: <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read/> Acesso em: 15 set. 2024.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 12ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2016. 640 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-3wdDAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 de jul. 2024.

COSTA, Sely Maria de Souza; LEITE, Fernando César Lima. Repositórios institucionais: potencial para maximizar o acesso e o impacto da pesquisa em universidades. *In*: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA, 1, 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. 10 p. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1015/1/EVENTO\\_RepositorioInstitucional.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1015/1/EVENTO_RepositorioInstitucional.pdf). Acesso em: 17 set. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/696271/mod\\_resource/content/1/Creswell.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/696271/mod_resource/content/1/Creswell.pdf). Acesso em: 20 jul. 2024.

CROW, Raym. The case for institutional repositories: a SPARC position paper. **Association of Research Libraries**, 2002. Disponível em: <https://sparcopen.org/wp-content/uploads/2016/01/instrepo.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2006.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Disponível em: <https://acervo.ufrn.br/Record/oai:localhost:123456789-12377>. Acesso em 13 nov. 2024.

DEMETRES, Michele R.; DELGADO, Diana; WRIGHT, Drew N. The impact of institutional repositories: a systematic review. **Journal of the Medical Library Association (JMLA)**, v. 108, n. 2, p. 177–184, 2020. Disponível em: <https://jmla.pitt.edu/ojs/jmla/article/view/856>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DROESCHER, Fernanda Dias; SILVA, Edna Lúcia. O pesquisador e a produção científica. *Perspectiva em Ciência da Informação*. [s.l.], v.1, p. 170-189, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/ww5zR3KhYCK65bPkWJyTQtf/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DUARTE, Rosália. Entrevista em pesquisa qualitativa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FACHIM, Gleisy Regina Bories; STUMM, Jaqueline; COMARELLA, Rafaela Lunardi; FIALHO, Francisco; SANTOS, Neri. Gestão do conhecimento e a visão cognitiva dos repositórios institucionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v 14, n.2, p. 220-236, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/z637JHjRXbv36vHmYLxJvsk/?lang=pt>. Acesso em 20 jul. 2024.

FARIAS, Ronnie Anderson N.; REZENDE, Angerlânia; de LIMA, Izabel França. Diagnóstico de preservação digital dos repositórios institucionais das universidades públicas

nacionais: metadados de preservação. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 29, e-126568, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/126568> Acesso em: 20 jul. 2024.

FERNANDES, Valdir. O porque & onde publicar. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, v.57, n.3, p. 516-518, 2022. Disponível em: [https://www.rbciamb.com.br/Publicacoes\\_RBCIAMB/article/view/1439/22](https://www.rbciamb.com.br/Publicacoes_RBCIAMB/article/view/1439/22) Acesso em: 02 set. 2024.

FERRAZ, Paula Brito Pereira. **Mapeamento da Produção Acadêmica da Universidade Federal da Bahia à Luz dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. 2023. 209 p. Dissertação (Mestrado em Administração), Programa de Pós-graduação em Administração Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: [https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=1289](https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=1289) Acesso em: 20 jul. 2023.

FERREIRA, Aurélio Fernando; SILVA, Valéria Bastos. Produção científica: conceitos, iniciativas e fatores implicadores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO – ENEBD. REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA, 34, 2012, Manaus. **Anais [...]**. Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/enebd2011/article/view/45>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FICHT, Nádia; DE PAIVA, Andreia Del Conte; GONÇALEZ, Paula Regina Ventura Amorim; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. Universidades brasileiras e seus repositórios institucionais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l.], v. 15, p. 191–202, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1343>. Acesso em: 22 maio 2024.

FONSECA, André Azevedo da. Comunicação das universidades ainda despreza interesse público. **Observatório da Imprensa**, ed. 1042, 18 de junho 2019. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ciencia/comunicacao-das-universidades-ainda-despreza-interesse-publico/>. Acesso em: 18 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2024.

FUJITA, Mariângela Spotti L. Sistematização de modelo de avaliação do controle de vocabulários em repositórios: relato de pesquisa com o Repositório Institucional Unesp. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 20, n. 00, p. e022013, 2022. DOI: 10.20396/rdbci.v20i00.8668751. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8668751> Acesso em: 20 jul. 2024.

FUJITA, Mariângela Spotti L. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da rede de bibliotecas da UNESP. **Revista Informação & Sociedade**, [s.l.] v. 15, n. 2, p. 97-112, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/33/1514> Acesso em: 20 jul. 2024.

FUJITA, Mariângela Spotti L.; TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal Evedove. Análise de palavras-chave da produção científica de pesquisadores: o autor como indexador. **Revista Informação & Informação**, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 332–374, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n3p332. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/41866> Acesso em: 20 jul. 2024.

GOMES, Sandra L. R. O Acesso Aberto ao conhecimento científico: o papel da universidade brasileira. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2014. DOI: 10.3395/reciis.v8i2.618. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/618/1584> Acesso em: 31 jul. 2024.

GOMES, Maria João; ROSA, Flávia Goulart. **Repositórios Institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2010. 204 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/616> Acesso em: 02 ago. 2024.

GONZALEZ-PEREZ, Laura Icela; RAMIREZ, Maria Soledad; PENALVO, Francisco Garcia. User Experience of an Institutional Repository in a Private University in Mexico: a fundamental component in the framework of open science. **Journal of Information Technology Research**, v. 12, n. 4, p. 67-87, 2019. Disponível em: <https://is.gd/FLp7Oc>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa-antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa-antonio_carlos_gil.pdf) Acesso em: 20 jul. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 24 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1236> Acesso em: 20 jul. 2024.

HARNAD, Stevan. “The research-impact cycle”. **Information services & uses**. v.23, p.139-142, 2023. Disponível em: <https://content.iospress.com/articles/information-services-and-use/isu391>. Acesso em: 20 jul. 2024.

HARNAD, Stevan. BRODY, Tim; FRANCOIS; Vallières. CARR, Les. HITCHCOCK, Steve; GINGRAS, Ives; OPPENHEIM, Charles; STAMERJOHANN, Heinrich; HILF, Eberhard R. The Access/Impact Problem and the Green and Gold Roads to Open Access. **Serials Review**, [s.l.], v. 30, n. 4, p. 310–314, 2004. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00987913.2004.10764930>. Acesso em: 23 set. 2024.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. 10. ed. São Paulo: EPU, 2007. Disponível em:

<https://home.ufam.edu.br/salomao/PIBIC/Kerlinger%20-%202,%203%20e%204.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

KRUGER, Juliano M. Metodologia da Pesquisa em Administração - linguagem descomplicada). 1ª Ed. Curitiba: Bagai, 2023. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/metodologia-da-pesquisa-em-administraopdf/267290489>. Acesso em: 26 set. 2024.

KURAMOTO, Hélio. Acesso Livre: uma solução adotada em todo o globo; porém, no brasil parece existir uma indefinição. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, [s.l.] v. 8, n. 2, p. 166-179, 2014. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/>. Acesso em: 09 set. 2014.

LAWRENCE, Steve. Free online availability substantially increases a paper's impact. **Revista Nature**, [s.l.], v. 411, n. 6837, p. 521, 2001. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/35079151> Acesso em: 10 jun. 24.

LEITE, Fernando Cesar L.; COSTA, Sely Maria de Souza. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 11, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23746>. Acesso em: 5 out 2023.

LEITE, Fernando Cesar. **Como ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto**. Brasília: IBICT, 2009. 209 p. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/775/4/Como%20gerenciar%20e%20ampliar%20a%20visibilidade%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20brasileira.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.

LYNCH, Clifford A. Institutional Repositories: Essential Infrastructure For Scholarship In The Digital Age. **Libraries and the Academy**, [s.l.], v. 3, 2003. p. 327-336. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/42865/pdf> Acesso em: 10 out. 2023

MANSO, Bruno L. C. Divulgação científica: o desafio de popularizá-la na própria ciência. **Revista do Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura**, [s.l.], v. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/2324>. Acesso em 12 out. 2024.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação orientada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 720p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4069118/mod\\_resource/content/1/Malhotra\\_20\\_AnaliseDeAgrupamentos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4069118/mod_resource/content/1/Malhotra_20_AnaliseDeAgrupamentos.pdf) Acesso em: 20 jul. 2024.

MARCONDES, Carlos Henrique; SAYÃO, Luís Fernando. Software livre para repositórios institucionais: alguns subsídios para a seleção. In: SAYÃO, Luís *et al.* **Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 23-54. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273122773\\_Implantacao\\_e\\_gestao\\_de\\_repositorios\\_institucionais\\_politicas\\_memoria\\_livre\\_acesso\\_e\\_preservacao](https://www.researchgate.net/publication/273122773_Implantacao_e_gestao_de_repositorios_institucionais_politicas_memoria_livre_acesso_e_preservacao) Acesso em: 22 jul. 2024

MARTINS, Henrique Castro. A importância da Ciência Aberta (Open Science) na pesquisa em Administração. **Revista de Administração Contemporânea**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 1-2,

2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/xdsnKjbRg6BD6nzFXnKnVhb/?lang=pt>  
Acesso em: 12 set. 2024.

MARTINS FILHO, José. **Em defesa das universidades**. Brasília: Crub, 1997.

MARQUES, Clediane de Araújo Guedes. Gerenciamento de repositórios digitais: apontamentos práticos para o desenvolvimento dos repositórios institucionais. **Convergências em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 3, n.2, p. 135-162, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/13438>. Acesso em: 03 set. 2024.

MEDEIROS, Simone Assis; FERREIRA, Patrícia Aparecida. Política pública de acesso aberto à produção científica: um estudo sobre a implementação de repositórios institucionais em instituições de ensino superior. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 195–217, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/4961>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MEADOWS, Antony J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/657034872>. Acesso em a6 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

MIRANDA, Izabel Antonina de Araújo; DELFINO, Jussara das Graças Miranda. Repositórios Institucionais: novos desafios para as Bibliotecas e para os Bibliotecários. **BRAPCI**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 52-64, jan. 2016. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/17086> Acesso em: 16 nov. 2023.

MONTEIRO, Elisabeth Cristina S Aguiar; SENA, Priscila; SANT´ANA, Ricardo C Gonçalves; BLATTMAN, Úrsula. Repositório de dados como forma de organização do conhecimento e desenvolvimento científico. In: CONGRESSO ISKO ESPANHA E PORTUGAL, 4. Barcelona, Espanha; 2019, **Anais [...]**. Barcelona, Espanha: ISKO, 2019. Disponível em: <https://fima.ub.edu/isko2019/sites/isko2019/files/2019-05/isko96.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

MORIN, Edgard. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. In: MORIN, Edgar; Maria Conceição de Almeida; Edgard de Assis Carvalho (org.). 5. ed. São Paulo: Cortez: 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4415460/mod\\_resource/content/1/Complementar%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20complexidade\\_Morin.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4415460/mod_resource/content/1/Complementar%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20complexidade_Morin.pdf). Acesso em: 18 set. 2024.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 46, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4421>. Acesso em: 19 set. 2024.

NASCIMENTO, André Gonçalves; QUEIROZ, Claudete Fernandes; ARAÚJO, Luciana Danielle. Garantindo acervos para o futuro: Plano de preservação digital para o Repositório Institucional Arca. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 48, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4924>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 2004. Disponível em: <https://acervo.ufrn.br/Record/oai:localhost:123456789-115910/Versions> Acesso em: 20 jul. 2024.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Gestão Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008. Disponível em: [https://kupdf.net/download/gest-atilde-o-do-conhecimento-takeuchi-e-nonaka\\_590f8db0dc0d602c49959e86\\_pdf](https://kupdf.net/download/gest-atilde-o-do-conhecimento-takeuchi-e-nonaka_590f8db0dc0d602c49959e86_pdf) Acesso em: 15 out 2023.

PIMENTA, Ricardo M.; SILVA, Leyde Qlebia R.; RANGEL, Thayron Rodrigues. **Informação e Memória**. Perspectivas em movimento. Rio de Janeiro: IBICT, 2001. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1244/1/pimenta.pdf> Acesso em: 03 set. 2024.

RODRIGUES, Kátia de Oliveira; BARROS, Susane; ROSA, Flávia Goulart; LESSA, Bruna. Percepção de pesquisadores de instituições públicas acerca da ciência aberta. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35417>. Acesso em: 16 set. 2024.

ROSA, Flavia Goulart Mota Garcia. **A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do Repositório Institucional**: uma política de acesso aberto. 2011. 242 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3031/1/Tese%20Flavia.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto; WANDERLEY, José Carlos Vieira; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria de Holanda de Melo. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012. 331 p. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/pesquisa-socialpdf/257492523>. Acesso em 11 abr. 2025.

RIOS, Fabiana Pinto; DE OLIVEIRA, Elaine R.; AMORIM, Igor Soares. Manifestos do movimento de acesso aberto: Análise de domínio a partir de periódicos brasileiros. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.15, n.1, 2019. Disponível em: <http://www.rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/1152/1103> Acesso em: 24 mar. 2024.

RWU - RANKING WEB OF UNIVERSITIES. Transparent Ranking: Institutional Repositories by Google Scholar (August 2024). **Ranking Web of Repositories**. [S.l.]. 2024. Disponível em: <https://repositories.webometrics.info/en/node/32>. Acesso em: 01 out. 2024

SANTOS, Davilene Souza; ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. O movimento de acesso aberto e a UFBA: dez anos de implantação do repositório institucional. **Ponto de Acesso**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 97–116, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/36682>. Acesso em: 10 set. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília, Escola Nacional de Administração Pública (Enap), 2021. Disponível em: [https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise\\_de\\_conteudo\\_categorial\\_final.pdf](https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf). Acesso em: 23 mar. 2025.

SHEHATTA, Ibrahim; AL-RUBAISH, Abdullah M.; MAHMOOD, Khalid. Ranking Web of Universities: A Webometrics é um Ranking Acadêmico Confiável? **Pakistan Journal of Information Management and Libraries**, [s.l.], v. 22, p. 103–135, 2020. Disponível em: <http://journals.pu.edu.pk/journals/index.php/pjiml/article/view/2631>. Acesso em: 1 out. 2024.

SILVA, Lisiane Vasconcelos da; MACHADO, Lisiane; SACCOL, Amarolinda; AZEVEDO, Débora. **Metodologia da Pesquisa em Administração**: uma abordagem prática. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000045/000045b4.pdf> Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVA, Victória Fernandes; OLIVEIRA, Isabela Arlochi; AMADO, Bruno Neves; SANTOS, Luan. Mapeamento e Avaliação de Práticas de Desenvolvimento Sustentável nos Projetos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Campus Macaé. *In: ENEGEP 2018 - Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/329060900\\_MAPEAMENTO\\_E\\_AVALIACAO\\_D\\_E\\_PRATICAS\\_DE\\_DESENVOLVIMENTO\\_SUSTENTAVEL\\_NOS\\_PROJETOS\\_DA\\_UNIVERSIDADE\\_FEDERAL\\_DO RIO DE JANEIRO UFRJ CAMPUS MACAE](https://www.researchgate.net/publication/329060900_MAPEAMENTO_E_AVALIACAO_D_E_PRATICAS_DE_DESENVOLVIMENTO_SUSTENTAVEL_NOS_PROJETOS_DA_UNIVERSIDADE_FEDERAL_DO RIO DE JANEIRO UFRJ CAMPUS MACAE) Acesso em: 20 jul. 2024.

SILVA, Regiane Vanessa de Souza Baía da; SANTOS, Ana Cristina Gomes; CONDURU, Marise Teles. A construção de repositórios institucionais em bibliotecas universitárias. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 20, Salvador, 2018. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2028. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5492>. Acesso em: 30 set. 2024.

SILVEIRA, Lúcia; FERREIRA, Manuela K.; BARBOSA, Amanda Dal’Agnol; CARAGNATO, Sonia Elisa. Citação de dados científicos: scoping review. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s. l.], v. 25, p. 1–31, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e72153. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72153>. Acesso em: 10 set. 2024.

SLEUTJES, Maria Helena Silva Costa. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 99-101, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/7639>. Acesso em: 7 set. 2024.

SOUZA, Luís Eugênio Portela Fernandes. O desafio da avaliação da produção científica. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 29, p. 1717-1719, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gjSmKMvNscwnsS4xTrDW9zk/>. Acesso em: 18 set. 2024.

STANDARD INTERNATIONAL ORGANIZATION. **ISO 25964-1: 2011**. Disponível em: <https://www.iso.org/standard/53657.html>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal’Evedove. Representação temática em repositórios institucionais de bibliotecas universitárias: a percepção de gestores e bibliotecários catalogadores-indexadores da USP, UNESP e UNICAMP. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 18, n.00, p. e020030, 2020. DOI: 10.20396/rdbci.v18i00.8660803. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8660803> Acesso em: 20 jul. 2024.

TOMAEL, Maria Inês; DA SILVA, Terezinha Elisabeth. Repositórios Institucionais: diretrizes para políticas de informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8. Salvador, 2007. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/schedConf/presentations> Acesso em 23 jul. 2024.

UNESP. Instituto de Ciência e Tecnologia – Campus de Sorocaba. Qual a diferença entre o Portal de Teses da Capes e as BDTDs do IBCT? **Biblioteca**. Sorocaba, 2013. Disponível em: <https://www.sorocaba.unesp.br/#!/biblioteca/diferenca-entre-bdtd-e-capes/>. Acesso em: 7 set. 2024.

UNICAMP. Faculdade de Tecnologia da Unicamp. Boas práticas científicas e Open Science. **Faculdade de Tecnologia**. Pesquisa. Campinas: [2022]. Disponível em: <https://www3.ft.unicamp.br/pt-br/pesquisa/boas-praticas-cientificas>. Acesso em: 12 set. 2024.

VALEIRO, Palmira Moriconi; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Da comunicação científica à divulgação. **Transinformação**, v. 20, n. 2, p. 159–169, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862008000200004&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862008000200004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 19 set. 2024.

VIANA, Cassandra Lúcia; ARELLANO, Miguel Angel; SHINTAKU, Milton. Repositórios institucionais em ciência e tecnologia uma experiência de customização do DSpace. *In: SIMPÓSIO DE BIBLIOTECAS DIGITAIS*, 3. 2005. **Anais** [...] 2005. Disponível em: <http://eprints.relis.org/archive/00005563/01/viana358.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

VIANNA, Sheila Maria de Vasconcellos; CARVALHO, Rogerio Atem. Benefícios da implantação de repositório institucional na preservação da memória institucional. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 25. Florianópolis, 2013. **Anais** [...], Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/1613> Acesso em: 07 dez. 2023.

VIEIRA, Marcelo Milano F. Por uma boa pesquisa qualitativa em administração. *In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (org.). Pesquisa qualitativa em administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: FVG, 2006.

WEITZEL, Simone da Rocha. O mapeamento dos repositórios institucionais brasileiros: perfil e desafios. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s.l.], v. 24, n. 54, p. 105–123, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p105>. Acesso em: 31 jul. 2024.

## APÊNDICE

### I - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

<b>O REPOSITÓRIO NO PROCESSO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO DO ENSINO SUPERIOR</b>
---

Programa de Pós-graduação: ( ) Doutorado ( ) Mestrado

Nome do Programa: \_\_\_\_\_

Entrevistado: \_\_\_\_\_ e-mail: \_\_\_\_\_

Vínculo institucional: Coordenador/a ( ) Docente ( ) Discente ( ) Secretário(a) ( ) Apoio administrativo

<b>BLOCO A – Produção Científica</b>
--------------------------------------

- |   |
|---|
| a) Como você entende o processo de formação do conhecimento científico?                               |
| b) Como você avalia a comunicação da produção científica na universidade?                             |
| c) Na sua opinião, a ciência aberta tem favorecido a disseminação do conhecimento no ensino superior? |
| d) Na sua opinião, a sociedade tem percebido o conhecimento científico promovido pelas universidades? |

<b>Autores:</b> Ferreira e Silva (2012), Albagli (1996), Gomes (2014), Manso (2012), Rodrigues <i>et al.</i> (2019)
---

<b>BLOCO B – Condições Institucionais</b>
---

- |  |
|--|
| a) Como você entende um repositório institucional de uma universidade?                                   |
| b) Como percebe as condições institucionais estruturais de um Repositório Institucional na Universidade? |
| c) Como percebe as condições institucionais funcionais de um Repositório Institucional na Universidade?  |
| d) Quais as condições ideais para um pleno funcionamento de um Repositório Institucional?                |

<b>Autores:</b> Crow (2002); Lynch (2003); (Farias; Rezende; Lima, 2023);
---

<b>BLOCO C – Gestão do Conhecimento</b>
---

- |  |
|--|
| a) Como você entende “a produção e a disseminação de uma produção científica” na universidade? |
| b) Como você tem percebido a gestão do conhecimento na universidade?                           |
| c) Você já acessou ou consultou alguma plataforma de produção científica? Como foi o acesso?   |
| d) Como você entende informação e conhecimento?  |

<b>Autores:</b> Nonaka e Takeuchi (2008)
--

<b>BLOCO D – Contribuições de um Repositório</b>
--

- |  |
|--|
| a) Como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento na universidade?    |
| b) Como você percebe a preservação das produções científicas (artigos, teses e dissertações) na universidade?  |
| c) Como você percebe a disseminação das produções científicas (artigos, teses e dissertações) na universidade? |
| d) O que você entende por comunicação de dados interoperáveis?   |

<b>Autores:</b> Miranda e Delfino (2016), Queiroz e Araújo (2019), Leite (2009), Gonzalez-Perez, Ramirez e Penalvo. (2021)
--

## II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na condição de entrevistado (a) na pesquisa intitulada de “O REPOSITÓRIO NO PROCESSO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO DO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO NA UESB. A pesquisa tem como pesquisador responsável o discente Sr. Cássio Marcilio Matos Santos que é aluno do Mestrado em Administração (convênio nº 36/2022 PPA/UEM-UESB), que também realizará a entrevista. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Profº. Dr. Vitor Koki da Costa Nogami, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), a quem poderei consultar caso julgue necessário pelo *e-mail* [vitor.nogami@uem.br](mailto:vitor.nogami@uem.br). Afirmo que aceitei participar por vontade própria sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é construir uma dissertação de Mestrado tendo como objetivo **compreender como um repositório institucional pode contribuir no processo de gestão do conhecimento científico na pós-graduação, *stricto sensu*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no campus de Vitória da Conquista-Ba.** Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, a ser gravada e transcrita a partir da assinatura desta autorização. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados de identificação obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato como participante assegurando assim minha privacidade. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e seu orientador. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo ou da entrevista a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Vitória da Conquista - Ba, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

---

Assinatura do (a) participante

---

Assinatura do pesquisador